

CUNHA DE LEIRADELLA

GUERRILHA URBANA

ROMANCE

Vencedor do Prêmio Nacional
Clube do Livro de Literatura



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CUNHA DE LEIRADELLA

GUERRILHA URBANA

ROMANCE

Vencedor do Prêmio Nacional
Clube do Livro de Literatura



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CUNHA DE LEIRADELLA

GUERRILHA URBANA

ROMANCE

Vencedor do Prémio Nacional
Clube do Livro de Literatura



Table of contents

1. [Cover](#)

Guide

1. [Cover](#)

Cunha de Leiradella

GUERRILHA URBANA

Romance

Vencedor do Prêmio Nacional Clube do Livro de Literatura 1988



Copyright © Cunha de Leiradella
Leiradella, Cunha
Guerrilha Urbana

São Paulo, Editora Cintra, 2020

1. Romance Brasileiro

Editora Cintra: Leda Rita Nery Cintra-ME

CNPJ 10.328.764/0001-64

Revisão do Autor

Figura da capa: Alexandre Cintra Ferraz

Esta é uma obra de ficção.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Cintra

São Paulo, SP Brasil

Contato: Leda Cintra

Tel. 55 11 3731-7575

E-mail: leda.editoracintra@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Guerrilha Urbana (...) enfoca o vazio da convivência humana e toda a festividade política daquela época. (Lucélia Vilaça, *Jornal Estado de Minas* - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil - 11.04.1989)

Trata-se de uma pequena obra-prima, escrita com muita consciência estilística, um livro de primeira linha na atual literatura brasileira. (Fernando Py, *Jornal Diário de Petrópolis* - Petrópolis - Rio de Janeiro - Brasil - 25.06.1989)

Guerrilha Urbana é um romance altamente politizado e compromissado. (...) Denso. Contudente. Mas é, da mesma forma, a prática brilhante de um estilo simples e direto, com diálogos extremamente bem colocados que lembram (mas apenas como ponto de referência) os mestres Ernest Hemingway e Dashiell Hammett. (Roberto A. Previdi Froelich - Universidade do Arizona - *Suplemento Literário do Minas Gerais* - Belo Horizonte - Brasil - 21.07.1990)

Leiradella é dono de um discurso fluente e criativo, e neste texto soube recriar de modo convincente a prosódia da vernaculidade carioca, cujos ritmos nos entram no ouvido como se de pessoas vivas se tratasse. (John Parker, *Revista Colóquio Letras* - Lisboa - Portugal - julho/dezembro de 1991)

Em vez de enfocar um personagem em ***Guerrilha Urbana*** (1989), Cunha de Leiradella retrata um bairro de classe operária do Rio de Janeiro. (...) Trata-se de um caldeirão cinematográfico rotativo (...) Para reforçar sua intenção temática, Leiradella carrega o seu “palco” asfixiante com paralelos reminescentes da tragédia clássica, individualizando e emocionalizando toda a gama de interesses humanos dentro de parâmetros bem limitados e delineados no tempo e no espaço. (Malcolm Silverman - Universidade Estadual de San Diego, Califórnia - *Protesto e o Novo Romance Brasileiro*, tradução de Carlos Araújo, Editora da Universidade Federal de São Carlos e Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil - 1995)

para
Maria Adelaide,
a Bruxinha da Barra

A grande história verdadeira é a das invenções.

Raymond Queneau

Ô Zeza, Prestes sempre teve onde foi preciso. Ou você pensa que os congressos do partido são feitos ali na Praça XV, hem?

Uma vez eu quase fui a Moscou.

João, querendo impressionar Zeza.

Sou escritor. Mas que merda de escritor eu sou,
se nem eu sei se acredito no que escrevo?

Eduardo da Cunha Júnior, num acesso de baixo astral.

Não se pode confundir fé com convicção, Eduardo.

Auri, tentando colocar Eduardo na real

É isso aí, bicho. As gentes ainda vai fazer deste Brasil um paísão,
taí.

**Intelectual da Geração Paissandu, entre dois chopes,
depois de assistir o filme O Demônio das Onze Horas.**

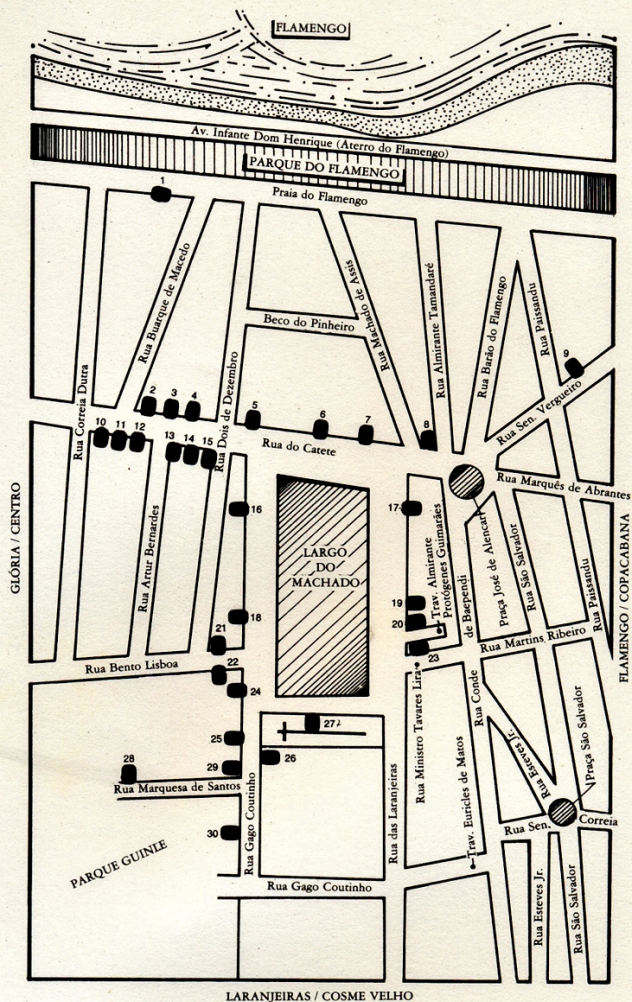
Podes crer, meu irmão. Podes crer. Só falta é começar.

**Luiz Antônio de Souza Pinto, entre dois chopes,
depois de assistir o filme O Demônio das Onze Horas.**

Em matéria de política não entendo nada.

Sou uma vaca fardada.

General Olímpio Mourão Filho, maio de 1964.



- | | |
|---|--|
| 1 – Conservatório Nacional de Teatro | 16 – Edifício e Galeria da Caixa Econômica Federal |
| 2 – Sapataria Flor do Catete | 17 – Bob's |
| 3 – Salão de Beleza Madame de Pompadour | 18 – Edifício Rio Grande |
| 4 – Magazin Rivera | 19 – Edifício e Galeria do Cine Condor |
| 5 – Figurino | 20 – Agência dos Correios |
| 6 – Café Lamas | 21 – Igreja Evangélica dos Divinos Sentimentos |
| 7 – Cinema São Luiz | 22 – Casa de Saúde São Sebastião |
| 8 – Lojas Americanas | 23 – Restaurante Na Brasa |
| 9 – Cinema Paissandu | 24 – Churrascaria Minuano |
| 10 – Magda's Salão de Beleza | 25 – Bar e Botiquim Rosa do Minho |
| 11 – Banco da Bahia | 26 – Colégio Caravelas |
| 12 – Itapoã Modas | 27 – Igreja de Nossa Senhora da Glória |
| 13 – Bar Acadêmico | 28 – Vila Rosa |
| 14 – Banco do Brasil | 29 – Hotel Sevilha |
| 15 – Livraria Pantheon | 30 – Edifício Euclides Moreira Montenegro |

O Pinto era assim mesmo. Luiz Antônio de Souza Pinto, vinte e seis anos altos, magros e morenos. Baiano de Santo Amaro, morava no Largo do Machado fazia cinco anos. Demitido do Banco da Bahia, em Salvador, veio morar no Rio de Janeiro com um irmão, contínuo do Banco do Brasil. Morou com ele seis meses, balconista de um armarinho da Rua Itapiru. No terceiro cheque sem fundos, cobrado na porta de casa, o irmão fechou-lhe a porta. O Pinto alugou um quarto num hotel da Avenida Mem de Sá, e começou trabalhando numa livraria da Rua Uruguaiana como vendedor de coleções a domicílio. Lá conheceu Eduardo da Cunha Júnior.

No fim do mês pagou a conta do hotel com cheque. Três dias depois, a porta do quarto trancada pela gerência, foi posto na rua sem bagagem. A secretária do departamento de vendas arrumou-lhe um quarto no Largo do Machado, em casa de umas parentas afastadas. No dia seguinte o Pinto escreveu para Santo Amaro, avisando a mãe que tinha comprado um carro novo.

Todas as manhãs entrava correndo no escritório, sorrindo para todo mundo. A vida é isto, meu irmão. Viver é preciso, navegar é navegar, como dizia o poeta. Mas hoje eu tiro o pé do lodo. Ah, tiro. Quinze coleções na maior, tá sabendo? Filava dois cigarros do supervisor de vendas, e saía, avisando que o chope já estava até encomendado. E pra todo mundo, viu? Pra todo mundo, que todo mundo é filho de Deus, é ou não é?

Almoçava sempre em casa, meio-dia em ponto, com as duas irmãs beatas e solteironas, D. Maria e D. Eugênia, que lhe davam cama, comida e roupa lavada por um aluguel que ele, sistematicamente, atrasava. Em compensação, ia à missa com elas todos os domingos. Quê que há, meu irmão? Custa alguma coisa ser educado, pô? Eu trato bem quem me trata bem, entendeu? Sou de chutar balde de ninguém não, quê que há?

Às duas horas, pontualmente, entrava no Café Lamas. Todos os dias o Pinto jogava, pelo menos, uma partida de sinuca. Quando não tinha parceiro, sentava no salão, assistia os jogos, e no fim desafiava os vencedores. No Largo do Machado não havia quem ganhasse do Pinto na sinuca. Tinha até quem dissesse que ele entendia mais de sinuca que de mulheres. Mas o Pinto não ligava. Despeito, meu irmão. Puro despeito. Quem pode, pode, é ou não é? Se eu sei pegar num taco, e esse pessoal não sabe nem pegar num cabo de vassoura, fazer o quê, hem? Pode quem pode, meu irmão, é ou não é?

À noite também jantava sempre em casa. Às seis horas, estivesse onde estivesse, largava tudo. As sete em ponto D. Maria e D. Eugênia serviam o jantar. É por nada não, meu irmão, mas é uma questão de

educação, entendeu? Se todo mundo, lá em casa, janta às sete, por quê que eu não havia de jantar também às sete, hem? Eu posso ser tudo, mas mal-educado sou não, deu pra entender?

Depois do jantar o Pinto ia no Conservatório Nacional de Teatro, na Praia do Flamengo. Dois anos antes tinha feito exame para o curso de ator, e passara. Mas seis meses depois, como ainda não tivesse apresentado o comprovante do segundo grau ginasial, foi proibido de assistir às aulas. Mas tem nada não, meu irmão. Um dia eu ainda entro aqui e boto todo mundo pra correr. Ah, boto, te garanto. Um dia eu ainda entro aqui e todo mundo vai é me bater palmas, você vai ver.

Chegava na porta, esperava os alunos entrarem, e ia para o bar da esquina bater papo com os garçons. Não que eu tenha, propriamente, desistido, entendeu? Só que prefiro me preparar melhor, sem essa de mais ou menos, tá entendendo? Ou faço bem feito, ou não faço, meu irmão. Terminadas as aulas, arrastava sempre alguém ao Café Lamas para a última partida da noite. Quê que há, meu irmão? Não tem cara que não dorme sem ler, ou sem trepar? Eu não durmo sem uma de sinuca, e aí? Cara, vai por mim, quando a gente pega o dia inteiro tirando minhoca do asfalto que nem eu, à noite tem é que manerar, é ou não é?

Depois da sinuca, a outra grande paixão do Pinto era a dança. Aprendeu a tocar violão, e com a desculpa da música não perdia festa em casa fosse de quem fosse. Conhecido, convidado, ou penetra. Não que eu goste, propriamente, de dançar, entendeu? Meu negócio é mais violão, João Gilberto, Luiz Bonfá, esses aí. Mas sabe como é que é, né? Num mexe-mexe legal não custa nada dar uma mãozinha, é ou não é?

Naquela sexta-feira, como sempre, às duas horas em ponto o Pinto entrou no salão de bilhar do Café Lamas. Dois conhecidos de vista jogavam uma partida. O Pinto sentou, e analisou o jogo. Beleza. Não dão nem pra saída. A partida termina, e o Pinto se levanta, sorrindo.

- Vai uma?

- Agora dá mais não.

- Nem pra ganhar, meu irmão?

- Tá na hora da gente ir.

O Pinto pega um taco.

- Quê que é isso, meu irmão? Umazinha só, pô.

- Outra hora a gente se vê, ocá?

Os jogadores saem, e o Pinto encosta no bilhar. Bem que podia sair uma. Custava alguma coisa, pô? Larga o taco em cima do bilhar, e sai também. Junto da porta, para. Muxiba, o empregado da tabacaria, camisa do Flamengo escorrendo suor no peito e nos sovacos, masca um chiclete. O Pinto encosta no balcão.

- Calor, hem, meu irmão?

- Demais, Seu Pinto. Demais.

- Tá abafado sim.

O Pinto olha os maços de cigarros nas prateleiras.

- Escuta. Será que dava pra me arrumar um Continental, hem?

Umzinho só, meu irmão?

Muxiba sorri, e aponta uma mesa no meio do salão.

- Dá não, Seu Pinto. Ó Seu Manuel lá.

O Pinto sorri também, e dá-lhe uma palmada no braço.

- Esquenta não, meu irmão. Esquenta não, que eu sei que tu é gente boa, gente fina. O careta aí é que é merda, é ou não é?

Muxiba encolhe os ombros, sempre sorrindo. O Pinto olha a rua, as ondas de ar quente subindo do asfalto. Nem sinuca, nem cigarros, ô diazinho mais fodido. Olha outra vez os maços de cigarros na prateleira.

- Meu irmão, tu é gente boa, gente fina, entendeu? Esquenta não, que o Brasil é nosso e tu ainda vai ser dono disto aqui, viu?

Sorri, e dá outra palmada no braço de Muxiba.

- O Brasil é nosso, meu irmão. Esquece não, o Brasil é nosso, viu?

Olha a rua, olha o salão, e puxa Muxiba por um braço.

- Escuta, meu irmão. Será que dava pra me emprestar quinhentinho, hem? Logo mais...

- Quê que é isso, Seu Pinto? Tou duro, duro.

O Pinto sorri, e dá outra palmada no braço de Muxiba.

- Esquenta não, meu irmão. Eu sei que tu é gente boa, gente fina, tá sabendo?

Encosta na porta, e olha os pombos esvoaçando em redor do chafariz, no meio do largo. Eta diazinho da merda. Nem sinuca, nem cigarros, nem... Epa, lá vai Eduardo.

- Eduardo. Ô Eduardo. Tudo bem, meu irmão?

Eduardo para. Lá vem merda.

- Quê que é?

O Pinto vai ao encontro dele.

- Como é que é, meu irmão? Tudo bem com você? Bem mesmo?

Hem?

- Quê que é?

- Vamos jogar uma?

- Vou pra casa.

- Pra casa, a esta hora? Quê que é isso, meu irmão?

Puxa Eduardo por um braço, e aponta o salão de bilhar.

- Uma só, pô. Umazinha só, meu irmão. Tá um calor do cão, quê que há?

Entram no salão de bilhar. Eduardo senta. Mas que merda. O Pinto chama o marcador, pega um taco, e arruma as bolas.

- Saio eu ou sai você?

Eduardo não responde. Eu sabia, puta que pariu. O Pinto começa jogando. Eduardo acende um cigarro. Eu sou é uma besta. Deitado sobre o bilhar, o Pinto olha as bolas, e sorri. Beleza. Beleza pura. Encaçapa a primeira, e olha Eduardo.

- Você sabe quem eu encontrei ainda agora?

Eduardo não responde. Lá vem merda.

- Lena. Bem na porta do correio.

Além de campeão de sinuca e bailarino, o Pinto conhecia todas as mulheres do Largo do Machado.

- E perguntou por você. No duro. Eu seja mico, meu irmão. Cadê Seu Eduardo, Seu Pinto? Faz um tempão que eu não vejo ele, poxa.

2

Joaquim Fernandes da Silva Mendes chegou no Brasil faz trinta anos. Primeiro filho de um mestre-pedreiro da Póvoa de Lanhoso, uma pequena vila do norte de Portugal, Joaquim Fernandes da Silva Mendes quase foi padre. Entrou no seminário de Braga aos onze anos, empistolado pelo padrinho, regedor da freguesia de São Paio de Brunhais. Aos vinte e dois anos, um antes de cantar missa, Joaquim Fernandes da Silva Mendes desistiu do sacerdócio.

- Não vou mais a padre, meu pai.

- Rapaz, padre, a vida tinha-la ganha.

- A vida hei de ganhá-la.

- Amanhando pedras pros outros e casando com a Guilhermina de Sequeiros? Sai padre, rapaz. Sai padre, que a rapariga lá te irá ter aos lençóis.

- Quero ir pró Brasil. Os Torneiras também pra lá foram, e lá estão, podres de ricos.

- Que Deus te abençoe, rapaz.

Joaquim Fernandes da Silva Mendes desembarcou no Rio de Janeiro numa quarta-feira de cinzas, uma nota de quinhentos escudos no bolso, uma mala de porão com três pares de lençóis de estopa, duas mantas de farrapos, três ternos de cotim, uma lata de cinco litros de azeite, e um garrafão de vinho verde. Seu Lino Ferrador, um primo afastado da mãe, dono de um bar em Cachambi, a quem Joaquim vinha recomendado, foi esperá-lo no Cais do Porto.

- Tu arribaste numa terra de trabalho, rapaz. A árvore das patacas já secou. Foi tempo que se vinha pró Brasil e se ganhava bom dinheiro. Agora, é trabalhar, e trabalhar duro, rapaz, que sem trabalho ninguém come, ouviste?

- Sim senhor.

- Quando eu cá arribei, não tive ninguém que me desse a mão, como tu me tens a mim.

- Sim senhor.

Deu o azeite e o vinho ao primo, pediu-lhe que guardasse a nota de quinhentos escudos, e nessa mesma tarde serviu a primeira dose de cachaça aos fregueses do Bar da Póvoa.

- Agora, é trabalhar, rapaz. Põe-me essas mãos de padre a criar calos, que bem deles precisas, ouviste?

- Sim senhor.

Joaquim dormia nos fundos do bar, as mantas e os lençóis servindo de colchão e travesseiro. Acordava às seis da manhã e deitava à uma, de terça a domingo. No dia de folga, segunda-feira, não saía do quarto, descansando e cuidando da roupa que trouxera, apesar dos olhares convidativos das duas primas, sempre saçaricando no quintal. Joaquim não deixava de as olhar. Bem giras, lá isso são. Mas primeiro dinheiro. Primeiro dinheiro, que sem dinheiro não se faz nada. Na passagem do ano pediu licença ao primo, e desceu até Copacabana.

- Diz que há lá uma festa do catano.

- Vai, rapaz, vai. Vai, mas olha bem pró que vais ver. Olha que nesta terra toda a gente acende duas velas. Uma a Deus e outra ao Diabo, por via das dúvidas, ouviste?

Joaquim saltou do lotação no Leme, e foi andando pela praia. Em frente ao Copacabana Palace parou. Milhares de pessoas atravessavam a avenida na direção do mar. Carago, isto aqui é maior do que todas as avenidas de Braga. Coçou a cabeça devagar, e olhou a praia, inundada de gente. Joaquim, Joaquim, dinheiro corre onde há dinheiro, Joaquim. Sempre assim foi e sempre assim há de ser. No dia seguinte falou com o primo.

- Senhor primo, vou-me embora amanhã.

- Tu lá sabes, rapaz. O mundo é grande e é redondo, e todos os caminhos vão dar a Roma, como diz o outro. Só não quero é que me mandes dizer lá prá terra que eu não te tratei como devia. De resto...

- O senhor primo faz-me as contas, que eu...

- As contas estão feitas, rapaz. O que ganhaste, ganhaste. Já to dei. O resto, comeste e dormiste na minha casa, igual a mim.

Joaquim começou arrumando a mala. Quilhou-me. Nem o meu dinheiro o cabrão foi capaz de me dar, ladrão do caralho. Começou no dia seguinte como garçom no Bar Minhoto, na Rua Correia Dutra, no Flamengo, depois de ter tentado três em Copacabana. Ainda não é bem lá, na tal Copacabana, mas já é bem mais perto. Fica-te Cachambi pra nunca mais. Dormia atrás do balcão, numa enxerga de sacos de aniagem, o motor do frigorífico martelando nos ouvidos. Meio ano depois deitou na cama da sobrinha de Seu José, a Deolinda, cozinheira do bar.

- Joaquim, o que eu mais quero é ter um bar. O tio não morre

tão cedo, e mesmo que morra tem um irmão em Madureira, tu conhece-lo.

- Nós ainda havemos de ter um bar, Deolinda. Mas um bar que seja bar e botequim. Que tenha tudo.

Cinco anos depois, Seu Joaquim comprou o boteco Meu Xodó na Rua Gago Coutinho, quase esquina com o Largo do Machado, e mudou a tabuleta. Bar E Botequim Rosa do Minho. Deolinda continuou na cozinha, fritando moelas e asas de galinha, Joaquim servindo os engasga-gatos no balcão.

- Ainda não é bem lá, na tal Copacabana, Deolinda, mas já é nosso, carago.

- Nós ainda havemos de lá chegar, Joaquim. Deus há de nos ajudar, se Deus quiser.

Um ano depois nascia Lindomar de Carvalho Mendes, louro e de olhos azuis, como a mãe. Xodó do pai, servindo os fregueses com o filho no colo.

- Coisas lá da patroa. Ela é que gosta desses nomes arrevesados, lá de lindezas e mares. Eu, por mim, era Manuel, ou Joaquim.

3

D. Maricota leciona português, religião, e moral, no Colégio Caravelas, na Rua Gago Coutinho. Fundado em 1890 por José Maria Gonçalves Madureira, emigrante da cidade de Braga, o Colégio Caravelas sempre pertenceu à família Madureira. Dr. Paulo, neto do fundador, e atual diretor-proprietário, ainda mantém os mesmos princípios da época da fundação. A disciplina, a religião, e a moral, são o terror de todos os alunos.

D. Maricota veio morar no Largo do Machado faz doze anos, quando Seu Aristeu, caixa do Banco do Brasil em Madureira, foi transferido para a Agência da Rua do Catete. Formada pelo Instituto Carmela Dutra, e viúva aos vinte e três anos, D. Maricota ainda pensou entrar para um convento. Desde menina, quando viu pela primeira vez uma estampa do Monte Carmelo, D. Maricota se apaixonou pelos conventos carmelitas. Ah, aquela paz. Aquela santa paz é a alma de Deus Nosso Senhor. Mas, apesar da santa paz, não professou. Na terceira vez que foi receber a pensão, D. Maricota reparou como eram azuis os olhos do caixa pagador, Seu Aristeu. E entre a imaginada paz da clausura, e o brilho daqueles olhos, D. Maricota não hesitou. Seis meses depois, esquecida a roupa do luto, D. Maricota mudou-se para a Rua Borborema, em Madureira, onde morava Seu Aristeu depois de ter internado D. Conceição, a esposa tuberculosa no sanatório de Correias, perto de Petrópolis.

Devota de Nossa Senhora Aparecida, todas as manhãs D. Maricota acende uma vela na igreja de Nossa Senhora da Glória, no

Largo do Machado, e conversa com padre Antônio. Padre Antônio tem grande admiração por D. Maricota. Em doze anos, somente uma vez D. Maricota faltou à missa diária.

Quando a esposa de Seu Aristeu faleceu, D. Maricota fez uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo. Agora, graças a Deus, Seu Aristeu pode casar. Lembrai-vos disso, minha Nossa Senhora Aparecida, lembrai-vos disso.

- Seu Aristeu, Nosso Senhor sabe o que faz, Seu Aristeu. Uns morrem outros vivem.

- Sobrevivem, Maricota.

- Seu Aristeu.

Seu Aristeu detestava que D. Maricota o chamasse Seu Aristeu. Mas apesar de anos e anos de convivência, nunca conseguiu que ela o chamasse de outro modo.

- Que mal que tem, Seu Aristeu? Não é o nome do senhor não, Seu Aristeu?

- É, Maricota. É.

- Então, Seu Aristeu? E eu chamo o senhor assim desde que conheci o senhor lá no banco, não lembra não?

- Lembro, Maricota. Lembro.

- Mas se o senhor faz questão, eu não chamo mais o senhor de Seu Aristeu não, Seu Aristeu.

- Chama, Maricota. Chama. Melhor Aristeu que Aristides.

Feito o enterro, D. Maricota tentou arrastar Seu Aristeu à igreja, e ao cartório. Maria Aparecida Mendes Gonçalves iria, finalmente, assinar os documentos como Maria Aparecida Mendes da Silveira, seu sonho de todas as horas, desde que fora morar na Rua Borborema, fazia quase vinte anos. Mas Seu Aristeu, para tristeza de D. Maricota, não concordou.

- Mas, Seu Aristeu, foi Nosso Senhor que assim quis, Seu Aristeu.

- São Bacilo de Kock, Maricota.

- E, depois, Seu Aristeu, não fica bem. Afinal, eu sou professora do Colégio Caravelas e o senhor é caixa do Banco do Brasil, Seu Aristeu.

- Maricota, não ficaria bem era se eu fosse professora do Colégio Caravelas e você fosse caixa do Banco do Brasil.

- Seu Aristeu.

Seu Aristeu abre o jornal, e D. Maricota entra no quarto, fungando. Com o passar do tempo, e ante a posição inabalável de Seu Aristeu, e também após inúmeras conversas com padre Antônio, D. Maricota pareceu se conformar. Mas quando Seu Aristeu se aposentou D. Maricota voltou à carga.

- É pra entrar no reino dos céus, Seu Aristeu.

- Que reino, Maricota? A gente vive é aqui, nesta merda desta

república federativa, Maricota.

- Seu Aristeu.

- E pra viver, não precisa nem de papel nem de padre. Precisa é de feijão e arroz, e de um talão de cheques, Maricota.

- Seu Aristeu.

D. Maricota não voltou a falar no assunto. Mas fez questão que Dr. Paulo trocasse o Gonçalves do falecido marido pelo Silveira de Seu Aristeu na ficha do colégio, e passou a assinar as provas e os cheques como Maria Aparecida Mendes da Silveira.

4

Lena sai do correio com vontade de chorar. Todos os meses Lena escreve para Muritiba, na Bahia. E todos os meses Lena tem vontade de chorar quando sai do correio. Em Muritiba vive a filha, de quase quatro anos, que nunca conheceu pai nem mãe. Lena não sabe se ainda é viva. Soube uma vez que estava doente. O pessoal escreveu, pedindo mais dinheiro. Lena mandou, mas não foi a Muritiba, mesmo morrendo de saudade. Em casa de pai e mãe não entra rapariga, mulher-dama. Feitos no mês passado, faz cinco anos que Lena chegou no Rio de Janeiro, vinda de Muritiba com um primo que a emprenhou, e sumiu, dizem que nas obras das estradas de São Paulo. Lena mora no hotel de Seu Pepe, o Hotel Sevilha, na Rua Gago Coutinho, onde faz a vida.

Atravessa devagar o Largo do Machado, se benze na frente da igreja de Nossa Senhora da Glória, e entra no bar.

- Posso telefonar, Seu Joaquim?

Seu Joaquim cofia as guias do bigode, e sorri.

- E é só o telefone, homessa?

Seu Joaquim olha disfarçadamente a porta da cozinha, onde Deolinda, agora D. Deolinda, sócia do Bar e Botequim Rosa do Minho, mexe nas panelas. O antigo bar e botequim dos engasga-gatos de moelas e asas de galinha já serve almoços e lanches aos paraíbas da construção civil e aos garís da prefeitura.

- E um maço de Mistura Fina.

Seu Joaquim sorri.

- Ai, eu bem sabia que não podia ser só o telefone.

Lena gosta de Seu Joaquim. Quando saiu da Casa da Mãe Pobre com a filha no colo, foi Seu Joaquim quem lhe arrumou aquele quarto no hotel de Seu Pepe. Lena tinha se oferecido para trabalhar na cozinha, mas D. Deolinda não deixou.

- Na cozinha mando eu, Joaquim.

Lena quase chora, encostada no balcão, a filha embrulhada em farrapos, adormecida no colo.

- Moço. Pelo amor de Deus, moço. Eu tenho uma menina pra

criar. Nasceu mês passado, moço.

Seu Joaquim conhecia Seu Pepe desde a compra do bar. Falou com ele, e Lena ficou no Hotel Sevilha naquela noite. No dia seguinte, com dinheiro emprestado por Seu Joaquim, foi a Muritiba levar a filha. Quando voltou, ficou fazendo a vida no hotel, ensinada a tudo pelas colegas. Até a ler, e a escrever. Tinha vinte anos.

- Não fosse a Deolinda, dianho, e eu metia-te na cozinha. Ai, metia, metia. Metia, ora então não havia de meter? Mas a Deolinda é o diabo, sabes, rapariga? Desconfiada que só ela. Mas não chores, rapariga. Não chores, que é como diz o outro, enquanto há vida há esperança.

Lena sorri. Seu Joaquim é bom. Não cobra os cigarros nem os telefonemas, e ainda anota os recados dos fregueses. Às vezes até lhe dá alguns trocados. Se ele quiser, um dia Lena tem um filho dele.

- Nã, rapariga. Filho não. Que a Deolinda está um coiro, lá isso não tem dúvida, mas filho não.

Lena abre o maço de cigarros.

- Seu Zó telefonou, Seu Joaquim?

- Ai, telefonou, telefonou.

- Vem logo mais?

- Ai, não vem não. Parece que a patroa não está a passar lá muito bem, e mandou dizer que hoje não vem não.

Lena está sem dinheiro de novo. O único que tinha mandou para Muritiba. D. Deolinda não gosta de Lena. D. Deolinda não sabe que Seu Joaquim dorme com Lena. Mas mesmo sem saber D. Deolinda não gosta dela.

- Joaquim, Joaquim, quem mal começa mal acaba.

- Cada um com a sua sina, mulher.

- Cada um com a sua sina, mas quem quer trabalhar sempre trabalha. Nós não trabalhamos, home de Deus?

Encostada no balcão, Lena abre a bolsa, procurando a agenda dos telefones. Hoje eu tenho que pagar a Seu Pepe, coitado. Seu Pepe sempre espera um pouco no fim do mês, mas este mês já venceu faz quinze dias, e Seu Pepe nunca dorme com as mulheres que moram no hotel. Homem, se se dorme com las chicas, logo vão a pensar que és desconto. Por isso és preferível pagar à las otras. Dá menos aporrinhaçon, verdad? Seu Pepe prefere esperar pelo dinheiro. E se atrasa muito, então é ele mesmo que recebe do freguês, na porta do quarto. No és bonito, lo sé. Pero, és preferível. Lena fez quatro chamadas. Nenhuma resposta. Meu Deus, e Seu Pepe, coitado? O telefone toca. Tomara que seja Seu Zacarias, minha Nossa Senhora. Tomara. Não era.

- Telefone pro senhor, Seu Joaquim.

D. Deolinda, na cozinha, escuta. Chega na porta, e olha Lena.

Ainda bem que a sirigaita está ali, que senão bem podia ser o mafarrico atentando o meu Joaquim. Te arrenego, dianho. D. Deolinda se benze. Mulher que é mulher só tem um home. Para D. Deolinda, o primeiro, o tio José, não contou. Fazia tanto tempo, e doeu tanto, que ela nem queria mais lembrar. Lena estende o braço.

- Telefone pro senhor.

- Ai, é pra mim?

Seu Joaquim limpa as mãos no peito da camisa, puxa as calças na cintura, e atende.

- É o Joaquim. Joaquim Fernandes da Silva Mendes, sim senhora. Pra hoje à tarde? Às três horas? Do meu rapaz? Ora pois muito bem, lá irei, sim senhora. Não tem dúvida, não senhora.

Coloca o telefone no gancho, e sorri.

- Parece que o rapaz lá fez alguma, no colégio.

D. Deolinda chega junto do balcão.

- O nosso Lindo, Joaquim? E o que é que foi que ele fez?

- Parece que lá fez alguma.

- E o que foi, Joaquim?

- Ó Deolinda, só quando lá for é que eu vou saber, valha-me Deus.

D. Deolinda volta para a cozinha. Lena tenta outro número. Seu Joaquim sorri.

- O meu rapaz é levado dos diabos, lá isso é. Sabes, rapariga, faz-me lembrar os meus tempos de seminário, lá na terra. Também por lá aprontei muitas e boas.

Lena sorri, e pisca para Seu Joaquim.

- O Lindinho tem a quem sair, né, Seu Joaquim?

- Ai, lá isso é verdade. Como diz o outro, quem sai aos seus não degenera.

O filho de Seu Joaquim estuda no Colégio Caravelas, do outro lado da rua, quase na frente do bar. D. Deolinda nunca aprovou a despesa.

- Joaquim, o nosso Lindo não podia estudar aí nessas escolas do governo? Olha que trinta mil cruzeiros por mês é uma renda, Joaquim.

- Nós temos, Deolinda.

- Nós temos, nós temos. Eu sei que nós temos, mas trinta mil cruzeiros são trinta mil cruzeiros, home de Deus. E de mais a mais, quanto mais a gente gastar, mais tempo leva pra ir à terra, Joaquim.

- Deixa, mulher. A terra não sai do sítio.

Lontra, apontador de apostas de Seu Mané, o banqueiro do jogo do bicho do Largo do Machado, Flamengo, Botafogo e Laranjeiras, entra no bar. Ensaia uns passos de dança de gafieira na frente de Lena, dá-lhe uma palmada na bunda, e pede uma Praianinha. Seu Joaquim

serve a cachaça.

- O que é que deu hoje, ó Lontra?

- Vaca, patrício.

Seu Joaquim dá um murro no balcão.

- Quintos dos infernos. Sonhei a noite toda com coiros, mas hoje de manhã vi o Cazuza, bêbado como um cacho, joguei no burro.

Lena abana a cabeça, e olha Seu Joaquim.

- E eu que joguei na cobra, Seu Joaquim? Pra hoje meu horóscopo dava bicho sem penas.

Lontra passa a mão na bunda de Lena, e sorri.

- E vaca é bicho sem penas não, minha flor?

Lena abana a cabeça.

- É, Seu Lontra. Eu é que não tenho sorte mesmo.

Lontra joga um pouco da cachaça na frontaria do balcão, salvando o santo, e bebe o resto de um gole.

- Bota outra aí, patrício. Tá um calor do cão.

- Ai, está quente, está.

Seu Joaquim serve Lontra. Lontra salva o santo outra vez, bebe, deixa metade no copo, paga, e sai. Está na hora do ofício da Igreja dos Divinos Sentimentos, onde Lontra é pregador convidado. Lena olha Seu Joaquim, o telefone colado no ouvido. Seu Joaquim sorri.

- Então, já atenderam?

Lena abana a cabeça.

- Mas desta vez tá chamando, graças a Deus.

Do outro lado da rua, encostado no portão da vila, Dequinha sorri, e segue Lontra com os olhos. Lena coloca o telefone no gancho.

- Atendeu não.

Seu Joaquim cofia as guias do bigode, e pisca para Lena.

- Deixa, rapariga, deixa. Se não for esse outro será, tu vais ver.

5

Mauro chega sempre tarde em casa. É vendedor do Instituto Lorenzácio, produtos farmacêuticos, nas praças de Niterói e São Gonçalo, e mora no Largo do Machado faz dois anos. Desde que casou. Veio da Praça Mauá, da Rua do Jogo da Bola, onde foi criado por uma tia, ex-garçonete da Lanchonete Nacional, os pais mortos num desastre de ônibus em Três Corações, Minas Gerais, ele menino de meses. Conheceu Lia num cinema, em Copacabana, na sessão matinê de um domingo. Namoraram dois anos, noivaram um, e casaram. Mauro quis morar perto da tia, Lia bateu pé.

- Lá não, Mauro.

- Mas, Lia...

- Lá, de jeito nenhum, Mauro. Catete, Laranjeiras, o máximo até na Glória. Eu sempre morei no Flamengo, Mauro.

Só a um mês do casamento, e quase adiado por causa disso, é que Mauro conseguiu um apartamento de quarto e sala no Largo do Machado, na Rua Ministro Tavares Lira. Lia, professora primária, dá aulas no Monteiro, em Campo Grande, Zona Rural do Rio de Janeiro. Levanta de madrugada, pega um trem da Central, e volta à tarde. Mauro já quis mudar para mais próximo.

- Pelo menos Madureira, Lia. É bem melhor pra você.

- Mas de jeito nenhum, Mauro. Zona Norte, nem morta. E, além do mais, daqui a dois anos já posso descer. Quem sabe arrumo até na Escola José de Alencar, ali no largo?

- Em Madureira você cansava menos, Lia.

- E eu tou me queixando?

Mauro chega em casa sempre tarde. Cansado. Lia levanta sempre de madrugada. Com sono.

- Lia.

- São só mais dois anos, Mauro.

Mauro se cala. Mas não esquece que tem trinta e cinco anos, e Lia vinte e três.

6

João atravessa devagar o Largo do Machado, olhando as pessoas. João gosta de andar assim. Empertigado, passos vagarosos, e com os olhos em constante movimento. Se acha um observador nato, e se sente satisfeito com isso. Para junto do chafariz, e olha em redor. Homens e mulheres sentam nos bancos de pedra, debaixo das árvores, conversando, fumando, fugindo do calor. João fixa os olhos num casal se beijando. Bando de inúteis. Um país como este, precisando de quem trabalhe, e esses safados só tirando sarro. Cazuza para na frente dele, e estende a mão.

- É pra almoçar, Seu João.

- Vai trabalhar, vagabundo.

- Vagabundo, o caralho, filho da puta.

João começa andando, e acende um cigarro. Padre Antônio sobe com esforço as escadas de pedra da igreja Nossa Senhora da Glória. João olha padre Antônio. Não é à toa que o Brasil é a merda que é, essa padrecada comendo do bom e do melhor, e o trabalhador que se foda. Padre Antônio acena-lhe. Vai fazer cinco anos, naquela mesma igreja, João casou com Alda, professora do Estado. João desvia o olhar, e se afasta. Parasita. Padre é tudo parasita. Sombra e água fresca, e mulherada da melhor. Cambada de inúteis. Comedores. Padre Antônio entra na igreja, tirando o suor da cara e da careca com um lenço. Que calor, santo Deus. Parece o fogo do inferno, Deus que me perdoe. Entra na sacristia, fecha a porta, dá duas voltas na chave, e

tira a batina e o colarinho duro. Abre as janelas, e liga o ventilador. Senta no sofá, pega o breviário, e lê as orações a meia voz. Dez minutos depois ressona, o breviário caído no chão, e os braços cruzados em cima da barriga.

João continua andando, devagar. Religião? Que religião, merda nenhuma. Se botassem pra trabalhar quem não trabalha neste país, o Brasil pagava todas as dívidas numa semana, e olhe lá. Ah, pagava. E podia até emprestar. E muito, viu? O que esse bando de inúteis gasta à custa de quem trabalha tá no gibi não, quê que há? Joga o cigarro no chão, e olha a porta do Restaurante na Brasa. Tomara que Alda já tenha chegado. Tou com uma fome do cão. Mete as mãos nos bolsos, e começa andando mais rápido, assobiando Chiquita Bacana, de João de Barro.

João se filiou ao Partido Comunista Brasileiro em 1950. Trabalhava na Fábrica de Tecidos Campaneira, em Del Castilho, e tinha vinte anos. Camaradas operários, vós, mais do que ninguém, tendes o direito de sobreviver, pois é nos vossos ombros que se apoia a economia deste país. E se os vossos patrões não sabem disso, forçoso é que alguém lhes diga. E se eles não escutarem, forçoso é que o sintam na carne, como vós, agora, sentis a vossa fome. Camaradas operários, o vosso maior inimigo não é a polícia da tirania. Não são os mastins do governo, que mordem, sim, mas só mordem porque se não o fizerem serão também mordidos e esfaqueados como vós sois. O vosso maior inimigo, camaradas operários, é o vosso patrão. O explorador que, à vossa custa, à custa da vossa fome e à custa do vosso sangue, a cada ano que passa compra mais uma casa de campo em Teresópolis, e importa mais um carro americano. Uni-vos, camaradas operários. Uni-vos, e a batalha estará ganha. João gostou das palavras do orador. Porra, é isso mesmo. Eu ganho trezentos e oitenta cruzeiros por mês, e o filho da puta do meu patrão gasta milhões e milhões em sacanagens. Não tá certo.

A greve não vingou, só dois setores da fábrica pararam por um dia, mas João sentiu que ali estava seu caminho, e decidiu. Procurou a OB, organização de base da fábrica, se filiou, e começou por pichar paredes. Meio ano depois, distribuía cartazes e panfletos no saguão da Central do Brasil. Passado um ano, preso num jogo de ronda na ladeira do Barroso, no Morro da Previdência, foi despedido.

Jânio Quadros renunciou à Presidência da República em 25 de agosto de 1961. No dia seguinte, sábado, João fez um discurso no Conjunto Escolar Mater Dei, em Jacarepaguá, convidado pela Associação de Pais e Professores. Durante mais de duas horas esconjurou as forças ocultas que tinham cavado a renúncia do homem que, além de proibir as corridas de cavalos nos dias úteis e os desfiles de misses com maiôs muito cavados, também não teve medo de vestir pijâmio em vez de

fraque, condecorando Che Guevara, e se negar a apoiar a invasão de Cuba pelo imperialismo americano. Embora a diretora do Grupo Escolar torcesse o nariz ao nome de Che Guevara, o presidente da Associação de Pais e Professores abraçou João, e ofereceu-lhe uma placa comemorativa, entregue por Alda Arantes, a professora mais jovem do Conjunto. João aceitou a placa com a maior dignidade. Tu é bom, João. Tu é bom mesmo, cacilda. Olha só a zinha te encarando. Puta foda, hem? E não largou mais do pé de Alda o resto do dia, e parte da noite. Meio ano depois casavam na igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, abençoados por padre Antônio. Mas foi só por causa de Alda, entendeu? Se pra ela é importante casar na igreja, por quê que eu vou ser do contra, me diga? O importante é o nosso entendimento, tá entendendo? O Brasil precisa é de entendimento, concordância. Se houver entendimento e concordância, o que falta vem logo, entendeu?

Hoje, João é o orador oficial da OB do Instituto Panamericano de Ensino, nas Laranjeiras. O Partido Comunista Brasileiro, camaradas, é o único partido político do Brasil que tem verdadeira estrutura partidária. É o único partido que sobrevive sozinho e na clandestinidade, sem coligações nem conchavos, sem arranjos e sem mamatas e, principalmente, sem apoios multinacionais. Se esses tubarões não mandassem neste nosso país desgraçado, camaradas, e não dessem milhões e milhões para manter os militares no poder, a direita imperialista, como força política, não existiria no Brasil. O povo brasileiro sabe o que quer e sabe que nós sabemos, e melhor do que ninguém, das suas reais necessidades. Por isso nos apoia e está do nosso lado. Camaradas, o Partido Comunista Brasileiro nunca recebeu dinheiro de ninguém e nunca receberá. O nosso partido, camaradas, sois vós. Vós, os trabalhadores deste imenso e sofrido Brasil, que só se ajoelha diante do imperialismo americano porque a hora da caça aos tubarões ainda não chegou. Mas está para chegar, disso ninguém duvide. Os companheiros acham que João fala bem e João acha que os companheiros estão certos, e todos sorriem satisfeitos. João sorri também, ao relembrar. O que eu faço, faz bem a mim, faz bem ao povo, e faz bem ao meu partido. É isso aí, seus putos. Um dia vocês ainda vão reconhecer meu valor, e eu ainda vou ser troço paca nesta merda. Ah, vou, vocês vão ver. Na porta do correio cruza com Lena.

- Como vai o senhor, Seu João?

João sorri, satisfeito. Gosta que as pessoas o reconheçam, e cumprimentem.

- Que calor, hem?

- Nem me fale, Seu João. Tá demais.

- Botando carta pro namorado?

- Que nada, Seu João. É pra minha menina. Mandeí a mesada do

mês.

João olha Lena, os seios morenos e fartos saltando do decote. Que puta foda, hem, João?

- Oi, Lena. Oi, João.

Lena e João se voltam. O Pinto atravessa o largo na direção do Café Lamas. Lena sorri, e acena.

- Oi, Seu Pinto.

João não sorri, nem acena. Vagabundo sem-vergonha. O Pinto se afasta. João olha Lena.

- Bem, deixa eu ir. Tou com uma fome do cão.

- Até logo, Seu João.

João mora junto do Hotel Sevilha, na Rua Gago Coutinho. Faz tempo que conhece Lena, Alzira, Dotinha, Zefa, Rogéria, a mulata magrela que parece tuberculosa e dorme toda sexta-feira com Dr. Paulo, o diretor-proprietário do Colégio Caravelas.

- Pepe, velho safado, você é que se arruma, hem?

- Qué vá. Mujer que mora em meu hotel, é hóspede.

- Capitalista.

João ri, e dá uma palmada na barriga de Seu Pepe.

- Dinheiro, Pepe. Dinheiro. Barriga assim, já viu, né?

- Quem não és político, trabalha, hombre. Trabalha duro.

Seu Pepe emigrou de Lugo, na Galiza, em 1937, e desde 1945 que explora o Hotel Sevilha. Mas faz questão de ainda manter uns arremedos de sotaque. Yo soy galego, verdad? Vez por outra enfrenta uma batida da polícia, mas todos conhecem Seu Pepe, e Seu Pepe conhece todo mundo. Licença pra quê, hombre? No hay melhor licença que una notita, yo sé lo que digo, coño.

João nasceu no Largo do Machado. Naquela casa morreram o pai e a mãe, e João só sairá dali quando alguma construtora lhe oferecer um bom apartamento. Não sou proprietário, mas tenho meus direitos, quê que há? Capitalista quer entrar em meu chalé, tudo bem. Só que paga o que eu quiser, viu? Se não pagar, fodeu-se.

Abre a porta de casa, e entra.

- Alda.

Alda está na cozinha, corrigindo provas na mesa de jantar.

- Quê que é?

João para na porta do quarto.

- Sabe quem eu encontrei ainda agora?

Alda não responde. Sempre isto, meu Deus, valei-me. João encontra todo mundo, mas só encontra quem não interessa. João entra no quarto. Faz anos que João não encontra ninguém que lhe arrume um emprego.

- Você não diz que tem tantos amigos, João?

- E tenho. E influentes paca.

- Então peça pra eles.

- Eu, Alda? Eu pedir emprego? Você já pensou o que diriam os camaradas? Eu vou me empregar sim, mas quando nossa luta terminar. Quando o Brasil, e esses filhos da puta desses tubarões imperialistas reconhecerem que operário não é escravo, é igual a eles, entendeu?

Alda entra no quarto. Tira o vestido, e veste um robe. João olha os seios de Alda sobrando no sutiã, e sorri. Até que essas mamas me dão um tesão danado, sabe disso?

- Sabe quem eu encontrei?

- Seu Antônio saiu daqui agora mesmo.

- Foi Lena. Encontrei na porta do correio.

- João, você escutou o que eu falei? Seu Antônio saiu daqui agora mesmo. Veio cobrar o aluguel.

João para junto da penteadeira.

-Veio cobrar o aluguel? Mas veio cobrar o aluguel como, se a gente pagou não faz nem quinze dias, hem?

Alda olha João, a mão com a escova de cabelo parada no ar. Será possível, meu Deus do céu? João encosta na penteadeira. Abre um boião de creme, e cheira.

- Gostoso.

Alda abana a cabeça, devagar. Não é possível, meu Deus do céu. João coloca o boião em cima da penteadeira, e se dirige para a porta.

- Você não recebe dia vinte? Então ele que espere mais uns dias. Por mais alguns dias o portuga não vai falir, ou será que vai?

Alda coloca a escova em cima da penteadeira, e olha João.

- João, a gente pagou o aluguel, não faz nem quinze dias, mas foi o atrasado de três meses, ou você já esqueceu?

João entra na sala.

- E quê que são três meses, Alda? Muito mais o Brasil tem esperado desses imperialistas, e mais não reclama.

Alda se levanta, e entra na cozinha. Será possível, meu Deus do céu? João continua, como se Alda ainda estivesse junto dele.

- Mas pode deixar. Logo mais eu falo com ele.

Liga o rádio. Alda aparece na porta.

- A prestação da Mesbla também já venceu. Veio uma carta hoje, cobrando.

- Imperialista é isso mesmo, Alda. Esfola a gente e chupa o sangue, quê que você tá pensando? Mas, um dia, isto acaba. Ah, acaba. Um dia...

Alda entra na cozinha. Não tem jeito mesmo não. Só morrendo. João presta atenção no noticiário. Minutos depois desliga o rádio, e entra na cozinha.

- Viu? Eu não disse a você? Ó, o governo já tá com medo que a

gente eleja a oposição, como elegemos Negrão de Lima. E olha que quem tá dizendo isto sou eu não. Quem tá dizendo é o próprio governo, deu agora no rádio.

Alda bota a toalha na mesa. Meu Deus do céu, dai-me forças. João abraça-a. Beija-lhe o pescoço, e passa as mãos nos seios.

- Se não fosse a fome que eu tenho, você botava a comida não, viu?

7

No Café Lamas, o Pinto tinha perdido a primeira partida. O Pinto sempre perdia a primeira, ganhava a segunda, e na negra ganhava tudo. Encostou o taco no bilhar, e arrumou as bolas.

- Agora sai você.

Eduardo se levanta. Por quê que eu não mando este cara à puta que pariu, hem? O Pinto senta. Olha as bolas, e olha Eduardo. Beleza pura, meu irmão. Beleza pura.

- Tem cigarro aí?

Eduardo joga o maço por cima do bilhar. O Pinto tira um, acende-o, e joga o maço de volta. Puxa uma tragada profunda, e abana a cabeça.

- Cigarro, pra mim, só mesmo Continental. Mas até que este Minister é ruim não, viu?

Senta, olha Eduardo, e sorri.

- Sabe quem é que eu vi ontem no Conservatório? Hem?

Eduardo não responde.

- Auri.

Eduardo falha a tacada. O Pinto se levanta.

- E perguntou por você, viu? Roberto até tava junto e pode confirmar.

Cala-se, e olha as bolas durante alguns momentos.

- Você sabe que o sacana anda dando em cima de Dora? Sujeitinho safado. Logo Dora, imagina. Ah, mas o que ele quer eu manjo longe. Ah, manjo.

Passa giz no taco.

- Como Dora é do Diretório, e aquele cara é alcaguete do DOPS, todo mundo sabe disso, você já viu, né? Com Dora ele não leva nada. Ah, não leva mesmo. Dora é minha chapa, chapa mesmo, todo mundo sabe disso.

Coloca o cigarro na borda do bilhar, e olha as bolas.

- Ah, mas Auri, meu irmão, tá que tá. Misse pra danar.

Olha Eduardo.

- Me diz uma coisa, meu irmão. Por quê que vocês...

Eduardo senta.

- Joga.

O Pinto encaçapou a bola dois.

- É que ela...

- Joga, porra.

O Pinto olha as bolas, e sorri.

- Meu irmão, o filho da puta que me botou pra fora do Conservatório sabia o que tava fazendo. Ah, sabia. Já pensou eu no Diretório? Hem? Mas um dia eu ainda pego aquele desgraçado. Ah, pego. Pego, e faço com ele o que ele fez comigo. Boto pra correr. Mas boto pra correr é só do Conservatório não. É do Rio de Janeiro, tá entendendo?

Passa giz no taco, devagar.

- Como se a porra de um papel valesse alguma coisa. Se ainda fosse pra ser médico ou engenheiro, vá lá que tivesse que comprovar a merda do ginásio. Agora, pra ser ator, pra ser ator o que interessa é ter talento, é ou não é? E, além do mais, eu bem que falei pro puto que só faltava ir a Santo Amaro apanhar a merda do papel, entendeu? Mas o filho da puta não quis nem saber. Mas vai se foder. Ah, vai, isso eu garanto. Quer ver? Ó, Dora eu controlo, Torres vai por mim, Bastos também é meu chapa, Moreira nem se fala, e com esse pessoal na mão, meu irmão, tanto vale eu tar lá dentro como tar cá fora. Politicamente aquilo é meu, todo mundo sabe disso. Elejo quem eu quiser.

Debruça-se sobre o bilhar, e estuda a jogada.

- E tem mais. Não demora muito a gente entrega aquilo de volta à UNE, você vai ver. Vai por mim, meu irmão.

Encaçapa a bola cinco, tira-a da caçapa, e coloca-a no lugar.

- Do jeito que as coisas tão, meu irmão, e do jeito que o pessoal tá se preparando, não vai demorar nem meio ano e a gente bota essa milicada pra correr, você vai ver. Olha pro que eu tou falando, meu irmão. Meio ano, e essa milicada que taí cagando em cima da gente, sai correndo, escreve aí.

Encaçapa a bola três, e passa giz no taco.

- Meu irmão, a direita, no Brasil, sempre foi piada, você sabe disso.

Estuda uma jogada com a bola sete, desiste, e encaçapa a bola quatro.

- Quer ver uma coisa? Ainda ontem eu falei com Vladimir, você conhece Vladimir Palmeira, a gente se reuniu no CACO, e ele me disse, me disse assim mesmo. Pinto, a turma tá se preparando, viu? Não vai demorar nem meio ano e a gente bota essa milicada pra correr. E lá no Conservatório a gente precisa é de gente como você, tá sabendo? Gente que possa liderar, entendeu?

Eduardo acende um cigarro. Mas que merda, puta que pariu. O Pinto aproveita, e acende um também. Puxa duas tragadas, e pousa o

cigarro na borda do bilhar.

- Só tem um troço, disse eu pra ele. Vladimir, na hora que a bomba estourar, eu quero ser o primeiro a entrar no Conservatório. Tenho umas contas pra ajustar com um filho da puta lá dentro, entendeu? O cá, me disse ele, o Conservatório é seu, Pinto.

O Pinto olha as bolas, estudando a jogada.

- E a turma é boa, meu irmão, podes crer. Ó, no Conservatório eu dou as cartas com Dora, na UBES tá Lopes, na Fundação tá Yone, no CACO tá Vladimir, e por aí vai. É gente pra caralho, meu irmão. E tudo gente boa, gente finíssima, você conhece.

Cala-se, e olha Eduardo.

- Me diga uma coisa, meu irmão. Por quê que você não tá com a gente, hem? Eu conheço você não é de hoje e posso abonar você, se você quiser, hem?

Eduardo esmaga o cigarro no chão com a sola do sapato. Ô saco.

- Vai jogar não, merda?

O Pinto olha as bolas. Beleza. Beleza pura. Estuda a jogada, e encaçapa a bola sete. Eduardo olha-o. Será que este cara acredita mesmo no que diz? O Pinto coloca a bola sete no lugar, e estuda a nova jogada. Eduardo senta. Se recosta na cadeira, e fecha os olhos. Auri. Tinha ido com o Pinto no Conservatório, assistir ao exame dele, fazia quase três anos. Ah, faço questão, meu irmão. Faço questão. Afinal, eu vou fazer a prova em cima de um texto seu, e você não vai nem assistir? Essa não, meu irmão. Essa não. No fim da prova, ainda na sala, o Pinto apresentou-os.

- Você conhece Auri não? Minha chapa.

Sorriu, e fez uma vênha.

- Minha misse preferida, né não, Auri?

Auri não respondeu, nem sorriu, e o Pinto deu uma palmada no ombro de Eduardo.

- Auri, este aqui é Eduardo. Eduardo da Cunha Júnior, amigão. E além de amigão, um dos maiores dramaturgos do Brasil. Viu o texto que eu fiz no exame? É dele. Réquiem. Um textão, é ou não é?

Auri sorriu, mas não respondeu. No dia seguinte Eduardo voltou no Conservatório. O Pinto, como sempre, estava na porta, esperando a turma entrar.

- Aprendeu o caminho, meu irmão? Cuidado, viu, Auri? Esse cara aí, ó. É meio que meio, viu?

Auri sorriu, e Eduardo não disse nada. No fim das aulas, Eduardo levou Auri em casa, na Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras.

- Amanhã posso voltar?

Auri sorriu. Os olhos negros e brilhantes, e a língua aparecendo entre os lábios sem batom.

- Se quiser, pode.

Uma semana depois, Eduardo apanhava-a em casa todas as manhãs, e iam a pé para o Colégio Juruena, na Praia de Botafogo, onde Auri estudava. À noite, pagava dois ou três chopes ao Pinto no bar da esquina do Conservatório, enquanto esperava o fim das aulas. O Pinto ria. Meu irmão, meu irmão, você gamou mesmo, hem? Mas você é que tá certo, sabe disso? Auri é gente fina, finíssima. Toma mais um? O Pinto encaçapa pela última vez a bola sete, e ganha a partida. Encosta o taco na parede, e limpa o suor do rosto.

- Agora a negra. Vamos ver quem sai?

- Não.

O Pinto começa arrumando as bolas.

- Quê que há, meu irmão? Jogo sem negra tem graça não, pô. Você ganhou a primeira, eu ganhei a segunda, agora vamos à negra.

- Chama o cara.

- Escuta, meu irmão.

- Chama o cara, merda.

O Pinto põe a mão no ombro de Eduardo.

- Escuta. Me dá um cigarro. Na saída vou comprar e...

Eduardo tira a mão do Pinto do ombro. O Pinto sorri.

- Escuta. Vamos jogar a negra e depois a gente vai, ocá?

- Porra, Pinto. Já disse que não.

- É que eu tou duro, meu irmão, e se a gente não jogar a negra, eu tenho que ficar te devendo, tá entendendo?

- Chama o cara, merda.

- É que eu não queria ficar te devendo, meu irmão. A gente jogava a negra, eu ganhava, e ficava tudo limpo, limpinho, entendeu? Vamonessa?

- Puta que pariu, Pinto. Chama o cara, porra.

- Ocá. Ocá. Já que você prefere, fico te devendo. Por mim tudo bem.

8

Seu Homero é dono da Itapoã Modas, na Rua do Catete. Português da Beira Alta, nascido em Celorico da Beira, filho de lavradores, chegou a Manaus com quinze anos. Chamado pelo tio, irmão do pai, já encontrou as fazendas, as casas comerciais e o palacete na mão da amante, e o corpo no cemitério, enterrado em cova rasa. Nada pôde fazer, apanhado num beco, dias depois, uma costela partida, e o queixo desmantelado por amigos da nova dona da fortuna.

Durante cinco anos ganhou a vida descarregando barcas no porto flutuante. Aos vinte conseguiu emprego de caixeiro na Barateira, a maior casa retalhista de tecidos de Manaus. Com a morte do sócio principal, Seu Homero, moreno, alto, olhos pretos retintos, cabelo

cortado à Príncipe Danilo e já casado com a filha mais velha, assumiu a gerência da casa. Dez anos depois, ainda sem filhos e brigado com todos os sócios e cunhados, deixou a Barateira e abriu a Casa de Portugal, loja de modas finas, anexa a um armazinho e armazém de tecidos por atacado. Mas ainda hoje, resíduo dos primeiros anos passados em Manaus, Seu Homero alimenta uma desconfiança sem limites por todos os brasileiros, e em especial pelos seus próprios empregados.

- Só tem ladrão, Antunes. Nesta terra só tem ladrão. Não fosse a ladroeira que por aí há, e tu verias o que isto podia ser. Sabes o que isto precisava? Era de um Salazar. Mas um Salazar de verdade, estás a ouvir? Igual ao de Portugal, pra meter na cadeia os ladrões que aqui há. Os que aí estão agora, fizeram, fizeram, mas não fizeram tudo, nem vão fazer. Há ladrão demais nesta terra, Antunes, olha pró que eu te digo.

- Ladrões tem em todo lado, Homero.

- Mas aqui há demais, Antunes. Aqui há demais.

O passatempo favorito de Seu Homero é contar e recontar o dinheiro da caixa registradora. Vai no café, volta do café, vai no banheiro, volta do banheiro, vai almoçar, volta do almoço, Seu Homero mexe na caixa. Conta o dinheiro, separa o troco, conta de novo, e anota a soma.

- Olha pró que eu te digo, Antunes. Nesta terra o que vale é o dinheiro. Não tem padre por aí vendendo até o céu aos pedacinhos? Então?

Seu Homero comprou a Itapoã Modas numa licitação judicial, faz cinco anos, briga de sócios.

- Um lojão, Homero. Um lojão.

Seu Antunes, dono da Flor do Catete, uma sapataria feminina, bem na frente da Itapoã, conhece Seu Homero desde Manaus. Seu Homero, sócio da Barateira. Seu Antunes, dono da Flor do Amazonas, a sapataria mais fina do Estado.

- Um lojão, Homero. Um senhor lojão, sim senhor.

- Mas cara, Antunes. Cara demais. Não fosse a Alberta, com essas asneiradas de doença, eu nunca tinha saído de Manaus. Lá não havia esse negócio de freguês querer escolher. Lá freguês comprava o que a gente tinha, e acabou-se, tu sabes disso. Aqui não. Aqui o freguês escolhe o que quer. Antunes, Antunes, se eu estivesse no teu lugar, solteiro e sem compromissos, sabes tu o que eu fazia? Nunca tinha saído de Manaus, palavra de honra.

Seu Antunes sorri. Homero, Homero, como tu és burro, Homero. Seu Antunes deixou Manaus depois de Seu Homero, enxovalhado pelos vizinhos, que o chamavam, uns, de esquisito, outros, de frango. Seu Homero dá-lhe uma palmada nas costas.

- É o que eu te digo, Antunes. O Rio de Janeiro só serve pra gente gastar dinheiro. Aqui só ganha dinheiro quem rouba, olha pró que eu te digo, Antunes.

Seu Antunes continua sorrindo. Como tu és burro, Homero. Espia a vitrine da sapataria, e atravessa a rua. Um casal olha os sapatos e as bolsas, e Seu Antunes gosta de atender pessoalmente os clientes que param e olham as mercadorias expostas na vitrine. Seu Homero entra na loja, e abre a caixa. Conta mais uma vez o dinheiro, separa o troco, confere a soma, e olha Albertina conversando na porta da loja. Tu pensas que isto aqui é o quê, hem? O cu da mãe Joana? Acende um cigarro, e faz a caixa. A caixa está certa. Seu Homero olha Albertina, ainda conversando. Tu vais ver já, já, o que é que a Filomena perdeu entre o centeio. Ai, vais, vais. Pega uma nota de mil cruzeiros, e mete-a no bolso. Agora sim. Seu Homero sorri, satisfeito. Com a fita da soma na mão, chama Albertina.

- A caixa está errada.

- A caixa tá certa, Seu Homero.

- Ai, está? E isto?

Seu Homero mostra a fita da soma.

- Estás a ver? Faltam mil cruzeiros.

- Não falta nada, Seu Homero. Eu fiz esse diabo dessa caixa antes de ir almoçar, e ela tava certa.

- Pois agora faltam mil cruzeiros.

- Só se o senhor pegou.

- E tu chamas-me de ladrão?

Albertina não responde. Foi ele que pegou na merda do dinheiro outra vez, filho de uma égua.

-Eu vou fazer o diabo dessa caixa, e o senhor vai ver só.

Seu Homero sorri.

- Pois então faz.

Albertina abre a caixa. Soma os talões, separa o troco, e conta o dinheiro. Faltam mil cruzeiros. Conta de novo, verifica os talões um por um, confere, soma de novo, faltam mil cruzeiros. Não é possível, eu fiz esta merda desta caixa antes de ir almoçar, ela tava certa, e não entrou nenhum talão. Olha Seu Homero. Sacana, filho da puta, pegou o dinheiro só pra me sacanear outra vez. Seu Homero sorri.

- Anda. Anda. Faz o vale. Faz o vale, que tu sabes muito bem que na caixa não pode faltar nada.

Albertina olha-o. Seu Homero continua sorrindo.

- Faz o vale. Faz o vale, e acerta a caixa. Faz o vale. Vamos.

Albertina assina o vale. Velho fodido, filho de uma égua. Coloca o vale na caixa, e fecha a gaveta.

- Tá satisfeito agora?

Seu Homero sorri.

- Eu não estou satisfeito, nem deixo de estar. A caixa é que tem que estar sempre certa.

Acende um cigarro, e sobe para o escritório. Um jirau no fundo da loja com paredes de vidro fosco. Carlinhos, o auxiliar de escritório, soma os talões de venda do dia anterior. Toda segunda-feira a venda da semana anterior tem que estar no escritório do contador. Seu Homero tira a nota de mil cruzeiros do bolso.

- Seu Carlos, me dê um pulo no Bar Acadêmico, e me compre um maço de Minister.

Carlinhos se levanta, e sai de mau humor. Quê que eu sou nesta joça? Auxiliar de escritório, ou boy? Se quer um boy, que contrate um boy, ora onde já se viu? Seu Homero senta, e tira o telefone do gancho. Disca.

- A Penha está?

Puxa uma tragada, e sorri. Aposto que a Alberta está lá.

- Penha? Estás a ouvir? Vai cedo hoje. A Alberta está aí?

Coloca o telefone no gancho, e Carlinhos entra com o maço de cigarros. Português desgraçado, tomara que morra seco. Seu Homero olha Carlinhos, esmaga o cigarro no cinzeiro, e sorri. Franguinho de merda. Baitola. Desce para a loja, entra na cabine, penteia o cabelo já grisalho, mas ainda e sempre cortado à Príncipe Danilo, e esfrega as mãos. Albertina olha-o. Hoje é dia. Tomara que ela te corneie, viu? Seu Homero olha Albertina, e sorri, satisfeito. Armou para cima de Albertina, e à noite vai encontrar Penha, a cabeleireira do salão de D. Magda, como faz todas as sextas-feiras desde que a conheceu, faz três anos. Aos sessenta e cinco anos Seu Homero ainda aposta na imagem que vê no espelho.

- Antunes, olha pró que eu te digo, Antunes. Idade não é documento, ouviste?

Seu Homero faz uma pausa, e sorri.

- Documento é tamanho, Antunes velho. Olha que sou eu que to digo, que sei bem o que digo. Documento é tamanho. Tamanho, ouviste, Antunes?

Seu Antunes sorri. Como tu és burro, Homero.

9

D. Nair, pensionista do Ministério da Agricultura, mora no apartamento 314 do Edifício Rio Grande, no Largo do Machado. Em frente, no apartamento 311, moram D. Maricota e Seu Aristeu. D. Nair não gosta de D. Maricota. Mulher pequenina, ou puta ou bailarina. E essa aí nunca foi bailarina. D. Maricota também não gosta de D. Nair.

- Seu Aristeu, quanto mais baixa a pessoa é, mais alta se coloca. Quem é D. Nair, Seu Aristeu? Gentinha, Seu Aristeu. Gentinha. Seu Aristeu, não é por nada não, mas cada um deve conviver com pessoas

da sua igualha. Nós temos uma posição, Seu Aristeu. O senhor é caixa do Banco do Brasil e eu sou professora do Colégio Caravelas, Seu Aristeu.

-Eu sei, Maricota. Nós temos uma profissão, e também temos um periquito.

- D. Nair tem amantes, Seu Aristeu. Não faz nem cinco minutos saiu um homem do apartamento dela. Eu vi, Seu Aristeu.

- Era eu, Maricota.

- Não era não, Seu Aristeu. Era um moço, e bem novo, eu vi, Seu Aristeu. Quem nunca foi nada na vida não se importa que os outros falem. Mas eu me importo, Seu Aristeu. Ou o senhor já esqueceu o que aconteceu com as meninas?

D. Nair tem cinquenta e cinco anos , e teve duas filhas. Dirce, a mais velha, filha de um major da Aeronáutica, casou, e foi morar em São Paulo. Laura, a mais nova, filha do pediatra de Dirce, mora em Ipanema. Nunca visitam a mãe, nem ela as visita. Seu João, o porteiro, sempre que alguém sobe, e o elevador para no terceiro andar, dá pulos na portaria. Ó, lá vais mais um. E o outro desceu não faz nem dez minutos, viu? Seu João tem quarenta anos. Quando começou trabalhando no edifício como faxineiro tinha vinte. D. Nair dormiu com ele até que descobriu que ele queria era dormir com Dirce, moça de quinze anos. Nego safado, sem-vergonha.

Dirce soube da mãe quando encontrou o namorado na cama, e D. Nair tomando banho. Não disse nada, mas logo que pôde saiu de casa. Os namorados de Laura, depois da saída de Dirce, começaram a esperá-la em casa, depois das aulas. Um dia Laura viu D. Nair na cama com um deles. Gritou, fez escândalo no corredor, e foi morar com uma amiga naquele mesmo dia. Hoje vive com um gerente da Ducal, está grávida do segundo filho, e os filhos dele, dois meninos e uma menina, a chamam de Dindinha.

Duas horas. D. Nair espera Beto. Beto sempre vem depois do almoço. Quando Albertina, a caixa da Itapoã Modas, sai para trabalhar, Beto leva-a na loja, e volta. D. Nair conheceu Beto faz seis meses, na sessão das duas, no cinema São Luís, no Largo do Machado. D. Nair sabe que Beto vive com Albertina, mas não se importa. Beto estuda medicina, e quer é se formar e voltar para Teresina, no Piauí. D. Nair não gosta de Beto. D. Nair gosta é dos vinte e cinco anos que Beto tem. D. Nair gosta de rapazes, e na cama gosta que a maltratem, e Beto maltrata-a. Os seios de D. Nair têm manchas enormes. Marcas de dentes.

A campanha toca três vezes. É Beto. D. Nair abre a porta. Beto entra rápido. Beto também não gosta de D. Nair. Mas Albertina não ganha o suficiente para comprar toda roupa que Beto usa. D. Nair abre o roupão. Os seios enormes, flácidos, bamboileiam. Beto toca-os. D.

Nair geme. Beto aperta os bicos endurecidos. D. Nair geme mais forte. É ela que lhe compra as calças e as camisas esporte, e usa uma roupa nova de quinze em quinze dias. Albertina acha demais.

- É muita roupa não, Beto? Já não tem nem mais onde botar.

- Ora, Albertina. É a única coisa decente que eu posso comprar com esta mesada de merda que meu pai manda. Você é que não tem um pai forreta que nem eu, certo?

Beto passa a língua nos seios de D. Nair. Bem molhada. D. Nair gosta de sentir os bicos frios. Beto sopra a saliva. D. Nair geme. Beto aperta-lhe a bunda com força. D. Nair agarra a cabeça de Beto com uma mão, e com a outra oferece-lhe um seio, o bico escuro endurecido.

- Morde, morde. Maltrata.

Beto morde o seio. D. Nair geme alto, e se deixa cair em cima do tapete. Beto tira a roupa, e se joga em cima daquele corpo mole, pensando na bunda de Zenaide, colega da Faculdade que ele gosta de enrubar. Olhos fechados, Beto fode D. Nair com raiva, machucando. D. Nair geme. Se enrosca nele, e procura-lhe a boca com fúria, arfando. Beto enfia dois dedos na bunda de D. Nair. D. Nair grita, o grito parecendo um uivo, o corpo convulso, gozando.

Beto sai de cima de D. Nair, e acende um cigarro. D. Nair continua se contraindo e gemendo até ficar imóvel. Ainda de olhos fechados, e suspirando, coloca a mão de Beto nos seios esparramados. Beto deixa a mão esquecida em cima da pele suada. Termina o cigarro, levanta, e D. Nair encosta no sofá, o suor escorrendo pelo corpo.

- Já vai?

- Já.

- Me espere.

D. Nair entra no banheiro. Beto se veste. Mas que merda. Albertina devia era ganhar mais na porra daquele emprego. Senta no sofá, e acende outro cigarro. D. Nair sai nua do banheiro, uma nota de cinco mil cruzeiros na mão direita. Beto se levanta de um salto, e tenta apanhar a nota. D. Nair negaceia. Beto agarra-a pela cintura. D. Nair, com o braço livre, puxa-o para si. Beija-o com força. Beto morde-a. Puta desgraçada. D. Nair geme.

- Maltrata. Maltrata.

Beto aperta-a com força, e morde os ombros e os seios com mais força. Puta de merda. D. Nair grita. Beto fecha os olhos, e sustém a respiração para não sentir o hálito quente de D. Nair, a língua molhada lhe lambendo a cara e o pescoço. Vaca. D. Nair abraça Beto com as duas mãos, e a nota cai no chão. Beto tenta apanhá-la, mas D. Nair se deixa cair por cima. Beto morde com raiva os seios de D. Nair. D. Nair grita.

- Maltrata. Maltrata.

Beto puxa o cabelo de D. Nair, e bate-lhe nas coxas. D. Nair geme, e goza outra vez. Beto se veste, e entra no banheiro. Quando volta, D. Nair está sentada no sofá, uma nota de cinco mil cruzeiros em cada mão.

- Viu? Quem espera sempre alcança.

Beto pega as notas sem olhar D. Nair, e sai. Foder outro, tá, sua puta?

10

Wilson Martins, quarenta anos, é vendedor pracista da SASBRA - Sociedade Agrícola do Sul do Brasil, na Zona Rural do Rio de Janeiro, e mora no Largo do Machado desde que nasceu. Todos os dias, antes de entrar no ônibus, Wilson compra o Correio da Manhã. Salvatore, o jornalista, já o conhece.

- Dotore, hoje cabou cedo. Ma io guardei um pro sinhore, viu?

- Brigado, Salva.

Salvatore sorri, e entrega o jornal como se fosse contrabando. Dentro do ônibus, Wilson senta junto de uma janela, acende um cigarro, abre o jornal, e joga na rua o primeiro caderno, sem ler sequer as manchetes do dia. Puxa algumas tragadas, e abre o segundo caderno. Anúncios, e críticas de filmes.

Wilson conhece todos os cinemas do Rio de Janeiro, de Niterói, e alguns até de Nova Iguaçu e de Caxias. Todos os dias, de segunda a sexta-feira, Wilson vai no cinema. Aos domingos lê e relê o quinto caderno, escolhendo os filmes que irá ver durante a semana. O que os críticos possam dizer deste ou daquele filme não interessa a Wilson. Wilson só vai no cinema para ver filmes de mulher nua. Que o filme seja bom ou ruim, não importa. Importa, sim, que nele apareça, pelo menos, uma mulher de seios nus. Mas grandes. Déa, a esposa de Wilson, é uma moça bonita. Loura, vinte e cinco anos, quando vai na praia todos os homens se voltam, olhando, alguns até assobiando. Mas apesar de saber que ela é bonita, Déa não é a mulher com quem Wilson gostaria de ter casado. Wilson gosta de mulheres de seios grandes, e os seios de Déa cabem na palma da mão.

No cinema, Wilson gosta de ver os seios das mulheres enquanto elas andam, ou tomam banho. Das cenas estudadas de striptease Wilson quer é distância. Nada o excita mais do que ver uns seios grandes, soltos, abanando molemente.

Faz meses Wilson dormiu com Lena. Quando Lena começou se despindo, Wilson ficou duro, sem fôlego, os olhos cravados nos seios dela. Lena notou o olhar. Já estava habituada a que os homens falassem do tamanho dos seus seios. Mas alguns gostavam. Lena olhou Wilson, e deu um sorriso. Será que Seu Wilson gosta? Tomara que

goste, minha Nossa Senhora.

- São muito caídos não, sabe?

Wilson não responde, os olhos pregados na carne mole que sobra do sutiã. Lena levanta os seios.

- Eu tenho cuidado, sabe? Só dou banho de água fria. Diz que faz bem.

A garganta de Wilson arranha, de tão seca. Que maravilha, meu Deus do céu. Tremendo, as pernas bambas, dá dois passos. Lena, sorrindo, tira a saia, e a anágua. Faz tempo que Lena conhece Wilson de vista, quase vizinhos. Wilson mora logo depois do hotel de Seu Pepe, perto da esquina da Rua Marquesa de Santos. Muitas vezes Lena já o encontrou no bar de Seu Joaquim. Naquele dia, ela ia saindo quando ele entrou. Lena parou, sorrindo. Wilson não tirava os olhos da blusa bem decotada. Por favor, minha Nossa Senhora, por favor. Já devo mais de mês a Seu Pepe, coitado.

- Como vai o senhor, Seu Wilson?

Wilson não responde, os olhos pregados nos seios de Lena.

- Calor, não?

Wilson continua calado. Meu Deus do céu, com uma mulher como esta eu nem sei o que faria. Lena continua olhando Wilson. E agora, minha Nossa Senhora? Será que ele não vai querer? Abre o maço de cigarros, e acende um.

- Quer vir não?

Wilson continua olhando o decote de Lena, as pernas tremendo, imaginando como seriam aqueles seios esparramados no lençol. A primeira coisa que Wilson olha quando vê uma mulher, são os seios. Se forem grandes, Wilson não se importa que ela seja bonita ou seja feia, seja nova ou seja velha. O importante é ele poder imaginar o que faria se pudesse tirar o sutiã e pegar nos seios com as mãos. Acariciá-los, abaná-los, encostar a cara neles. E segue a mulher até que outra, de seios ainda maiores, cruze com ele. Mas nunca fala com nenhuma. A timidez não deixa. Por isso Wilson vê e revê os filmes de Isabel Sarli.

Wilson todos os dias vai no cinema, quer seja no Rio de Janeiro, em Niterói, Caxias ou em Nova Iguaçu, não importando se é um filme novo ou um que já viu dez ou vinte vezes. O importante é que a mulher tenha seios grandes, e ele possa imaginar o que faria com eles, se ela deitasse na cama junto dele.

Wilson casou com Déa faz três anos. Três meses após a morte da mãe. O pai morreu no dia em que ele deu baixa do Exército, atropelado por um loteação na Rua Senador Vergueiro. Déa era recepcionista do Banco da Bahia, na Rua do Catete, morava em Rocha Miranda, na Zona Norte, e sonhava viver na Zona Sul, as ruas sempre iluminadas, as vitrines sempre com roupas novas e bonitas, e a praia

na porta de casa, sempre que quisesse. Wilson conheceu Déa no banco, ao abrir uma conta. Um mês depois estava casado. Déa querendo, de qualquer jeito, descer para a Zona Sul, e Wilson não sabendo como viver só, agora que a mãe tinha morrido. Mas, passada a excitação da lua-de-mel, Wilson logo descobriu que Déa não era a mulher com quem devia ter casado. Déa tem seios pequenos, e Wilson só se excita com mulheres de seios grandes.

Wilson não se excita com Déa. Déa quase não tem seios, e está sempre ali, sempre junto, sempre querendo, e Wilson tem que fazer.

Wilson tinha dezesseis anos quando esteve pela primeira vez com uma mulher. A professora de português do Colégio Caravelas, D. Eunice. Foi na Floresta da Tijuca, num passeio escolar. Ela o afastando do grupo, e se embrenhando com ele pela mata, Wilson tremendo de excitação, os olhos pregados no tamanho dos seios dela. Mas quando D. Eunice tirou a blusa e começou tirando o sutiã, e Wilson viu o tamanho dos seios, Wilson gelou. Cabiam ambos na palma da mão. O sutiã era tudo espuma de borracha. Desesperado, Wilson fugiu. Não soube quanto tempo correu, e só parou quando cansou, encostado numa árvore.

Ainda ofegante, Wilson escutou vozes. Curioso, foi espiar. Metros à frente, junto de uma moita de hibiscos, Seu Hermógenes, o professor de educação física, beijava Rosana, uma das colegas de Wilson. E quando Seu Hermógenes tirou a blusa de Rosana, Wilson quase ficou tonto. Os seios de Rosana, grandes, fartos, não cabiam dentro do sutiã. E quando Seu Hermógenes o tirou, e os seios, livres, abanaram, Wilson fechou os olhos, e começou se masturbando. E se masturbou até ficar sem forças, a boca rascando de tão seca. Seu Hermógenes que trepasse com Rosana. Para Wilson bastavam aqueles seios grandes, fartos, soltos, abanando, e ele imaginando o que faria com eles se os tivesse na cama junto dele, esparramados no lençol.

- Vamos, Seu Wilson?

Lena sorri, e segue na direção da porta do hotel. Wilson vai atrás, os vizinhos que se danassem. Agora, finalmente, Wilson vai estar com uma mulher igual às que via todos os dias no cinema. Com os seios que ele sempre quis ter nas mãos. Como serão eles nus, meu Deus do céu? Lena já tirou a blusa, e vai tirar o sutiã. Wilson treme, a boca seca, mal podendo falar.

- Espera.

Pega nos seios de Lena, os dedos rígidos, a garganta apertando e doendo, as pernas tremendo, parecendo que vai cair. Durante minutos, Wilson acaricia os seios de Lena, a respiração entrecortada. Aperta-os, esfrega-os, abana-os, o corpo duro, as pernas tremendo, quase caindo. Lena está de pé, os braços caídos ao longo do corpo, olhando Wilson. Wilson geme, ofegando, o pau duro, quase gozando. Por fim, as mãos

desajeitadas desapertam o sutiã. Os seios de Lena, soltos, caem. Lena levanta as mãos.

- Deixa. Deixa.

A voz de Wilson é rouca, profunda. Ele mesmo tira o sutiã, e fica olhando os seios caídos. Lembra dos seios de Rosana, e fecha os olhos. Lena sorri, e mexe o corpo. Os seios abanam. Wilson abre os olhos e geme, a respiração parecendo um estertor. Lena já conheceu homens assim. Seu Zó, coitado. Seu Zó só gosta de olhar. As vezes pede que ela esfregue os seios no piru dele, mas a maior parte das vezes não. Lena tira a blusa e o sutiã, fica de pé, Seu Zó sentado na cama, ela abanando os seios, Seu Zó apertando as pernas, gozando com a mão, só olhando os seios abanando, Seu Zó gemendo e babando, até cair por cima da cama, os olhos revirados e a boca aberta, Lena deitando do lado dele até ele ficar calmo, poder se vestir, e ir embora.

Lena olha Wilson, e sorri. Lembra do primo, também gemendo toda vez que ela tomava banho na cacimba, e ele vinha e pegava nos seios dela. Até que a mãe descobriu, e a botou fora de casa. Wilson olha Lena, a garganta tão contraída que não pode nem falar. Lena levanta os seios com as mãos, e oferece-os. Wilson mergulha a cara na carne mole. Passa a língua. Geme. Chupa os bicos. Lena deita na cama. Wilson tira a roupa, e ajoelha do lado dela. Mas não trepa. Enquanto com uma mão lhe acaricia os seios, com a outra se masturba. Satisfeito, feliz por fazer uma coisa que nunca tinha feito. Ter uma mulher assim na cama junto dele, e poder gozar só de tocar nos seios dela.

11

Na porta do Café Lamas, Eduardo para, e olha o Largo do Machado. Nos bancos de pedra, debaixo das árvores, as pessoas cochilam ou se abanam com leques ou folhas de jornal, procurando afastar o calor insuportável. Nas carrocinhas de sorvete, as filas crescem, os sorveteiros rindo e atendendo os compradores. Nas calçadas, debaixo das marquises, mulheres com bolsas conversam em grupos, a caminho das compras. O sol inunda o asfalto de calor, e faísca nos tetos dos automóveis. Na frente da galeria do Cine Condor a fila do ônibus dos Seus Talões Valem Milhões dobra o quarteirão. Todos sonham ficar ricos, ou ao menos poderem arredondar o orçamento ganhando alguns trocados nos sorteios da Secretaria Municipal de Fazenda.

Eduardo olha o salão. O Pinto, parado junto de uma mesa, conversa com um sujeito. Eduardo olha com mais atenção. Conheço aquele cara. Olha de novo o cabelo empastado de brilhantina, os óculos escuros, a camisa aberta no peito, e o medalhão de ouro aparecendo. Eduardo sorri, lembrando de repente. É Estevo Jimenez, o

polícia galego que sempre leva dinheiro de Seu Pepe. Eu sabia que era o cara. Um bom sacana. Na rua, os lotações passam desenfreados, deixando marcas dos pneus no asfalto mole, quase derretido. Junto do chafariz, no meio do largo, um bando de pombos esvoaça, catando migalhas pelo chão. Um casal de turistas, o homem com a máquina fotográfica a postos, aguarda o momento certo de tirar uma foto. O filho saltita entre os pombos, procurando espantá-los com grandes gestos. A mulher ri, e incita a criança. O homem, sério, observa a cena, e dispara a máquina. Eduardo olha-os. Será que um dia também vou ficar assim, todo babaca?

- Eduardo, nós não somos diferentes. Só que fazemos de conta que somos diferentes.

A voz de Auri vem de repente, do nada, explodindo na cabeça de Eduardo. Estão sentados na areia da Praia do Leblon. A praia está deserta. Só, ao longe, dois guardas da Polícia Militar, a cavalo, fazem a ronda, e uma lancha se arrasta sobre as ondas, balançando devagar. É noite.

- Eduardo.

Eduardo não responde. Continua fumando.

- Eduardo, quê que você tem? Hem?

Eduardo joga o cigarro na areia. Um pouco à frentes, dois vultos se levantam, e correm para as ondas.

- Hem, Eduardo?

Eduardo olha Auri durante alguns momentos, imóvel, o olhar fixo no rosto dela.

- Tou confuso, Auri.

Auri não diz nada. Sustenta o olhar de Eduardo, e aguarda. Eduardo desvia o olhar. Auri acaricia-lhe o rosto.

- Fala.

Eduardo respira fundo.

- Sabe? No fundo, no fundo, eu gostaria era de ser como esse pessoal que tá correndo nas passeatas, protestando, xingando a milicada, se arriscando, mas não consigo.

Baixa os olhos, e abana a cabeça.

- Não sei por quê, mas não consigo. Parece que tudo que tá acontecendo por aí, pra mim não tá acontecendo.

Pega um punhado de areia, e joga-o longe, com força. Os soldados da Polícia Militar se aproximam devagar, os cavalos enterrando as patas na areia molhada. Auri estende a mão.

- Me dá um cigarro.

A voz de Auri soa abafada, rouca. Eduardo olha-a. Auri raramente fuma. Eduardo acende dois cigarros, coloca um entre os lábios dela, e ambos fumam em silêncio durante alguns momentos. Eduardo puxa uma tragada profunda, e sopra o fumo com força.

- Sabe? Eu escrevo. Mas que merda de escritor eu sou, se tudo que tá acontecendo por aí não me afeta? Como é que eu posso questionar a realidade se...

Cala-se, e puxa outra tragada. Auri olha-o.

- Se...

- Sei não, mas acho que não tem nem se. O que eu queria mesmo era ser que nem eles, sabe? Mas não consigo. Pra mim esse pessoal só tá fazendo de conta, Auri.

- Nem todo mundo tá fazendo de conta, Eduardo.

- Talvez tenha alguém que não faça. Tem que ter. Se não tiver...

Cala-se, e abana a cabeça com força. Auri joga o cigarro na areia. Eduardo olha-a.

- Quê que tará acontecendo comigo, se nem a mim eu consigo me entender, Auri?

Auri não responde. Eduardo puxa uma tragada profunda, e joga o cigarro na areia.

- Tem hora que fico até pensando que você gosta de um desconhecido.

Levanta-se.

- Sabe, Auri? No fundo, no fundo, eu queria era ser que nem todo mundo. Correr nas passeatas, protestar, xingar a milicada...

Cala-se, e olha Auri.

- Por quê que será que eu sou assim, hem, Auri? Duvidando de tudo...

Auri pega-lhe na mão, puxa-o para si, aproxima os lábios entreabertos do rosto dele, e beija-lhe os olhos.

- Quem não tem dúvidas, Eduardo?

- Você tem?

Auri sorri, e beija-o.

- Bobo.

Eduardo acena com a cabeça.

- Sabe? Eu gostaria era de acreditar. Fosse no que fosse, mas acreditar de verdade. Ter fé.

Auri acaricia-lhe o rosto.

- Não se pode confundir fé com convicção, Eduardo.

- Você nunca confundiu?

Auri sorri.

- Nunca. Se confundisse, você acha que taríamos agora aqui?

Duas horas. O salão está lotado. Alda entra, e olha as cadeiras todas ocupadas. Boa. Demorando uma hora, tá ótimo. Sorri para D. Magda, e senta na sala de espera. Pega uma revista, e acende um cigarro. Às três digo a D. Magda que não posso esperar mais, e me

mando. Recosta na cadeira, e folheia a revista, sorrindo. Pensando no encontro que tem às quatro horas. As janelas estão abertas, os ventiladores zunem, mas o calor continua insuportável. Diante do espelho Penha escova o cabelo curto e grisalho de D. Alberta. D. Alberta já mudou de salão três vezes por causa de Penha.

- Ah, Penha, para onde tu fores, eu vou. Ainda não encontrei cabeleireira igual a ti aqui no Rio.

- Quê que é isso, D. Alberta? Cabeleireiras que nem eu tem aos montes por aí.

- Pois eu ainda não conheci nenhuma. E nem quero conhecer.

Sentada junto da máquina registradora, D. Magda olha o salão. D. Magda gosta de Penha. Limpa, bonita, sempre alegre, Penha sabe agradar às freguesas. Alisa a frente da bata branca, e sorri. Bendita hora em que entrei no salão do Emílio, e encontrei esta menina.

- Penha.

- Sim, D. Alberta?

- Tens uma revista?

Penha pega a Manchete. D. Alberta folheia-a devagar, sem ler. D. Magda acende um cigarro. Americano, longo. Cigarro brasileiro dá não, parece cotoco. D. Magda acha que deve fumar cigarros longos, porque está começando a engordar, e os cigarros longos são elegantes. Estevo que se vire, e arrume.

- São caros sim, D. Lúcia. E só de contrabando a gente arruma, a senhora sabe? Mas são muito elegantes. Se a senhora quiser, eu posso ver.

- Quero sim, D. Magda.

D. Lúcia vem no salão todos os dias, faz unha, pinta cabelo, tem dia que não faz nada, mas vem sempre. D. Lúcia vem no Magda's esperar telefonemas que não pode esperar na casa dela. Tem filhos e empregada, e alguém pode escutar. D. Magda sabe, e sorri. Estevo que se vire, e arrume mais uma dúzia de pacotes, dane-se. Faz um ano que D. Magda comprou o Magda's Salão de Beleza. Salão fraco, ponto fraco, longe de qualquer esquina. Na própria Rua do Catete tinha dois melhores, mais bem aparelhados. Mas D. Magda sabe como tratar as freguesas. O telefone do salão está sempre à disposição, fazendo ou recebendo ligações que elas não podem fazer nem receber em casa delas. E uma freguesa que vai no salão telefonar, ou fazer hora, não sai sem, pelo menos, ajeitar o cabelo ou chamar a manicure. E D. Magda sabe o quanto cobrar pela descrição. Faz três anos, ainda em Botafogo, o marido tinha dado o fora, enrabichado por uma manicure vinda de São Paulo. Ainda hoje tou pra saber o quê que aquele infeliz viu naquela puta. Mulher suja, sebenta, um lixo. Mas até que foi em boa hora, graças a Deus. Agora tou como quero. D. Magda sorri, e olha o salão. Devagar, chega junto da cadeira onde Penha penteia D.

Alberta.

- Tudo bem com a senhora, D. Alberta?

- Tudo bem, D. Magda, muito obrigada. Já disse à Penha que hoje é só escova. Tenho parentes lá em casa, a senhora sabe? Vieram de Manaus.

D. Magda sorri. D. Alberta é esposa de Seu Homero, o dono da Itapoã Modas, e uma das muitas freguesas que Penha tirou do salão de Seu Emílio.

- Ah, D. Magda.

- Sim, D. Alberta.

- Eu já disse ao Homero que neste Natal a senhora e a Penha vão lá na loja tirar uma blusa para cada uma.

D. Magda sorri, e olha Penha. Ela conhece Seu Homero.

- Muito obrigada, D. Alberta. É muita gentileza da senhora.

- E tu vê lá se escolhes uma bem bonita, ouviste, Penha? Não vai pela cabeça do Homero, que ele não tem gosto nenhum.

- Pode deixar, D. Alberta. Eu vou trazer a mais bonita, a senhora vai ver só.

D. Magda se afasta. Conversa com outras freguesas, e vez por outra faz anotações na agenda que traz no bolso da bata.

- Não tem dúvida não, D. Lúcia. A senhora pode ficar tranquila que eu darei o recado. Hoje, sexta-feira, a senhora não pode. Só na terça, né? Deixe comigo, D. Lúcia. Darei o recado, viu?

D. Lúcia sorri. D. Magda sorri também. Ambas sabem que D. Lúcia voltará, sem falta, na próxima terça-feira. No mínimo, mais uma escova, ou um pé. Senta de novo junto da caixa. O telefone toca. D. Magda atende, e sorri. Já conhece a voz de Seu Homero.

- Penha, telefone.

- A senhora dá licença, D. Alberta?

- Vai, vai. Olha.

- Sim, D. Alberta?

- Se for o teu namorado, diz-lhe que eu só te vou deixar sair depois que me penteares, ouviste?

Penha sorri, e vai atender. D. Alberta se acomoda na cadeira. Boa moça, esta Penha. Feliz do homem que a levar. Penha atende o telefone.

- Alô? Sim. Vou. Tá.

Penha volta, e pega a escova.

- Era ele, Penha?

- Que nada, D. Alberta. O meu namorado ainda tá por fabricar. Era uma cliente marcando hora.

D. Alberta sorri. Boa moça mesmo, esta Penha. Feliz do homem que a levar. D. Magda atende outra vez o telefone. Olha o salão, fala durante alguns segundos, desliga, e vai conversar com uma das

freguesas. D. Sandra escuta atentamente.

- A senhora tem certeza, D. Magda? Hoje?

- Às cinco em ponto, D. Sandra.

D. Sandra recosta na cadeira, fecha os olhos, e sorri. D. Magda sorri também. Em menos de um ano transformou aquele salão no salão mais afreguesado da Rua do Catete, e mesmo desconfiando que Estevo Jimenez passa o dia cantando todas as mulheres que vê na rua, D. Magda está satisfeita. Tem um homem na cama funcionando todas as noites, e uma boa conta na caderneta da Caixa Econômica Federal, logo ali no Largo do Machado. Querer mais o quê, eu, hem? Na sala de espera, Alda olha o relógio. Mais cinco minutos, e me mando.

13

Deitada de costas na cama, nua, Norma olha o teto branco do quarto. Na cozinha, D. Branca acaba de lavar a louça do almoço. Norma escuta o barulho dos pratos na pia. Por que será que vovó nunca me deixa em paz, hem? Bem que podia morrer de uma vez, aquela vaca. Abre a gaveta da mesa de cabeceira, e tira uma cigarreira de couro preto. Procura o isqueiro, pega um cigarro mal enrolado, e acende-o. Fecha os olhos, e dá uma tragada profunda, retendo o fumo nos pulmões. Ainda de olhos fechados, traga de novo. Outra tragada, mais outra, ainda outra, e Norma começa sorrindo, relaxando, perdendo peso, começando a flutuar. Da cozinha vem o barulho de um copo caindo no chão, quebrando. Norma abre os olhos. Mais outro, D. Branca. Quebra dois, que eu quebro três. Quebra tudo, sua vaca. D. Branca, viúva aos vinte anos, é mãe do coronel de cavalaria José Roberto Dias, pai de Norma. Norma apaga o cigarro, e guarda a bagana na cigarreira. Deita de costas, olhos fechados, as pernas e os braços abertos, flutuando. D. Branca, magra, pequena, o cabelo branco preso num coque, aparece na porta do quarto. Olha Norma, o corpo moreno brilhando de suor.

- Falta de vergonha. Vista qualquer coisa, Norma.

Norma abre os olhos. Vaca.

- Quê que há, vovó? Nunca viu mulher pelada não?

- Falta de respeito.

Norma ri. D. Branca aponta o corredor.

- Pode entrar alguém.

- Quem vovó? Quem vai entrar com a senhora de sentinela, hem? Só Esteves, e mesmo assim pedindo licença. Licencinha, vovó?

- Seu cunhado pode chegar.

Norma deita de bruços.

- Sabe que mais, vovó?

D. Branca sai do quarto, e fala do corredor.

- A cozinha está arrumada.

Tomar no cu, sua vaca. Norma deita de costas. Por quê que Esteves é tão burro, hem? Será que todo homem é burro assim? Vai ver, são mesmo. D. Branca sai do apartamento, e fecha a porta de serviço. Norma levanta, e liga o ar-refrigerado. Tou pegando fogo, puta merda. Pega um livro do chão. Deita de novo. Lê algumas páginas, fecha o livro, e olha o teto do quarto. Ah, dane-se. Joga o livro no chão, e vai no quarto do cunhado. Puxa a colcha, e arrasta o corpo suado em cima dos lençóis. Pega o travesseiro, e esfrega-o entre as coxas. Norberto vai ver que deitei outra vez na cama dele, e vai ficar puto. Sorri. E vai tocar punheta até.

Norma mora no Largo do Machado faz quatro anos. Mas não gosta de morar lá. No mesmo edifício, e no mesmo andar, mora o resto da família. O pai, a mãe, e a avó.

- Esteves, por quê que você comprou este apartamento logo aqui, hem? Não tinha outro lugar não?

- Foi o seu presente de aniversário, meu bem.

- Mas logo aqui, Esteves?

- É um ótimo apartamento, meu bem. Dois por andar, o nosso e o de sua família. Privacidade total, meu bem.

Esteves, Antônio Gonçalves de Souza Esteves, é diretor de vendas da Companhia Metropolitana S/A Importadora de Aços Finos, na Avenida Rio Branco, quase esquina com a Rua do Rosário.

- Você não gostou do presente, meu bem?

- Você já não comprou?

- Custou setenta milhões, meu bem.

Norma casou faz cinco anos. No penúltimo ano de Letras. Foi morar no Leblon, no apartamento do sogro viúvo, e não completou o curso. Esteves não deixou.

- Não precisa, meu bem. De qualquer forma eu não vou permitir que você trabalhe fora. Você não vai precisar, meu bem.

Norma não aguentou morar mais de um ano com o sogro. E tanto insistiu que conseguiu convencer Esteves. Bem, morar mais perto do seu trabalho não é melhor pra você não? Se cansa menos. Mesmo de carro, com engarrafamentos e tudo, leva mais de uma hora. Esteves concordou e comprou aquele apartamento no Largo do Machado. A dona, viúva de um colega do pai de Norma, querendo vender, e voltar para São Paulo.

- Ficamos todos mais juntos, meu bem. Você sabe que eu me dou muito bem com a sua família.

- Esteves, eu não quero morar aqui. Vovó vai se meter em tudo.

- Ora, meu bem, vovó só vem ajudar, mais nada. Ela já falou.

- Esteves, eu casei com você pra me ver livre de vovó, você sabe disso. Eu te falei.

- Mas ela só vai ajudar, meu bem. Ela não vem morar com a

gente.

- E essa extensão do nosso telefone no apartamento de mamãe, hem?

- É que pode acontecer alguma coisa com você enquanto eu estiver fora, meu bem. É só por isso, entenda. E você mesma falou que não queria empregada, lembra, meu bem?

- Falei, mas não pra ter vovó em cima de mim toda hora, merda.

No quinto ano de casados, Esteves trouxe o irmão para morar com eles.

- Você não se importa, não é, meu bem?

- Você já não trouxe?

- Mas você podia se importar, meu bem.

Norberto, gerente de vendas da Imobiliária Zirteren, ex-seminarista, e dois anos mais velho que Esteves, é solteiro.

- É melhor para todos, meu bem. E Norberto vai ajudar nas despesas, não se preocupe.

- Não tou preocupada.

Norma fumou o primeiro baseado por curiosidade. Mexendo nas gavetas de Norberto encontrou um pacotinho de maconha, dentro de um par de meias mal dobrado. Enrolou um baseado, acendeu, tragou, mas foi horrível. Na segunda tragada a cabeça rodou, Norma vomitou, passou mal. Mas continuou. Se o bosta pode, por quê que eu não vou poder, hem? Uma semana depois já viajava, sozinha no quarto, vovó lavando a louça, ou arrumando o apartamento. Norberto nunca disse nada, e Norma nunca soube se ele dava pela falta da maconha.

Norma se despe. Um bosta. Um bostão que nem Esteves. No banheiro da suíte, Esteves escova os dentes, e faz um gargarejo antisséptico. Norma odeia aqueles gargarejos.

- Mas, meu bem, compreenda. Eu passo o dia inteiro falando. Chega de noite, a minha garganta está um lixo.

- Mas pode fechar a porta, ou será que não?

Esteves se deita. De pijama. Norma está nua por cima dos lençóis, o corpo moreno brilhando de suor. Norma dorme sempre nua. Esteves olha-a, os seios balançando a cada respiração.

- Meu bem.

- Quê que é?

- Norminha.

- Esteves, por favor.

- Está cansada hoje também?

- Tou. Não tou passando bem.

Esteves apaga a luz, se cobre com o lençol, e pouco depois adormece, ressonando. Norma acende seu abajur, pega um livro, e acende um cigarro. Macedônia. Norma gosta de cigarros fortes, sabor acre. Norberto fecha a porta do quarto, e apaga a luz. Norma sorri.

Aposto que tá cheirando o travesseiro. Puxa uma tragada profunda, e saboreia o gosto áspero do fumo.

Norberto não consegue dormir. De luz apagada ou acesa, de olhos abertos ou fechados, o corpo de Norma não sai da frente dele. Moreno, brilhante, escorrendo água por entre as coxas. Norberto recorda a cena mais uma vez. Onze horas da manhã. D. Branca na cozinha, ele no quarto, Norma tomando banho no banheiro social. Fez de propósito, aquela puta. Norberto passa no corredor, e vê a porta aberta. Para, e olha. Norma, de braços levantados, deixa a água escorrer pelo corpo.

- Nunca viu mulher tomando banho não?

Norberto quer recuar, fechar a porta. Norma se vira de frente, e levanta os seios com as mãos, os lábios entreabertos, a ponta da língua saindo por entre os dentes.

- Pode olhar. Hoje é de graça.

Norberto bateu a porta com força, e se fechou no quarto. Não almoçou, nem foi trabalhar. E agora, passados dias, ainda não consegue dormir. O corpo de Norma continua na frente dele, moreno, brilhante, Norma sorrindo, escorrendo água. Num gesto brusco Norberto salta da cama. Norma escuta os passos no corredor. Aposto que vai tocar uma. Norberto entra no banheiro, e tranca a porta. Norma sorri. Eu sabia. Olha Esteves ressonando. Burro. Norma sai do quarto, para na porta do banheiro, e espreita pela fechadura. Sentado no vaso, olhos fechados e boca aberta, o ar rascando na garganta, Norberto se masturba.

D. Branca todas as manhãs vai no apartamento de Norma. Faz o café, prepara o almoço, e limpa e arruma tudo. Norma se levanta sempre tarde. Dez, onze horas. Esteves não almoça em casa. Norberto nunca sai sem almoçar. Norma sempre senta na mesa de baby-doll. D. Branca reclama.

- Norma, isso não são modos de sentar à mesa.

- Ora, vovó, Norberto não se importa. Importa, Norberto?

Norberto não responde. Puta. Mas à noite não vem jantar, esperando que Nelly, no puteiro da Rua Alice, atenda o último freguês e ele possa se trancar com ela no banheiro. Nelly tomando banho, e Norberto olhando, pensando em Norma, se masturbando.

Norma sai da cama de Norberto, e entra no banheiro da suíte. Deixa os lençóis amarrotados, e o travesseiro caído no chão. Assim ele vai saber que tive lá. Abre o chuveiro, e fica imóvel, a água escorrendo pelo corpo, a mão direita friccionando o clitóris. Está em pleno gozo quando o telefone toca. Norma não escuta. O telefone insiste. Norma dá o último gemido, abre os olhos, e vai atender, nua, a água pingando no carpete.

- Alô? Eu. Vou. Cinco. Tchau.

Termina o banho, e entra no quarto. Escuta a chave de D. Branca na porta de serviço. Vaca, escutou na merda da extensão. D. Branca entra no quarto.

- Você vai sair, Norma?

- A senhora não tá vendo não?

- Sua mãe pediu pra você esperar.

Vaca. Mamãe foi, ó. Sarrar o dela.

- Vou jantar com Esteves.

- Mas sua mãe quer que você espere.

- Por quê que a senhora não espera, e me deixa em paz, hem?

D. Branca não responde. Vagabunda igual à mãe.

14

Élcio Fernandes nasceu no Sapê, em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, filho de pai desconhecido. Vendedor de amendoim torrado na estação das barcas Cantareira, reservista de terceira categoria e cobrador de ônibus, Élcio Fernandes, aos vinte e três anos sumiu de casa.

A Igreja dos Divinos Sentimentos teve seu primeiro templo em Glicério, município de Macaé, Estado do Rio de Janeiro. Foi seu fundador o pastor Élcio Fernandes, ex-professor das Faculdades Racionais Paranaenses e ex-pregador da Igreja Pentecostal do Paraná, conforme se atestava em mil cartões de visita distribuídos em Glicério, e nas fazendas circunvizinhas uma semana antes do primeiro ofício dominical. Quinze pessoas assistiram à primeira prédica, e dez se filiaram à nova igreja. O pastor-missionário Élcio Fernandes os batizou pessoalmente, e a eles foi prometida a bem-aventurança e a paz eternas, como os primeiros escolhidos.

15

A casa da tia de Roberto, um colega de Auri, estudante de Direção no Conservatório Nacional de Teatro, é uma casa antiga, de três andares, dois prédios abaixo do bar de Seu Joaquim, na Rua Gago Coutinho. Uma vez por mês, desde que Roberto entrou para o Conservatório, desde que se formou em alcaguete da milicada, diz o Pinto, a turma promove um baile na última sexta-feira. A única obrigação de quem vai é levar, pelo menos, uma garrafa de bebida ou um pacote de tira-gosto. D. Ponciana, tia-avó de Roberto, entra na igreja de Nossa Senhora da Glória às quatro horas da tarde, acompanhada da empregada, e só volta depois da última missa, após a conversa diária com padre Antônio.

Auri, apesar de sempre convidada, nunca foi. Mas hoje é dia de seu aniversário, e o pai, coronel de infantaria, sediado em São João

d'El-Rei, nem um postal lhe mandou. Fazia quatro anos que não se viam nem falavam. Viúvo aos seis anos de casado, o coronel Francisco Paulo de Camargo Pennafort sempre viveu com a filha pelos quartéis onde servia. Tirado de um comando no Rio Grande do Sul para servir no Estado Maior das Forças Armadas no Rio de Janeiro, conheceu Remédios, argentina nascida em Goiás e corista do Teatro Carlos Gomes, na Praça Tiradentes. Transferido para São João d'El-Rei, casou com ela. Posto num dilema entre a nova mulher e a filha, pediu à filha que escolhesse a cidade onde gostaria de morar. Auri escolheu o Rio de Janeiro. O pai alugou uma casa na Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, e Auri se matriculou no Colégio Juruena, aulas pela manhã, e no Conservatório Nacional de Teatro, aulas à noite. Na noite anterior, no Conservatório, Roberto falou do baile.

- Você vai, hem, Auri?

- Vou não, Roberto.

- Quê que é isso, menina? É dia de seu aniversário, pô. Ô Dora, fala com ela aí, vai.

- Vou não, Dora.

- Qual que é, menina? Vê se toma jeito, pô. O careta já sumiu da sua vida, ó...

Auri não respondeu. Fazia três anos que não dançava. Eduardo não gostava de bailes. Dora insistiu.

- Você vai sim. Pode deixar que eu apanho você, e levo os tira-gosto, tá?

- Vou pensar, Dora. Amanhã te falo, tá?

- Que nada, menina. Amanhã é dia de seu aniversário e você não vai ficar metida em casa feito besta não. Nós vamos no baile, viu, Roberto?

Quando elas entraram, a música parou e todos correram para abraçar Auri, e dar os parabéns. No salão só tinha um tipo desconhecido. Roberto foi o primeiro a abraçar Auri.

- Pô, Auri, que bacana. Até que enfim que você veio. Legal. Legal mesmo. Vamos dançar?

- Depois, Roberto. Agora não tou a fim, tá?

A música começou. O Pinto tocava violão. Auri sentou junto da mesa das bebidas, e olhou o salão. Todos dançavam, menos o tipo desconhecido, conversando com Dalva. Auri respirou fundo, e voltou a olhar o salão. Melhor não ter vindo. Eduardo sumido, vou resolver o quê aqui? Encheu um copo de cerveja, e bebeu dois goles. Pouco depois o tipo desconhecido sentou na cadeira do lado. Roberto dançava com Dora.

- Por quê que Auri não quis dançar comigo, hem, Dora?

- Ora, Roberto, por que não tava a fim, só pode, né?

O tipo desconhecido olhou Auri.

- Você não dança?

Auri não respondeu.

- Você devia beber. Isto é uma festa. A festa de seu aniversário, né não?

Encheu dois copos de rum, pegou um em cada mão, ficou na frente dela e fez uma vênha. Besta. Eduardo só bebia conhaque. O tipo desconhecido ofereceu um dos copos, e levantou o dele.

- Vamos brindar?

Auri encolheu os ombros.

- Você faz anos, faz não, pô?

Beberam. O tipo desconhecido fez outra vênha.

- Deixa eu me apresentar. Meu nome é Beto, estudo medicina, sou piauiense mas não tenho plantações de caju, ok?

Riu. Auri olhou-o. Besta.

- Como é seu nome?

- Auri.

- Amiga de Roberto?

- Estudamos juntos.

- Ah, então tudo bem. Eu também sou amigo dele. Vamos dançar?

- Não.

Beto colocou o copo em cima da mesa, e olhou-a. Putinha fina, hem?

- Então eu vou, ok?

Auri não respondeu, e bebeu mais um pouco. O Pinto entregou o violão ao Moreira, o violonista do conjunto, e veio sentar junto dela.

- Vamos dançar, Auri?

- Não.

- Por quê, ora?

- Porque eu não quero.

Caldeira dá um grito no meio do salão.

- Pinto. Ô Pinto, a turma tá pedindo um rock, pô.

Chega junto do Pinto, e arrasta-o para o canto onde estavam os músicos.

- Pô, Caldeira, Moreira que toque.

- Qual é, cara? Moreira já tocou. Agora é sua vez, ou você veio aqui pra quê, hem?

Auri se levanta. Eu devia era ir embora. Bebe alguns goles, se engasga, tosse, e vai para junto de uma das janelas. Onde você tá, Eduardo? Me diz. Deixa os olhos vagarem pelo Largo do Machado, sem ver ninguém. Eu queria ver você hoje, Eduardo. É dia de meu aniversário, você sabe.

No fim da música começaram os brindes. Primeiro à Auri. Foram buscá-la junto da janela, e ela bebeu mais rum. Depois brindaram ao

Zé, que não viera, estava ensaiando no Teatro Opinião. Em seguida Caldeira brindou aos músicos, e Beto brindou a Dalva. No brinde de Roberto, Caldeira correu para o meio do salão, agitando os braços.

- Música, pessoal!

O Pinto chega junto de Auri.

- Vamos dançar agora?

Roberto se aproxima.

- Pinto, você veio pra tocar, porra.

O Pinto xinga um palavrão, e sai de perto. Roberto passa um braço pelos ombros de Auri.

- Vamos dançar agora?

Auri grita.

- Me deixa.

Roberto se afasta, espantado com o grito. Aquele bolha de merda te pegou mesmo, o filho da puta. Auri pega uma garrafa, senta junto da janela, e enche outro copo. Eduardo cadê você? Bebe metade do copo, e enche de novo. Antes das sete horas estava completamente bêbada. Dora falou com Torres, amigo de ambas.

- Que será que deu nela pra tomar um porre assim? E logo no dia do aniversário, eu, hem?

- E eu sei? Melhor chamar um táxi, Dora.

- Chama sim.

Roberto se aproxima.

- Auri sempre foi metida a besta, você sabe disso, Dora.

Dora olha Auri, sentada na cadeira, olhos fechados, um fio de baba escorrendo pelo queixo.

- Ah, não enche, Roberto. Alguma coisa ela tem, pô.

- Será que o bolha...

- Qual é, Roberto? Se manda, tá?

Mila, que tinha dado em cima de Eduardo fazia tempo, não gostava de Auri.

- Filha de coronel é isso mesmo, gente. Nem fode nem sai de cima.

Todo mundo riu, menos Dora.

- Se foder, tá, Mila?

Quando o táxi chegou, Torres ajudou Dora a carregar Auri, e todo mundo desceu. Só o Pinto ficou no salão. Pegou um copo qualquer, encheu-o, e bebeu. Tu vai se foder, tu vai ver só, sua vaca. Pouco depois a turma volta, Caldeira no comando, puxando o cordão.

- Pinto, sai um rock bem batido.

O Pinto não respondeu. Tomar no cu, tá?

Roberto olha o Pinto, olhos vidrados, olhando nada.

- Moreira que toque. Esse cara só vem aqui pra apanhar porre, todo mundo sabe disso.

O baile continuou. Às oito horas D. Ponciana, apoiada no braço da empregada, desce, devagar, as escadas da igreja. Sentado nos degraus, bêbado, Cazuza cata pulgas nos sovacos. D. Ponciana para, e olha Cazuza.

- Emília, dá dez cruzeiros àquele pobre. Diz-lhe que é pelas santas almas, ouviste?

16

Mauro saiu de casa na hora do costume, mas não foi trabalhar. Ficou no Largo do Machado fazendo hora, esperando abrir o comércio. A esta hora Lia já deve ter chegado em Campo Grande, coitada. Junto da fila do ônibus Largo do Machado-Saenz Peña, um engraxate espera freguês. Mauro olha os sapatos, e olha o engraxate.

-Tá vago?

O engraxate bate com a escova no caixote, e sorri.

- Doutor, o senhor acaba de ocupar.

Mauro engraxa os sapatos. Às oito horas as lojas abrem. Mauro desce a Rua do Catete. Que presente vou dar pra Lia, coitada? Lembra do ar-refrigerado, Lia ainda ontem falou nele. Papai deu um pra mamãe semana passada, não viu não, Mauro? Mauro abana a cabeça. Não vai dar. Mas Lia bem que merecia, coitada. Três anos dando aula em Campo Grande e sem saber ainda quando vai descer. Para na porta do Magazin Rivera, e olha os aparelhos de ar-refrigerado. Caros demais. E Lia, que tanto queria um, coitada. Olha as vitrines da sapataria Flor do Catete. Lia também tá precisando de bolsa, ela falou. Olha os preços, e abana a cabeça. Só no fim do ano, com o décimo terceiro. Atravessa a rua. Na porta da Itapoã Modas, Vera, a vendedora da seção de lingerie, espera o primeiro freguês. Mauro olha a vitrine.

- Às suas ordens, cavalheiro.

Vera entra na loja. Mauro segue-a.

- Que tipo de presente o senhor deseja?

Mauro estremece. Como é que ela sabe que eu quero um presente? Segue Vera, mas tem certeza que todo mundo dentro da loja olha para ele, e cora. É a primeira vez que entra sozinho numa loja de modas femininas. Vera abre algumas caixas.

- Este baby-doll nós recebemos ontem.

- Senhorita, eu...

- O senhor prefere camisola?

- Senhorita...

- Talvez um pijama da Valisère ou...

Fernando, o gerente, se aproxima. Sorri, notando a encabulação de Mauro. Pra amante, na certa.

- D. Vera, mostre ao cavalheiro aqueles biquínis da De Millus

que recebemos ontem.

Mauro olha Fernando. Como será que ele adivinhou? Bem que eu gosto de ver Lia de biquininho, bem pequenininho. Vera abre uma caixa em cima do balcão.

- Que tamanho?

Mauro cora, encabulado. E agora? Fernando se afasta, sorrindo. Babaca.

- É mais ou menos como eu?

Vera estica um biquíni nos quadris. Mauro sente o cabelo da nuca arrepiar. Não se mexe, mas tem certeza que todos na loja estão rindo. Vera olha Mauro. Babaca.

- É mais ou menos como eu?

Mauro quase gagueja.

- Mais ou menos.

- Ah, então é quarenta e dois. Quantos?

Mauro hesita, a mão direita apalpando a carteira no bolso interno do paletó.

- Meia dúzia?

Mauro não sabe o preço, e tem vergonha de perguntar. Conta, mentalmente, o dinheiro que tem na carteira, e arrisca.

- Dois.

- Que cor o senhor prefere?

Mauro não responde, encabulado. Vera olha-o, sorrindo. Babaca mesmo.

- Um vermelho e um preto?

- Isso, senhorita. Um vermelho e um preto.

- Embrulho de presente?

Mauro acena com a cabeça. Vera tira o talão de venda.

- Tenha a bondade de pagar na caixa. D. Albertina, embrulho de presente.

Passa por Mauro, e sorri.

- Muito obrigada, cavalheiro. Disponha sempre, viu?

Mauro sai da Itapoã Modas com o embrulho dentro da pasta, olhando quem entra, com vergonha que alguém veja. Vou dar pra Lia hoje à noite. Ela nem sonha, coitada, mas faz hoje três anos que a gente ficou noivo.

17

Cazuza dormiu a noite inteira na calçada. Faz anos, desde que deixou o hospital, atropelado por um loteação na saída do Maracanã, e ficou com um braço e uma perna inutilizados, que Cazuza se embebeda no bar de Seu Joaquim, e dorme debaixo das marquises do Largo do Machado.

-Tu não tens vergonha, ó Cazuza? Nem cama tens, dianho.

- Vergonha é roubar, caralho. Eu sou é aleijado.

D. Deolinda não gosta de Cazuza. Cazuza, às vezes, vomita dentro do bar, e D. Deolinda tem que limpar.

- Vai gomitir no inferno, dianho.

Cazuza deita na calçada, e adormece em cima do vômito. Vez por outra, um guarda leva-o para a 9ª DP, na Rua Pedro Américo. Cazuza desaparece dois ou três dias, mas volta.

- Bota uma Pitu, Seu Joaquim. Bota, uma, bota.

Cazuza, quando não está bêbado, faz recados. Para Seu Joaquim, para Seu Pepe, para todas as mulheres que moram no hotel. Às vezes até para Dequinha, quando Lontra fica até mais tarde na Igreja dos Divinos Sentimentos. Seu Joaquim abre a porta do bar.

- Cazuza, sai daí, diabo.

D. Deolinda empurra Cazuza com o pé.

- Empurra a puta que pariu.

D. Deolinda apanha um balde de água suja, e joga-a em cima de Cazuza.

- Tu sais ou não sais, dianho dos infernos?

Cazuza sacode a água da cara, atravessa a rua, e senta, encostado no muro do Colégio Caravelas, secando no sol. Seu Joaquim olha Cazuza. Hoje vou jogar no burro, ai, vou, vou. Só pode dar burro hoje, não tem dúvida.

18

Afonso, o Balzac, está no banheiro. No quarto, Dequinha muda de roupa. Vão no cinema São Luiz ver um filme que Dequinha faz tempo quer rever. A Cruz da Minha Vida, com Terry Moore, em quem Dequinha é gamado.

Afonso da Madre de Deus Silva é conhecido no Largo do Machado por Balzac. Auxiliar de portaria, trabalha no Ministério da Fazenda faz trinta e dois anos. Fã de A Mulher de Trinta Anos, livro lido e relido, tanto falou de Balzac nos bares da Cinelândia, que ficou Balzac, o Afonso. Afonso da Madre de Deus Silva, fluminense de Campos.

- Dequinha, cadê o talco? Dequinha.

- Tá aqui, ora.

- Dequinha, mas como você é desarrumado, nossa.

- Não foi você que largou ele aqui, eu, hem?

Balzac sai nu do banheiro. Gosta de andar nu, de se ver nu no espelho.

- Não tou ficando velha não, Dequinha? Hem?

Sorri. Dequinha, sentado na cama, calça os sapatos. Tomara mas é que morra, veada escrota. Dequinha mora com Balzac faz dois anos. Faz três que veio de Magé, mensageiro da Western. Uma noite

encontrou Balzac na Cinelândia. Tomaram chá no Café Amarelinho, assistiram um filme no Plaza, Dequinha gozou na mão de Balzac, e Balzac trouxe Dequinha para dormir com ele. Dequinha dormiu, e foi tão bom para Balzac que no dia seguinte largou de mensageiro. Hoje, Dequinha anda bem vestido, perfumado, e não vai mais de noite catar veado velho nos bares da Cinelândia. Hoje, Dequinha é marido de Balzac e mora no Largo do Machado, não mora mais num barraco velho no Morro da Conceição.

- Espie, Dequinha. Espie só.

Na frente de Dequinha, Balzac apalpa a barriga. Dequinha nem olha. Já conhece a barriga de Balzac, já conhece as mãos de Balzac, já conhece tudo de Balzac. Conhece tanto, que até enjoa só de olhar.

- Espie, Dequinha. Olhe só.

Dequinha continua olhando o chão. Dequinha, agora, tem é nojo de Balzac, sempre alisando o piru dele, sempre passando a mão no cabelo pixaim. Balzac é branco e é velho, e Dequinha é preto, é novo, e ama outro.

- Dequinha.

Balzac alisa o cabelo de Dequinha. Se esfrega nele. Sempre que sai do banho, Balzac se esfrega em Dequinha. Balzac gosta do cabelo áspero de Dequinha, do cheiro forte dos seus sovacos, e das virilhas suadas.

- Espie, Dequinha. Olhe. Olhe só.

Balzac alisa a barriga com a mão, mas Dequinha não olha. Balzac segura a cabeça de Dequinha.

- Viu?

Dequinha fecha os olhos. É sempre assim. Balzac é pior que mulher, sempre querendo, se excitando à toa, à toa.

- Nego safado.

Balzac larga a cabeça de Dequinha, e entra no banheiro.

- Eu manjo você, viu, seu veado. Ou pensa que eu não vi você quando cheguei, hem? Vi sim. Não quero mais você naquele bar, ouviu, Dequinha?

Dequinha acende um cigarro. Veada velha, tomara mas é que morra.

- Dequinha, passe talco nas minhas costas. Ouviu, Dequinha?

Dequinha passa talco nas costas de Balzac. Com raiva. Agora, Dequinha não gosta mais de passar talco em Balzac. Dequinha gosta é de Lontra, o bicheiro de Seu Mané, pregador da Igreja dos Divinos Sentimentos, na Rua Bento Lisboa.

- Pare, Dequinha. Tou toda branca, que coisa.

Balzac tira o talco das mãos de Dequinha.

- Pare, Dequinha. Já falei.

Dequinha para, e entra no banheiro. Lontra já dormiu com

Dequinha, e Dequinha gostou. Lontra não alisa o cabelo de Dequinha, nem gosta de se esfregar em Dequinha depois do banho. Lontra é homem, tem amantes, tratou Dequinha mal, bateu com força, rasgou, judiou, fez Dequinha gritar de dor, mas Dequinha gostou. Dequinha gosta é de homem mesmo, macho, voz grossa, piru grande. Não de Balzac, que só sabe ser mulher, se excitando à toa, à toa. Dequinha sai do banheiro. Veada velha, tomara mas é que morra, viu?

- Dequinha, você sabe que dia é hoje?

Na frente do espelho, Balzac veste a calcinha de náilon. Presente de Dequinha, modelo Valisère, comprada na Itapoã Modas.

- Hem, Dequinha?

- Não.

- Não? Ah, Dequinha, como é que pode? Nossa.

Balzac beija a orelha de Dequinha.

- Logo mais faz dois anos e meio que a gente se conheceu, poxa. Foi numa sexta-feira, não lembra não? Até fomos ver o Rock Hudson fazer de chefe índio, não lembra não? Ah, Dequinha.

Dequinha foge de Balzac. Não lembro, não quero lembrar, e tenho raiva de quem lembra, viu, veada escrota? Liga o rádio, e deita na cama, os olhos fixos no teto, no peito uma vontade enorme de gritar. No máximo de volume, a voz romântica de Ronnie Von enche o quarto, cantando Meu Bem. Dequinha fecha os olhos, quase chorando.

19

Os pais, famílias portuguesas vindas de Amares, do norte de Portugal, e radicadas no Rio de Janeiro faz mais de trinta anos, sempre se conheceram. E eles nasceram, moraram, namoraram, noivaram, e casaram na mesma rua. Rua Marquesa de Santos, no Largo do Machado. Estudaram também na mesma escola pública. A Escola José de Alencar, também no Largo do Machado. Alda e Francisco vão sair para as aulas, e D. Joaquina, mãe de Alda, conversa com D. Joana, mãe de Francisco.

- Sempre ambinhos. Até parece o roque e a amiga, coitadinhos.

- Inda havemos de os casar, comadre.

- Se Deus quiser, comadre. Se Deus quiser. Vá, ide. Ide ambinhos, direitinhos, ouvistes?

Alda e Francisco, lavados, penteados, arrumados, de mãos dadas, os livros nas sacolas, saem a caminho da escola. As famílias portuguesas, moradoras na Rua Marquesa de Santos, na Vila Rosa, além do mesmo passado, também tinham a mesma profissão. Mudanças a domicílio. Cada uma possuía o seu próprio caminhão, e operava em bairros definidos. De Campo Grande até no Leblon.

- Ganhei três botões do Zé da tia Micas.

Francisco mete a mão no bolso, e mostra os três botões. Alda

olha-o, e sorri.

- E eu ganhei uma boneca nova da minha madrinha, seu bobo. Vamos correr?

D. Joaquina, na entrada da vila, sorri também. Mal eles dobram a esquina da Rua Gago Coutinho, D. Joaquina entra em casa. Seu Manuel, o marido, ainda de ceroulas, arrota o café da manhã.

- Vê mas é se te vestes, home de Deus.

-E pra quê, fazes o favor de me dizeres, se eu só vou sair lá mais prá tarde, hã?

Alda e Francisco andam no mesmo ano. No fim das aulas, Francisco estuda em casa de Alda. D. Joaquina sentada na sala, cerzindo meias.

- Chiquinho, tu queres casar com a nossa Aldinha?

- Quero.

Alda sorri-lhe, e faz caretas. D. Joaquina não levanta os olhos do cerzido.

- Quero, sim senhora, minha madrinha.

- Quero, sim senhora, minha madrinha.

- E se ela não te quiser?

- Quer.

- Quer, sim senhora, minha madrinha.

- Quer, sim senhora, minha madrinha.

- Quem é que te disse?

- Digo eu.

- Digo eu, minha madrinha.

- Digo eu, minha madrinha.

Terminado o ginásio, Alda foi trabalhar no Escritório Contábil Catete Ltda, na galeria do edifício da Caixa Econômica, no Largo do Machado. Francisco foi alistado no Exército, e serviu no Regimento Sampaio, na Vila Militar. Tirou carteira de motorista profissional, e quando deu baixa passou a ajudar o pai, dirigindo o caminhão das mudanças.

Noivaram no dia do aniversário de Alda. Ambos com vinte e três anos, Francisco mais velho quatro meses e sete dias. D. Joaquina e D. Joana sorriram, felizes, os votos de sempre cumpridos naquele dia.

- Nosso Senhor os fez, Nosso Senhor os juntou, comadre.

- Graças a Deus, comadre. Graças a Deus. Nosso Senhor os fez, Nosso Senhor os juntou.

O casamento foi marcado para o dia treze de junho, festa de Santo Antônio, o santo casamenteiro dos portugueses. D. Joana foi categórica.

- E há de ter missa cantada, comadre.

- Ora pois então não há de, comadre? O da Micas da Rosa não a teve?

- Lá ter, teve, comadre. Mas aquilo nem festa foi. Foi festica, comadre.

Seu Antônio, o pai de Francisco, conversou com Seu Manuel, o pai de Alda.

- Há de se abrir uma pipa do bom, compadre.

- Ou até duas, se preciso for, compadre.

- Até lá na terra se há de saber.

- Ora pois então não há de?

Mas, na véspera do casamento, Alda menstruou. D. Joana quis adiar.

- Comadre, eles não podem...

D. Joaquina não consentiu.

- Boa vai ela, comadre. E a despesa? E não é só a despesa. Se o casamento não se faz, o que não falarão as línguas do mundo da nossa Aldinha? Não, comadre, o casamento foi marcado pró dia de Santo Antônio, e é no dia de Santo Antônio que se há de fazer.

Casaram. Mas nem Francisco nem o pai, nem o sogro, souberam da menstruação de Alda. D. Joaquina não deixou.

- Isto é assunto de mulheres, comadre.

A festa foi de arromba, D. Joaquina e D. Joana forçando os convidados a comer e beber até de madrugada. Francisco olhava o relógio de cinco em cinco minutos.

- Aldinha, esse pessoal nunca mais vai embora não?

- Não podemos botá-los pra fora, Chico.

- Ah, eu boto.

- Francisco.

Finalmente, às quatro horas da manhã, completamente bêbado, saiu o último convidado. Seu João da Quintã, viúvo, sem filhos, morador da última casa da vila, e compadre de todos os vizinhos. Francisco levou-o em casa, e voltou correndo.

- Agora nós, Aldinha.

Alda nem se mexeu.

- Chico, hoje tu vais dormir na casa da tua mãe.

- Mas Aldinha, nós já casamos.

- Casamos, mas só vamos dormir juntos no hotel.

- Então vamos pra lá agora.

- Hoje, não.

- Aldinha.

- Já disse que não, Chico.

D. Joana chamou Francisco.

- Francisquinho, foi uma promessa que eu fiz, meu filhinho.

- A senhora não podia fazer uma promessa dessas, minha mãe. Não foi a senhora que se casou, fui eu.

- Vai. Vai dormir, meu filhinho. Vai dormir, vai.

Francisco entrou no quarto. Casar pra isto, era melhor nem casar. Deitou por cima da colcha, e apagou a luz.

- Tira a mão, Chico.

Estavam no cinema São Luiz, e Francisco queria passar as mãos nos seios de Alda.

- Aldinha.

- Tira a mão.

- Só um pouquinho, Aldinha. Ninguém vai ver.

-Tira a mão, já disse. Quando a gente casar, tu pões. Antes, não.

Francisco se revira na cama, os seios de Alda enchendo o quarto. Fecha os olhos. Pior. A quentura dos seios roça-lhe a barriga, roça-lhe a cara, roça-lhe tudo. Meu Deus do céu. Alagado em suor, Francisco acende a luz. A boca seca parece lixa. Olha o relógio. Cinco horas, minha Nossa Senhora. Apaga a luz, e força por dormir. Mas os seios de Alda, que ele nunca tinha visto, continuam ali na frente dele, do lado dele, por cima dele, por baixo dele, por todo lado, enchendo o quarto. Desesperado, Francisco dá murros no travesseiro. E foi pra isto que eu casei? Eu sou mas é um desgraçado. Vai na cozinha, e abre a geladeira. As entranhas parecem fogo. Meu Deus, meu Deus. Olha as garrafas da água, e até elas parecem seios de mulher. Bate a porta da geladeira com força. Merda. Entra no quarto, e veste o paletó. D. Joana escuta o barulho.

- Tu vais sair, Francisco?

- Vou no Lamas, minha mãe. Vou comprar cigarros.

- Deixa os cigarros e dorme, meu filhinho. Alguém te pode ver.

Francisco não responde. Foda-se. Abre a porta, e sai para o pátio da vila. Olha a janela do quarto de Alda. Sentada no parapeito, nua, e oferecendo os seios, Alda sorri-lhe. Francisco fica tonto, o sangue latejando na cabeça. Entra em casa.

- Já voltaste, meu filhinho?

- Já. Já voltei, minha mãe. Durma.

Entra na cozinha. Em cima da mesa estão os restos das bebidas, e dos doces. Francisco pega um bolo. Macio. Mole. Francisco estremece

- Tira a mão, Chico.

- Aldinha.

- Tira a mão, já disse.

Francisco esmaga o bolo nas mãos. Com raiva. Ah, foda-se, eu casei hoje. Entra no banheiro, e tranca a porta. Pouco depois, alarmada, D. Joana acorda Seu Antônio.

- Tônio. Ó Tônio.

- Que queres tu, mulher?

- É o nosso Chico, Tônio. Está lá no banheiro a gemer.

- Dorme, mulher. Dorme, que o rapaz tem é caganeira. Tantos

doces e tanto vinho, que mais queres tu que ele tenha, mulher de Deus?

Seu Antônio vira de costas, e adormece, roncando. No banheiro, Francisco goza, e para de gemer. D. Joana se benze. Graças a Deus, lá lhe passou a dor.

20

Barbeado, lavado, as guias do bigode bem torcidas, chapéu de aba virada, e gravata borboleta, Seu Joaquim se prepara para ir no Colégio Caravelas.

- Vou ao colégio, Deolinda.

- A caixa tem trocos, home?

- Ora valha-te Deus, valha, mulher. Então a caixa não havia de ter trocos, homessa?

Seu Joaquim atravessa a rua. D. Deolinda encosta no balcão, e sorri. Deolinda, Deolinda, mais dois anitos e lá vais tu, Deolinda. O maior sonho de D. Deolinda é voltar a Portugal e entrar em Vieira do Minho, a terra onde nasceu, num automóvel com motorista fardado.

- Bota aí duas, D. Deolinda.

Lontra bate com a mão espalmada no balcão. Dequinha abana a cabeça.

- Ah, pra mim não. Cachaça me dá enjoo, nossa.

D. Deolinda pega a garrafa, e olha Dequinha. Dequinha, olha as garrafas das prateleiras.

- Um martini eu tomo.

Lontra olha Dequinha, um sorriso superior nos lábios descorados.

- Bota duas, D. Deolinda.

Dequinha baixa os olhos, pestanejando.

- Que horror.

D. Deolinda serve as cachaças. Azeiteiro dos infernos, o diabo que te carregue. Do outro lado da rua, Seu Joaquim entra no colégio. Um contínuo leva-o no gabinete de Dr. Paulo. Dr. Paulo, sentado atrás da secretária de pau preto do avô, aponta a cadeira junto de D. Maricota.

- Queira sentar-se, Sr. Joaquim.

Seu Joaquim senta, o chapéu no colo, as mãos espalmadas em cima dos joelhos. D. Maricota funga, o lenço de cambraia de linho com monograma amarrotado entre as mãos. Dr. Paulo pigarreia.

- Sr. Joaquim, tomei a liberdade de o chamar aqui...

Seu Joaquim passa a mão nas guias do bigode, e sorri.

- Ora essa.

D. Maricota fulmina-o com um olhar. Dr. Paulo pigarreia de novo.

- Tomei a liberdade de o chamar aqui, Sr. Joaquim, porque um fato inusitado ocorreu esta manhã na aula de português.

- Ora essa.

D. Maricota, muito pálida, funga com força. Dr. Paulo toma um ar solene. Dr. Paulo é um homem de quarenta anos, gordo, baixo, meio calvo, sempre impecavelmente vestido de linho branco, e o mais discreto frequentador do hotel de Seu Pepe. Especialista em mulatas, Dr. Paulo sempre pede a Seu Pepe que lhe arrume as mais magras. Seu Pepe ri. Homem, como le gustan los ossos. Mas cada uno com su gusto, verdad? Dr. Paulo pigarreia outra vez, e fala com voz grave.

- Sr. Joaquim, o seu filho, um dos alunos deste educandário, um dos seus melhores alunos, diga-se em prol da verdade, tomou uma atitude inconvenientíssima hoje de manhã, faltando com o respeito à sua professora, D. Maria Aparecida Mendes da Silveira, aqui presente.

Com um gesto largo Dr. Paulo aponta D. Maricota. D. Maricota baixa os olhos, leva o lenço ao nariz, e funga com mais força. Seu Joaquim alisa as calças nos joelhos.

- Ora essa.

- O senhor é pai, Sr. Joaquim, assim como eu também sou pai.

Seu Joaquim escuta Dr. Paulo em silêncio, sem sequer pestanejar. Ante tal impassibilidade, que ela julga ser de pouco caso, D. Maricota não se contém. Assoa o nariz com força, levanta da cadeira, e Dr. Paulo se cala no meio de uma frase. D. Maricota começa falando. Meia hora depois Dr. Paulo acende um cigarro. Mas que merda. Mas que grande merda. Olha o cigarro, e esmaga-o no cinzeiro. D. Maricota continua falando. Seu Joaquim permanece imóvel, olhando D. Maricota. Vinte minutos depois, D. Maricota termina.

- E quando eu o mandei retirar da sala, ele ainda riu. E riu na minha cara.

Seu Joaquim respira aliviado.

- Ai, o rapaz riu, senhora professora?

Dr. Paulo aproveita a interrupção.

- Sr. Joaquim, o que D. Maricota quis dizer é que hoje pela manhã, na aula de português, no tema de redação, o seu filho...

- Ai, pois, o meu rapaz, sim senhor.

D. Maricota funga mais uma vez.

- Os sagrados laços do matrimônio na constituição da família brasileira foi o tema da redação que eu dei à turma.

Dr. Paulo olha D. Maricota. Mas que merda. Mas que grande merda.

- Aliás, um tema atualíssimo. Como o senhor deve saber, não faz ainda muito tempo, mais de cem mil pessoas caminharam pela Avenida Rio Branco...

- Ai, eu lembro-me. Eu lembro-me, sim senhora. A minha

Deolinda até quis ir também, mas...

- Pois o seu filho, Sr. Joaquim, apesar disso, escreveu...

Dr. Paulo pega uma folha de papel em cima da secretária, pigarreja, e lê, interrompendo D. Maricota. Para haver família não precisa haver casamento. Basta cama. Seu Joaquim sorri, aliviado.

- Mas, ora, ora. Então foi só isso que fez o meu rapaz?

- O senhor... O senhor...

A voz de D. Maricota parece um guincho. Dr. Paulo olha D. Maricota. Mas que merda. Mas que grandessíssima merda. D. Maricota, incapaz de continuar, leva o lenço à boca, abafa um soluço, e senta. Seu Joaquim levanta, e pega no chapéu.

- Com a sua devida licença, senhora professora, eu digo à senhora que vivo dessa maneira com a minha Deolinda há mais de vinte e tal anos, e mais estamos muito bem, sim senhora.

Olha Dr. Paulo.

- Senhor professor doutor Paulo, se o meu rapaz cá estuda, não é por gosto da minha Deolinda, não senhor. Por gosto dela, ele estava mas é aí nas escolas do governo. Mas eu cá é que, como diz o outro, mal por mal, paga quem pode. Agora, se por causa disso o meu rapaz tiver que sair cá do colégio, é só me fazerem as contas que eu...

- Sr. Joaquim, eu não o chamei aqui para o senhor retirar o seu filho do colégio, não senhor. Eu chamei o senhor aqui apenas para o senhor tomar conhecimento do fato.

Seu Joaquim acena com a cabeça.

- Ai, bem, se foi só pra isso, então, o rapaz cá virá às aulas amanhã, sim senhor.

Dr. Paulo olha Seu Joaquim, e num gesto solene acena com a cabeça. Mas que merda. Mas que grandessíssima merda. Dr. Maricota, empertigada na cadeira, funga mais uma vez, o lenço amarrotado tapando a boca e o nariz. Seja por todos os meus pecados, que muitos são, minha Nossa Senhora Aparecida.

21

Mauro sai da Itapoã Modas, sorrindo. Valeu a pena. Valeu sim. Apalpa a pasta, e sorri de novo. Lia nem sonha, coitada. Mas ela merece. Merece sim. Mauro atravessa a rua, e Vera arruma os biquínis nas caixas. Babaca. Parece até que nunca viu roupa de mulher, eu, hem?

Albertina encostada no balcão, olha a rua. Fernando acende um cigarro, e olha as vitrines. De repente, Albertina puxa-lhe um braço.

- Olha. Olha. Lá na vitrine.

- Quê que tem na vitrine?

- Tá vendo não? A amante de Vera.

- A amante de quem?

- De Vera, merda.
- De Vera, a vendedora?

Albertina acena com a cabeça, e Fernando dá uma palmada na coxa.

- Jura? Aquela velha? Puta que pariu.

Calmamente, D. Aurora entra na loja.

- Tem combinação de seda pura?

Fernando sorri. Agora eu quero ver. Mas Vera atende D. Aurora como se nunca a tivesse visto. Fernando esmaga o cigarro no cinzeiro do balcão. Eta sapatão. Por isso é que nunca me deu bola aqui dentro, a filha da puta.

22

Maria Afonsina de Holanda, cearense do Crato, está no Rio de Janeiro faz mais de quarenta anos. Começou aos quinze na vida, descabada pelo pai. Aos dezoito passou por Fortaleza, e aos vinte estava no Rio, trazida por um cometa, vendedor de tecidos por atacado. Mas tudo gente fina, não sabe? Graças a Deus nunca estive em casa que não fosse de gente fina. Olhe que até o falecido senador Olegário foi meu freguês. Ele e o sobrinho, Dr. Tarciso. Tudo gente fina, pessoas de muito trato, não sabe?

Afonsina mora no Largo do Machado faz mais de vinte anos, na Rua Gago Coutinho, no Edifício Euclides Moreira Montenegro. Aos trinta e sete casou com um sargento da Marinha, enrabichado por ela num Carnaval, e deixou o rendez-vous da polaca Madame Minska, na Rua Alice, em Laranjeiras. E aí aposentei-me, não sabe? Casada, aquela vida tinha mais jeito não. É vida de muita prisão, muita sujeição.

Com cinco anos de casada, Afonsina enviuvou, pensionista da Marinha, herdando o apartamento onde mora. Coitado de Eleutério. Nem parecia ele, não sabe? Se finou feito palito. E ninguém atinou a doença lá dele não. Levei o bichinho em tudo quanto foi doutor, mas nem Mãe Mariúinha deu jeito na quizimba não. Botei luto mais de ano. Eu gostava do falecido, não sabe? Só deu trabalho mesmo foi na hora da doença. De resto, Eleutério, sempre nesses navios do mar, nunca reclamava de nada, o bichinho. E ainda me deixou a pensão da Marinha, e este apartamento, não sabe?

O apartamento de Afonsina tem três quartos. Ela ocupa o de empregada. Os outros aluga à hora. Depois de anos e anos de puteiro, Afonsina conhece bem seu ofício. Entrou aquela porta, pode ser até meu pai, eu não conheço, não sabe? É como dizia o falecido senador Olegário. Em política e em mulher, se abre em baixo fecha em cima. Pro senhor ver. Dr. Costa, síndico aqui do prédio, não se peja de usar meus quartos, não senhor. E olhe que Dr. Costa é gente fina, gente de

muito saber. Doutor de casa de saúde, e tudo mais, não sabe?

A lista dos clientes de Afonsina é imensa. Em quinze anos criou a mais sólida reputação de sigilo e segurança de todo Largo do Machado. D. Magda, do Magda's Salão de Beleza não recomenda outra casa às freguesas. E Afonsina não esquece. Todo fim de mês D. Magda recebe no salão duas garrafas de champanhe. Merece, não sabe? Pessoa muito fina, D. Magda só manda gente de muito trato. Na vida, o que vale são amizades, não sabe? O telefone toca. Afonsina atende. Alô? É sim. Como vai o senhor? Pras quatro tem não. Mas tem pras cinco. Tá lotado, não sabe? Eu tomo nota sim, esqueço não. Pode dizer a D. Sandra que eu espero sim. Tem dúvida não. Pro senhor também, doutor.

Maria Afonsina de Holanda nunca tem quartos vagos no apartamento. Mas com uma norma severa. Jamais receber dois homens ou duas mulheres, como já muitas vezes lhe pediram. Safadeza em minha casa, nem morta. Minha casa é casa de muito respeito, não sabe? Quer safadeza faça lá fora, tem muito onde.

23

Dentro do Café Lamas o Pinto fala com Estevo Jimenez. Eduardo espera na calçada. O Pinto ri, e dá palmadas nas costas de Estevo. Estevo abana a cabeça. O Pinto fala no ouvido de Estevo. Estevo sorri, mas continua abanando a cabeça até que o Pinto deixa de insistir, e sai. Nem umazinha de mil, galego desgraçado, cafetão de merda. Eduardo olha o largo. Aquele puto lá dentro, e eu aqui esperando feito besta, pode? Pode. Sou besta mesmo.

- Quê que você tava fazendo, porra? Demorou paca.

O Pinto dá uma palmada nas costas de Eduardo.

- Tava me despedindo. Questão de educação, meu irmão. Estevo é gente fina.

- Tchau.

O Pinto segura Eduardo por um braço.

- Quer dizer que você não vai mesmo, pô?

- Porra, Pinto, você sabe que não sou de bailes.

- Mas este vai ser diferente, meu irmão. Vai...

- Se foder, tá, Pinto?

Eduardo começa andando. Querendo me foder? Foder outro. O Pinto sorri. Beleza. O puto não vai. De repente, dá uma palmada na coxa. Cadê grana pra bebida, cacete? Corre atrás de Eduardo.

- Ei, Eduardo. Ô Eduardo.

Eduardo para.

- Quê que você quer?

- Me empresta três mil. Tou duro, duro, pô.

Eduardo começa andando. O Pinto segue-o.

- Amanhã te pago. Palavra de honra. Esta grana é diferente.

Eduardo para. Ô cara mais cara de pau, puta que pariu. Tira o dinheiro do bolso. O Pinto dá-lhe uma palmada nas costas.

- Meu irmão, você é amigo mesmo, tá sabendo? E não pense que eu esqueci do resto da grana não. Semana que vem te pago tudo. Tudão, viu?

Abana as notas.

- Este aqui são três mil. O resto, bilhar, e tudo mais, são trinta e dois mil e trezentos, confere?

Eduardo olha-o, sem responder. Foder outro, tá?

O Pinto abre os braços.

- Quê que há, meu irmão? Você sabe que, um dia, eu vou pagar, pô.

Corre, e entra no Café Lamas. Eduardo atravessa o largo, devagar. Fazer o quê agora, sem Auri? O Pinto aparece na porta do Café Lamas, abrindo um maço de Continental. Acena para Eduardo, tira um cigarro, e acende-o. Agora só falta a merda dos bebes. Olha o largo durante alguns instantes. Epa, lá vai Nelson.

- Ei, Nelson. Ô Nelson.

Nelson para. Lá vem a merda do Pinto a fim de grana, só pode. Nelson estuda Direito na Universidade do Estado da Guanabara, e namora Ciça, estudante de cenografia no Conservatório Nacional de Teatro. O Pinto levanta os braços, como se fosse abraçá-lo.

- Quê que há, meu irmão? Tudo bem com você? Cadê Ciça?

Nelson abana a cabeça. Eu sabia. Ô cara de pau.

- Tudo bem.

- Você lembra de Eduardo? Aquele cara que escreve teatro, que Auri até...

- Sei.

O Pinto ri, e abana a cabeça.

- Aquele cara é gozado mesmo, meu irmão. Você sabe o quê que ele me respondeu quando eu perguntei se ele ia no baile? Hem? Imagina, o cara vira pra mim muito sério, e diz assim, assim mesmo. Pinto, a dança é só uma estilização vertical de um ato horizontal. E eu prefiro ao natural.

O Pinto dá uma palmada nas costas de Nelson.

- Você vai no baile não? Ciça falou que ia.

Entram no Café Lamas, e Nelson compra duas garrafas de rum. Parado junto do chafariz, no meio do largo, Eduardo vê os dois entrando na casa da tia de Roberto, o Pinto com as garrafas debaixo do braço. Eduardo acende um cigarro. E agora, quê que eu faço? Auri fazendo anos, e eu aqui bobeando. Na entrada da galeria do Cine Condor não olha nem os cartazes do filme. Merda por merda, ao menos aqui tem ar-refrigerado. Auri nunca ia no cinema de tarde.

- Você quer ir mesmo?

- Você não quer?

- Prefiro ver o mar.

Estão sentados na areia, na Praia do Flamengo, Auri olhando a água.

- Eu, se pudesse, morava no mar.

- E eu na lua.

Calam-se. Auri olha Eduardo durante alguns momentos.

- Quê que você tem, Eduardo?

- Nada.

- Eduardo.

Eduardo joga o cigarro na areia, e abana a cabeça.

- Nada não. É que eu nunca tive ninguém como você.

Auri sorri.

- E ter alguém como eu é ruim?

Eduardo olha o mar. Depois olha Auri.

- Não sei. Sinceramente, não sei, Auri.

- Não sabe?

- Ainda não tou acreditando que eu tenho você.

Auri beija-o.

- Você é um bobo, sabia? Parece o mar. Por mais que a gente olhe nunca vê o fundo.

Beija-o outra vez.

- Mas eu gosto.

Eduardo procura uma cadeira no meio do salão, e senta. Na tela, um bandidão, faroeste italiano, barba desgrenhada e chapelão caído nas costas, ri às gargalhadas, e dispara tiros e mais tiros sem recarregar o revólver. Eduardo conta os tiros. Nove. Eu sabia que era merda.

24

A agência do Banco da Bahia, na Rua do Catete, fica do lado do Magda's Salão de Beleza, um pouco abaixo da Itapoã Modas, descendo do Largo do Machado na direção do Palácio do Catete. É uma agência pequena. Apenas doze funcionários, contando Seu Carlos Lopes, o gerente, e D. Maria, a faxineira que serve o cafezinho, e cuida da limpeza e dos banheiros. Déa é a única funcionária da Seção de Expediente.

Seu Carlos Lopes, paulista de Sorocaba, trabalha no Banco da Bahia tem quase vinte anos. Vindo de Vitória, no Espírito Santo, faz seis que gerencia a agência Catete. Déa, a recepcionista, e D. Maria, a faxineira, são as duas únicas funcionárias femininas. Quando Déa casou, Seu Carlos Lopes pensou dispensá-la.

- Déa, agora que você casou...

- Ah, não tem nada a ver não, Seu Carlos. Wilson não se importa que eu trabalhe não.

Déa entrou para o Banco da Bahia por interferência direta de Seu Carlos Lopes. A SASBRA tinha contratado o banco para fazer o pagamento dos seus vendedores na agência Catete. Déa era caixa no Magazin Rivera, a maior loja de móveis e eletrodomésticos do Largo do Machado. Seu Carlos Lopes, cliente do crediário, conheceu Déa quando pagou a primeira prestação do novo aparelho de televisão. Déa tinha vinte e três anos, era bonita, morava em Rocha Miranda, e não gostava nem de ser caixa do Rivera, nem de morar na Zona Norte. Quando Seu Carlos Lopes a convidou para almoçar, Déa aceitou. Quem sabe eu me arrumo? Estes coroa são todos bundas-moles. Correu para o banheiro, retocou a maquiagem, e esperou Seu Carlos Lopes passar na porta. Almoçaram na Churrascaria Minuano, no Largo do Machado. Uma semana depois Déa pediu demissão do Magazin Rivera, e começou como recepcionista no Banco da Bahia. Almoçava de vez em quando com Seu Carlos Lopes, e aceitava as caronas dele. Mas só até na praça XV, ponto final do lotação Rocha Miranda.

- Mas Déa, que mal tem eu levar você em casa, hem?

- Mal, não tem nenhum não. Só que não precisa, Seu Carlos.

Seu Carlos Lopes era casado, e Déa queria era alguém que a tirasse de vez da Zona Norte. Se eu deixar este coroa muito do doidão, quem sabe ele me tira daquela merda?

Wilson Martins, vendedor praticista da SASBRA na Zona Rural do Rio de Janeiro, entrou pela primeira vez na agência Catete do Banco da Bahia quando foi abrir conta para receber o pagamento. Déa atendeu-o. Wilson Martins era solteiro, tinha trinta e oito anos, e morava no Largo do Machado desde que nascera, leu Déa na ficha cadastral. Déa olhou-o. Do outro lado do balcão, Wilson não tirava os olhos do decote de Déa.

- E o senhor, agora, mora sozinho?

- Moro sim. Depois da morte de mamãe...

- Coitado.

Déa sorriu ao ver a insistência do olhar de Wilson. Num gesto estudado, ajeitou o cabelo na nuca, espichando o busto o mais que pôde. Wilson olhou os seios quase saltando do decote, engoliu em seco, e assinou o cartão de identificação na linha errada, Déa debruçada no balcão, os olhos de Wilson fixos na abertura do sutiã.

- Faz mal não. O importante foi o senhor ter vindo aqui.

Um mês depois padre Antônio casava Déa Rosalva de Jesus com Wilson Martins na igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado. Déa vestida de branco, grinalda de flores de laranjeira, Wilson de terno preto, tropical Maracanã.

Seu Carlos Lopes não gostou do casamento. Mas que merda.

Agora é que a vaca foi pro brejo. E pensou em dispensar Déa. Mas Déa, agora já morando na Zona Sul, sabia como manobrar Seu Carlos Lopes. Aceitava as caronas dele até algum restaurante de Botafogo, no máximo, Copacabana, mas trepar, nada. Déa só o deixava passar as mãos nas coxas dentro do carro, um beijo na hora da despedida, e vez por outra a mão dela na braguilha dele. Seu Carlos Lopes se injuriava. Mas não é possível. Faz um tempão que tou nesta jigajoga, e o mais que esta putinha fez foi me tocar meia dúzia de punhetas.

25

A assembleia do condomínio do Edifício Euclides Moreira Montenegro, na Rua Gago Coutinho, estava marcada para as oito horas da noite, em primeira convocação, com a presença de três quartos dos condôminos em pleno gozo dos seus direitos, ou oito e meia, em segunda convocação, com qualquer número de participantes. Dos quarenta condôminos, somente dez compareceram. Oito pessoalmente, e dois representados por procuração passada ao síndico. Composta a mesa, o presidente leu a ordem do dia, e os trabalhos foram iniciados. Paulo Senna, locatário do apartamento 710, chegou em casa às nove horas. D. Zilda, esposa de Senna, ficou preocupada.

- Senna, é melhor você não ir nessa reunião, viu? Você chegou agora, tá cansado, ainda não jantou...

- Porra, Zilda. Eu sei que cheguei agora, sei que tou cansado, sei que ainda não jantei, mas, pelo amor de Deus, não torra mais meu saco, tá?

- Senna.

- Zilda, eu não vou deixar aqueles filhos da puta aumentarem o condomínio sem eu ver. Ou você pensa que eles marcaram esta merda desta assembleia pra esta hora, pra quê, hem? Tá na cara, Zilda. Só pra me foder. Só pra eu não poder participar, porque todo mundo sabe que os grandes casamentos são ao fim da tarde, ou você pensa o quê?

- Senna, eu só tava querendo dizer a você que você não pode se aborrecer. Você sabe o que o médico falou, Senna.

- Eu quero mais é que o médico se foda, Zilda. Não é ele que vai pagar meu condomínio, ou é, porra? Me traz mas é a merda do remédio. Anda, Zilda.

D. Zilda entra na cozinha, e traz um copo com água e o remédio. Senna engole o comprimido, e acende um cigarro.

- Na volta eu janto.

Sai. D. Zilda passa a chave na porta, entra na cozinha, e começa lavando a louça. Senna tá cada vez pior. E o pior é que qualquer dia ainda botam a gente daqui pra fora, como fizeram na Rua Pedro Américo. Olha a pia cheia de louça, suspira, e mergulha as mãos na água morna. Desde que perdeu o emprego, que Senna não se

conforma. E o pior é que não escuta ninguém.

- Porra, mulher. Voltar pra Curitiba pra quê? Pra pedir favores? Eu não sou homem de pedir favores não, Zilda.

- Não é pedir favores, Senna. Lá a gente tem a nossa família.

- E desde quando família ajudou alguém, hem? Quando tive preso alguém veio me ajudar? Hem? Veio, o caralho, mulher. Ficou foi todo mundo se cagando, isso sim. Mulher, quando você não se arruma sozinho, ninguém te ajuda não. Todo mundo tá é a fim que você morra, ou você pensa o quê?

D. Zilda esvazia a pia, e começa enxaguando os pratos. E o pior é que Senna não vai mudar nunca. Senna só vai mudar quando morrer. O aumento da taxa do condomínio já estava em votação quando Paulo Senna chegou na assembleia, e pediu que os trabalhos fossem interrompidos.

Dr. Paulo Madureira, presidente da mesa, e diretor-proprietário do Colégio Caravelas, não concordou.

- O senhor é proprietário?

- O senhor sabe bem que não. Ou o senhor já não me conhece?

- O senhor tem procuração do seu proprietário?

- Claro que não.

- Então, lamento, mas o senhor não pode votar. A lei determina que só proprietários ou...

- Eu tou me cagando e andando pra lei e pro senhor, entendeu? Quem paga a merda do meu condomínio sou eu, não é a lei, e eu quero....

Dr. Paulo Madureira dá murros na a campainha, em cima da mesa.

- O senhor... O senhor...

Dr. Costa, síndico do edifício, e cardiologista da Casa de Saúde São Sebastião, pede calma.

- Um momento, Dr. Paulo. Um momento, por favor. Dr. Senna, o senhor pode me dar uma palavrinha em particular? Por favor, Dr. Senna. Tem uma senhora presente.

Afonsina sorri para Dr. Costa. Afonsina não gosta de Paulo Senna. Cabra da peste safado, jararaca. Paulo Senna é o único homem do edifício que ainda não se serviu dos seus quartos.

- Por favor, Dr. Senna.

Senna acompanha Dr. Costa até à entrada do elevador de serviço. Dez minutos depois sobe para o apartamento, e Dr. Costa volta para a assembleia. D. Zilda enxugava o último prato quando Senna tocou a campainha.

- Já acabou, Senna?

Senna senta no sofá, ofegante.

- Aconteceu alguma coisa, Senna?

-São todos uns filhos da puta, Zilda. Até aquele desgraçado do Costa. O filho da puta me pega, e me diz que meu coração se fode se eu me exaltar. Filho da puta. Exaltar. Exaltar. Exaltar, o caralho. Eu queria era ver o filho da puta ficar como eu, fodido, sem dinheiro, e todo rebentado.

Faz uma pausa, ainda ofegante. D. Zilda olha Senna, preocupada.

- Mas que foi, Senna?

Senna acende um cigarro, puxa uma tragada profunda, e tem um acesso de tosse. D. Zilda está parada diante dele, esperando. Senna se contorce no sofá, tossindo. Só minutos depois consegue falar.

- Você sabe quem era o presidente da mesa? Hem, Zilda? Era o filho da puta do Paulo Madureira. E fez que nem me conhecia, e não me deixou nem falar.

- Mas, meu Deus, o quê que foi, Senna?

- Mulher, só porque eu não sou proprietário da merda deste apartamento...

- Senna.

-Senna, o caralho, mulher. Num país fodido que nem este, pobre só tem direito, mesmo, é de morrer. E mesmo assim, se os big-bosses deixarem o sujeito bater as botas. Ô paísinho mais fodido. Oitenta e cinco milhões de brasileiros governados por um analfabeto americano, puta que o pariu.

- Quer que bote a janta agora, Senna?

- Zilda, você ainda acha que eu tou com vontade de comer, porra? Eu tou é com vontade de matar aqueles filhos da puta, isso sim.

Dois anos antes, Paulo Senna, o mais antigo redator da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda, e professor de matemática do Colégio Caravelas, foi despedido de ambos os empregos como militante do Partido Comunista Brasileiro.

26

Fernando Mendes de Moraes gerencia a Itapoã Modas faz dois anos e meio.

- Seu Fernando, o senhor foi o gerente que mais tempo aguentou Homero, sabia disso?

- Nunca fiz essas contas, Seu Antunes.

Filho de português, Seu Antunes saiu faz cinquenta e cinco anos de Japurá, interior do Amazonas. Quinze trabalhando nos seringais, e quarenta comerciando em Manaus, dono da Flor do Amazonas, a sapataria mais fina do estado. Faz dez que veio para o Rio de Janeiro, e comprou a Sapataria Flor do Catete, então Sapataria Forma Fina. Solteiro, setentão, sem parentes, Seu Antunes, desde que Fernando assumiu a gerência, todo dia passa na Itapoã Modas, na hora do almoço de Seu Homero. É no Bar Acadêmico, na esquina da Rua Artur

Bernardes que Seu Antunes sempre leva Fernando para tomar um cafezinho.

- Homero é um tosco, Seu Fernando. Eu conheci Homero em Manaus, moço de balcão da Barateira, comendo o pão que o diabo amassou. Homero é um boçalão, Seu Fernando. Casca grossa como ele só.

Sorri, e pisca para Fernando.

- Mas com o senhor até parece que ele mudou.

A Itapoã Modas é a única loja de roupas que vende a crédito no Largo do Machado. Fernando, ex-chefe do Departamento de Crédito da filial Madureira da Casa José Silva, foi quem introduziu o sistema, após muitas conversas, comprovações e intercessões de Seu Carlos Lopes, gerente da agência Catete do Banco da Bahia, amigo pessoal de Seu Antunes, e um dos poucos brasileiros confiáveis, segundo Seu Homero. Tinha sido através dele que Seu Homero concluía as conversações e negociações para a compra da Itapoã Modas. E sem pagar um tostão de comissão, tu acreditas, Antunes? Daí, a boa opinião que Seu Homero tinha de Seu Carlos Lopes.

- Conheço Homero como a palma da minha mão, Seu Fernando. Homero acha que todo mundo tem culpa do que lhe aconteceu quando chegou em Manaus, o tio já enterrado e a amante dona da fortuna do velho, Homero, menino de quinze anos, chegando verdinho, verdinho, lá da terra. E depois, também, o senhor sabe, Homero não tem filhos. Tudo isto, um dia, vai pros sobrinhos de Manaus, Alberta gosta deles, principalmente das moças, são duas, e isso deixa Homero doido de raiva, Seu Fernando.

Fernando acende um cigarro.

- Cada um com seus problemas, né, Seu Antunes?

- É. É. Cada um com seus problemas. Mas quando o senhor quiser mudar de passeio, a minha Flor tá às ordens, o senhor sabe disso.

Seu Antunes abre um sorriso, e alisa o braço de Fernando. Fernando retira o braço num gesto brusco, e olha Seu Antunes. Home, não, cara. Home, não, viu? Fernando casou faz seis meses, Cecília ainda trabalhando na Casa José Silva, em Madureira. Fernando conheceu Cecília faz três anos, quando chefiava a Seção de Crédito da Ducal, no Méier, antes de ser convidado a chefiar o Departamento de Crédito da Casa José Silva, filial Madureira. Foi no baile de domingo de Carnaval, no Clube Mackenzie, no Meier, que Fernando conheceu Cecília, ele fantasiado de pirata, ela de odalisca.

Fernando mora num apartamento da Rua Marquesa de Santos, no mesmo edifício onde mora Eduardo da Cunha Júnior, mas Cecília continua morando com os pais, em Cascadura. Alugaram o apartamento antes de casar, mas até agora Cecília ainda não

conseguiu transferência para a loja da Rua Miguel Couto, esquina da Avenida Rio Branco, no centro da cidade. Desce todas as sextas-feiras à noite, e passa o fim de semana com Fernando. Lava a roupa, e faz a limpeza do apartamento. Domingo pela manhã Fernando sobe com ela, almoça, janta e dorme em casa dos sogros, e desce segunda-feira de manhã cedo, a tempo de abrir a loja, junto com Seu Homero.

- Seu Fernando, vou tomar café. Me olhe a loja.

- Sim senhor, Seu Homero.

Seu Homero sai. Carlinhos desce do escritório, e vem falar com Albertina.

- Brigou com a senhora?

- Ah, se não brigasse, morria.

- Comigo, me mandou comprar cigarros. Que ódio.

Albertina ri. Carlinhos sobe para o escritório, e continua somando os talões de venda, pensando na Cinelândia. Para de somar, e fica imóvel, os olhos fixos nos vidros foscos das janelas, o pensamento no banheiro do Café Amarelinho. Foi lá que encontrou Raimundão, fez um mês, o homem mais bonito que já vira, de pau duro, prontinho, prontinho, e foi no banheiro mesmo que a bunda de Carlinhos se arrombou no pauzão de Raimundão. Fernando sai do banheiro, e encosta no balcão da caixa. Albertina olha a porta da loja, Seu Homero conversando com Seu Antunes.

- O home hoje tá duro, hem?

Albertina encolhe os ombros.

- Pra mim...

Fernando acende um cigarro.

- Comigo ele não se mete.

- Não se mete, porque não entende desse negócio de crediário, ou você pensa que é porquê, hem? Por sua boniteza?

Fernando sorri. Nem vai entender nunca. Ao menos enquanto eu aqui estiver. Vera, a vendedora da seção de lingerie, sai de uma cabine com meia dúzia de camisolas de seda pura na mão.

- Seu Fernando, vê se o senhor dá um jeito em D. Filomena, que eu já não sei mais o que fazer.

Joga as camisolas em cima do balcão, e olha Albertina.

- Agora quer ver biquínis de praia. Vê se pode. Daquela idade, com aquelas banhas, e de biquíni. Só mesmo D. Filomena.

Apanha algumas caixas na prateleira, e entra na cabine. Fernando sobe no escritório. Seu Homero acha que telefone na loja é luxo de freguês e prejuízo do dono. Português burro. Carlinhos, quando Fernando pega no telefone, para de somar. Fernando sorri. Tadinha dela.

- Norma? Vai hoje? Que horas? Tchau.

Fernando coloca o telefone no gancho, pisca para Carlinhos, e

desce para a loja.

- Albertina, hoje eu vou jantar das cinco às sete, tá? Quinze pras cinco tou saindo, ok?

27

No fim do almoço, como sempre, João foi descansar. Todos os dias João dorme depois do almoço. Dá energia, tá entendendo? E no tranco de vida que a gente leva, a gente precisa é de energia. E muita, viu? Alda lava os pratos, e os talheres na pia da cozinha. João se estende na cama, vestido. Alda aparece na porta do quarto, as luvas de borracha pingando água. João se espreguiça, e boceja.

- Tá um calor do cão, Alda.

- Você não vai falar com Seu Antônio não?

- Seu Antônio? Que Seu Antônio, Alda?

- Que Seu Antônio? Ô João, o nosso senhorio, que já veio cobrar o aluguel mais de dez vezes, João.

João abre a boca num bocejo.

- Agora, Alda, com este calor? Logo mais eu vou, tá?

Alda não responde, e entra na cozinha. A pia está cheia de louça. Alda olha as luvas encardidas, e suspira. O quê que eu posso fazer agora, com trinta anos? Sou casada, sou professora, sou tudo o que sempre quis ser, e sou é uma merda. Enfia as mãos na pia cheia de água com detergente, e fecha os olhos. Devagar, duas lágrimas escorrem pelas faces. Uma senhora merda.

No quarto, João boceja ruidosamente. Que calor. Com um calor destes só um pinel sai de casa, quê que há? E o portuga não vai fugir. Ah, vai não. Duvido. Quem tá no fogo é a grana dele, é a minha não, quê que há? Vira na cama, coloca um travesseiro entre as pernas, e adormece em poucos minutos, ressonando. Na cozinha, Alda enxuga os pratos, e os talheres. Trinta anos, casada, professora. Deixa as mãos caídas dentro da pia, e olha as paredes engorduradas da cozinha, os olhos enevoados, as lágrimas escorrendo pelas faces. Casada, professora, e que mais, o aluguel atrasado faz três meses?

28

Na tela do Cine Condor, o bandidão puxa os revólveres, ri às gargalhadas, e dá nove tiros seguidos no mocinho, sem acertar nenhum. Eduardo fecha os olhos. Onde tará Auri? Hoje é aniversário dela, e eu não sei onde ela tá, puta de vida.

Estão deitados, nus. Eduardo fuma. Auri olha a imagem dos dois, refletida no espelho do quarto do Hotel Glória, e Eduardo faz o mesmo. Puxa uma tragada profunda, e olha-a de novo. Auri está imóvel, deitada de costas, as mãos cruzadas sobre os seios, as coxas

abertas, relaxada.

- Pensando em quê?

Auri não responde. Eduardo passa-lhe a mão no rosto, devagar.

- Auri.

Auri fecha os olhos, e só responde passados alguns momentos.

- Nada.

Eduardo puxa outra tragada, e esmaga o cigarro no cinzeiro.

- Eu te falei, Auri. Eu...

Auri olha Eduardo, e sorri.

- Ô bobo, eu tou é feliz.

29

O templo da Igreja dos Divinos Sentimentos fica na Rua Bento Lisboa, quase esquina da Rua Dois de Dezembro. É um casarão velho, de dois andares, duas portas no rés-do-chão, e duas janelas e uma sacada de ferro no sobrado. A partir das duas horas da tarde, de segunda a sexta-feira, os alto-falantes instalados na sacada anunciam as doações e as curas dos doentes. Aos sábados e domingos o culto é silencioso. Os alto-falantes são desligados, dizem os crentes, respeitando o descanso do Senhor.

Lontra, o bicheiro de Seu Mané, é um dos pregadores convidados pelo missionário Irmão Élcio, o fundador da Igreja, trazida de Glicério, município de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro. O outro pregador convidado é Jeremias Amaral, biscateiro e engraxate no Largo do Machado. Lontra anuncia as doações e as curas das duas às quatro horas da tarde. Jeremias, das quatro às seis. Às sete horas Irmão Élcio fecha o templo, e às oito janta na sua suíte, no Hotel Novo Mundo, na Praia do Flamengo. Depois das dez, Irmão Élcio recebe apenas as seguidoras mais jovens da Igreja dos Divinos Sentimentos. Uma de cada vez.

Irmão Élcio gosta de escutar a própria voz imprecando Satanás, e justificando a cólera do Senhor com os pecados dos infiéis nos sermões que faz nos ofícios diários, bramidos para a rua pelos alto-falantes instalados na sacada, os fiéis transidos de pavor no enorme salão do primeiro andar do casarão.

- Nenhum crente ou irmão necessitado de fé é obrigado a pagar seja o que for. Deus não se vende, meus irmãos. Mas Satanás não dorme e as enchentes que tanto assolaram esta nova Sodoma no início deste ano e mataram milhares dos nossos irmãos pecadores são o mais claro exemplo da vigília do demônio e da justa cólera do Senhor, meus irmãos. Mas, assim como a fé remove montanhas, também as vossas doações irão ajudar outros irmãos mais infelizes e mais necessitados.

Na recepção, cada visitante recebe uma ficha que deve depositar nas mãos de Irmão Élcio. O valor da doação é codificado pela cor.

Rubi, dez mil cruzeiros. Esmeralda, cinco mil. Safira, três mil. Topázio, mil. Doações inferiores recebem fichas brancas. O valor da oferta é anunciado pelos alto-falantes. No salão, a batina azul-cobalto abotoada de cima abaixo, Irmão Élcio grita, levantando o braço direito com uma ficha vermelha na mão.

- Irmãos, concentrai a vossa fé nas vossas mentes e nos vossos corações para que a fé de todos nós possa subir aos céus e interceda junto do Senhor, e cure este nosso irmão sofredor. Ele é um irmão rubi, meus irmãos, e os seus sofrimentos são grandes, vermelhos como as santas chagas do nosso Divino Salvador. Mas, com a vossa ajuda, meus irmãos, Jesus, nosso pai, vai curar a sua enfermidade, e ele será salvo.

Irmão Élcio coloca a mão direita na cabeça do crente, fixa os olhos no teto, e todos se concentram. Lontra berra no alto-falante a quantia oferecida.

Do outro lado da rua, na Casa de Saúde São Sebastião, Dr. Costa acaba de assinar o atestado de óbito de um paciente, e olha os alto-falantes do templo de Irmão Élcio através da janela. Será que nem polícia tem mais nesta merda desta cidade? O cidadezinha maravilhosa da porra, puta que pariu.

30

Francisco saiu de casa de madrugada. Às cinco horas o caminhão das mudanças já estava pronto.

- Vou em Coelho Neto, Aldinha, pegar uma mudança para entregar em Campo Grande. É trabalho pro dia todo. Mas você toma cuidado, viu? Olha o que o médico falou ontem. Você não pode se cansar demais não, entendeu?

Francisco casou faz cinco anos. Faz dois que, no dia do aniversário de casamento, morreu D. Joaquina, a mãe de Alda. Seis meses depois morreu o marido, Seu Manuel. Aí vos fica a casa e o caminhão. Agora, a vida é vossa. Arrumai-vos. Alda deixou de trabalhar. Francisco, agora, tinha o seu próprio caminhão.

- Aldinha, se a gente comprasse a casa do lado, podia fazer um quintalão lá nos fundos.

- Eu não quero mais ficar aqui.

- Mas, Aldinha...

- Eu já te falei, Francisco. Odeio morar em casa de vila.

- Mas a gente sempre morou em casa de vila, Aldinha.

- Por isso mesmo. Aqui todo mundo sabe da vida de todo mundo.

- E o caminhão, Aldinha? Onde o vamos deixar? Aqui, ao menos, ele fica na porta de casa, sem perigo. A rua não tem saída, Aldinha.

- Deixa em qualquer lugar.

Venderam a casa, e compraram um apartamento no edifício do

Cine Condor. Francisco estranhou a mudança.

- Aldinha, isto aqui nem quintal tem.

- Nem precisa. Verduras, a gente compra é na quitanda.

Francisco se resignou. Mas durante semanas viveu preocupado com o caminhão.

- E se o roubam, Aldinha? É o nosso ganha-pão.

- Quem vai querer um traste velho daqueles, Francisco? Só um louco.

Francisco não respondia. Mas só deitava depois de dar uma última olhada no caminhão, agora estacionado na frente do Hotel Sevilha, na Rua Gago Coutinho. É um traste velho. É um traste velho, mas é dele que vem o nosso ganho. Um ano depois do casamento, Francisco quis um filho. Alda encolheu os ombros.

- Tu não queres, Aldinha?

- Não és tu que tás querendo?

Passou mais um ano, e Alda não engravidou. Consultaram Dr. Moreira, vizinho de apartamento. Dr. Moreira passou alguns remédios, deu uma tabela, mas Alda continuou sem engravidar. Um amigo de Francisco aconselhou a Beneficência Portuguesa. Alda fez os exames, fez o tratamento, mas a gravidez, nada. D. Joana prometeu uma novena a Nossa Senhora da Penha, em outubro. Fez a novena, mas outubro passou, e Alda menstruou. Em janeiro, no dia de São Sebastião, a conselho de D. Palmira, comadre e vizinha de D. Joana, foram num centro em Jacarepaguá. Alda tomou passes, bebeu garrafadas, desarranjou os intestinos, mas continuou menstruando. Francisco desesperava.

- Francisco, por quê que não vais tu no médico, hem?

- Eu, Aldinha?

D. Joana falou com padre Antônio, vigário da Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, e acertou uma novena, com promessa de mais outra, se Alda engravidasse. Padre Antônio cantou as nove missas, D. Joana rezou os vinte e sete terços, mas Alda não engravidou. D. Joana tentava consolar Francisco.

- A não ser que Deus não queira, meu filho. Às vezes, Deus não quer.

Mas Deus quis. Uma manhã, ao levantar da cama, Alda vomitou. Francisco quase chorou.

- Será Aldinha? Será que é mesmo?

- Claro que é. Faz dois meses que não vem.

- E por que é que tu não me disseste antes, Aldinha?

- Porque queria ter certeza.

Naquele dia Francisco não foi trabalhar, e D. Joana chorou abraçada a Alda.

- Graças a Deus. Graças a Deus, minha filha. Nossa Senhora vai

ganhar duas novenas. Uma minha, e outra do vosso pai. Francisco abraçou D. Joana.

- Três, minha mãe. Três, que eu também vou.

31

Jeremias Amaral, engraxate nas horas vagas, é biscateiro de profissão, pregador da Igreja dos Divinos Sentimentos, passista da Mangueira, e flamenguista mais do que doente. Roxo. Todas as manhãs Jeremias espera os fregueses no ponto do ônibus Largo do Machado-Saenz Peña. Doutor, biscateiro é profissão, sim senhor. Engraxate, não. Mas biscateiro é. Dá até pra comprar fiado. Agora, pregador, doutor, pregador é devoção. Bate com a escova no sapato do freguês.

- Doutor, o outro pé.

Passa a escova com força, cospe nas mãos, e acende a ponta do cigarro.

- Doutor, a coisa vai mal. E se continuar assim, não tarda muito vai ter um troço aí. Ah, vai. Os home disseram que a coisa ia melhorar, prometeram mundos e fundos, mas cadê? O feijão sobe cada vez mais, o arroz já tá pela hora da morte, e a carne, a gente já paga só pra olhar nas geladeiras dos açougues. Eu vou dizer uma coisa pro senhor, o senhor que é uma pessoa inteligente. Do jeito que a coisa tá, pobre já tem é que nascer morto, doutor.

Dá uma parada, olha o freguês, e recomeça o polimento.

- Doutor, a situação tá preta mesmo. O senhor não vê o Bangu? Quem diria, hem, doutor? Um timinho daqueles, vem lá de caixa-prego, e ó. Campeão, sim senhor. Doutor, eu vou dizer uma coisa pro senhor. Aquilo lá no Flamengo só pode ser mumunha mesmo, tem jeito não. Bangu campeão, tá danado, doutor. Tá danado mesmo.

Pinga duas gotas de água na biqueira do sapato, e passa o pano encerado, até chiar.

- O que vale, doutor, é que futebol é que nem desfile de escola de samba. Tem sempre mais ano que vem.

Dá uma parada, ajeita o assento, e recomeça o polimento.

- E a Mangueira, hem, doutor? Samba lindo, a moçada sambando no pé e tudo mais, e babau. Não é pra me gabar não, doutor, mas eu também tava lá no asfalto, tudo correndo bem, a gente já pintando campeão, o pessoal todo cantando nosso samba, e no fim quem ganhou, hem, doutor? Portela, escola de rico. Pobre tem vez não, doutor.

Balzac atravessa o largo, Dequinha andando na frente, caminho do Cinema São Luiz. Às três horas começa a primeira sessão de A Cruz da Minha Vida, que Dequinha quer rever, fã gamado que é de Terry Moore. Jeremias aponta-os, passarinhando no largo.

- O senhor tá vendo, doutor? É o que mais se vê hoje por aí, viadage, pouca vergonha. Desgraçamento do cão, doutor.

Jeremias Amaral é pernambucano, de Serra Talhada.

- Aquilo, doutor, é que é terra, sim senhor. Terra de Capitão Virgulino Lampião e de muito doutor também, não desfazendo.

Bate com a escova no sapato.

- Cem por cento, doutor. Quatrocentos cruzeiros.

Jeremias arruma o caixote. Hora de pausa no bar de Seu Joaquim.

- Bota uma branquinha aí, patrício. Pra cobrir o santo.

Seu Joaquim serve a cachaça. Jeremias joga meio copo na frontaria do balcão, salva do santo, e bebe o resto de um gole. Seu Joaquim conhece Jeremias faz anos. Desde que Jeremias começou engraxando sapatos no Largo do Machado. E quando necessário, Jeremias conserta também as torneiras do bar, ou as goteiras do telhado.

- Ainda não esqueci da profissão não, patrício, quê que há?

- Mas tu, agora, não és lá padre naquela igreja, ó Jeremias?

- Patrício, quê que há? Negócio de fé é troço sério.

Seu Joaquim fecha a gaveta da caixa registradora, e apoia os cotovelos no balcão.

- Mas então diz-me cá, ó Jeremias. Como raio foi que tu deste agora lá pra esse negócio de pregar, ó home de Deus? Tu sabias que eu também quase fui padre lá na terra? Não cantei missa por um triz.

- Padre é diferente, patrício. Eu sou é pregador.

- E o Lontra? Que me dizes tu cá do Lontra, ó Jeremias? Como é que um home do jogo do bicho...

- Patrício, Irmão Lontra também descobriu Jesus, nosso pai.

Seu Joaquim ri. A gargalhada é tão forte que Seu Joaquim se engasga, tosse, fica roxo, e D. Deolinda corre da cozinha, e dá-lhe murros nas costas. Jeremias encolhe os ombros.

- Patrício, cada um com sua fé. Mas no Livro tá escrito. Só eu sou o caminho.

Coberto o santo, Jeremias volta para o Largo do Machado. Atender mais alguns fregueses, e fazer hora para render Lontra nos alto-falantes da Igreja dos Divinos Sentimentos. Irmãos, eu já fui um pecador. Mas agora que encontrei Jesus, nosso Guia me salvou. Jeremias mora sozinho num barraco da favela Morro Azul, no Flamengo, e tem um amor do coração. Silvino, curió de estimação, cantador afamado.

- É como tou falando, patrício, se tivesse como, aquilo tirava até medalha. Tou falando.

Todos os domingos de manhã Jeremias traz a gaiola de Silvino para o Largo do Machado, e Silvino apanha sol. E canta. Junta gente.

Jeremias conta estórias.

- Já tirou até medalha, oxente. E já quiseram até comprar, mas eu vendi não. Gogó que nem este tem mais não. Nem rádio, viu?

32

Nina tem vinte e cinco anos, trabalha faz dois nas Lojas Americanas, na Rua do Catete, e mora faz meio ano com a avó, D. Antônia, num apartamento conjugado no edifício do Cine Condor, vizinha de D. Aurora.

- Vovó, assim a senhora não precisa nem sair na rua pra ir no cinema, viu?

- Eu não preciso de cinema, minha filha. Na minha idade a gente já não precisa mais dessas coisas.

- Quê que é isso, vovó? A senhora ainda tá muito moça.

- Minha filha, agora eu só peço é a Deus que não me deixe morrer sem ver você casada.

D. Antônia é professora aposentada de canto, e de piano. Nascida em Petrópolis, aos dezoito anos foi para Paris, dama de companhia de uma velha e afastadíssima parenta do Imperador Pedro II. Lá nasceu Antônio Augusto, pai de Nina, filho de um colega do Conservatório de Música, Klaus Coslov, polonês radicado em Paris, primeiro prêmio de violino, e futuro spalla da Orquestra da Ópera de Paris, diziam todos. Mas não deu, Klaus Coslov morto num bistrô de Clichy, briga de gigolôs, disse a polícia. Mentira, Klaus Coslov querendo só apartar, disseram algumas testemunhas não citadas no inquérito. Morto Klaus, D. Antônia voltou para o Brasil, Rio de Janeiro. Conseguiu colocar o filho no Colégio Pedro II, e começou dando aulas particulares de canto, e de piano. Quando os pais, professores do Estado, morreram num desastre de ônibus, descendo de Petrópolis, Nina tinha dezesseis anos. Largou o Colégio Sion, no Cosme Velho, e foi trabalhar como balconista num armarinho, na Rua Machado de Assis. D. Antônia já estava aposentada.

- Vovó, no Natal eu vou dar uma televisão pra senhora, viu?

- Deixa a televisão, minha filha. Quando você casar, eu...

- Vovó, a senhora adora novela, vovó. Ou a senhora pensa que eu não sei que a senhora tá sempre falando de novela com D. Aurora, hem?

O carnaval de 1966 foi o primeiro que Nina pulou. Saiu com Vera, a sobrinha que vivia com D. Aurora, vendedora da Itapoã Modas, vizinha do apartamento 704, e foram ver o desfile dos Canarinhos das Laranjeiras, D. Aurora e D. Antônia preocupadas.

- Cuidado, meninas. O carnaval de agora é perigoso, viram? Moça direita...

- Ah, titia.

- Ah, vovó, preocupa não. Nós só vamos dar uma olhada.

Voltaram cedo, D. Aurora, ríspida, logo trancando Vera no apartamento, D. Antônia, tranquila, querendo saber novidades.

- Gostou, minha filha?

- Não gostei muito não, vovó. É muita agitação pra meu gosto.

- Quando eu tinha a sua idade, gostava. Adorava ver os corsos na Praia de Botafogo. Eram maravilhosos.

Na semana seguinte Nina chegou tarde em casa pela primeira vez, D. Antônia preocupada.

- Aconteceu alguma coisa, minha filha?

- Nada não, vovó. É uma surpresa que eu arrumei pra senhora.

- Surpresa? Que surpresa, minha filha?

Nina sorri, e faz um cafuné na cabeça de D. Antônia.

- Arrumei um namorado, vovó.

D. Antônia levantou as mãos. Graças, meu Deus. Graças a Deus. Depois abraçou Nina.

- Traz ele aqui, minha Filha.

- Vou trazer, vovó. E a senhora vai gostar, a senhora vai ver.

Mas ele não quis.

- Pra quê incomodar já sua avó, hem? Quando a gente marcar o dia, a gente faz a surpresa, falou?

- É gerente de um salão de beleza, e tem até carro, a senhora sabia?

- Traz ele aqui, minha Filha.

- Qualquer dia eu trago sim, vovó.

- Você tem vergonha de sua avó, minha filha?

- Quê que é isso, vovó? E eu ia ter vergonha da senhora?

Nina beija D. Antônia. D. Antônia fica mais reconfortada.

- Você gosta dele?

- Gosto, vovó.

- Muito?

- Muito.

- E ele?

- Também, vovó.

- Já marcou a data?

- Já, vovó. Vai ser em maio.

No dia do aniversário Nina ganhou um anel de presente.

- Viu, vovó? Agora a senhora acredita?

- Acredito, minha filha. Só não entendo é por que é que ele não vem aqui.

- Estevo é assim mesmo, vovó. Mas gosta de mim, a senhora não vê?

Nina sorri, mostrando o anel. Tem certeza que vai ser feliz com Estevo Jimenez, embora ele seja bastante mais velho do que ela. Mas

não importa, o que importa é que ele gosta de mim, e eu gosto dele. Agora só falta marcar a data. Nina olha mais uma vez o anel de noivado, e sorri, feliz. Tomara que seja em maio mesmo, bem no dia do aniversário de vovó.

33

O PRÊMIO SPOLITUS DE LITERATURA - 1966 não foi apenas o maior prêmio em dinheiro já pago no Brasil. Foi também o que mais movimentou a mídia e os meios literários brasileiros. Pela primeira vez uma empresa privada pagava tanto dinheiro por um conto que, de acordo com o regulamento, deveria ser rigorosamente inédito, e assim continuar até que o vencedor fosse divulgado. Qualquer meio, ou motivo que pudesse afetar o ineditismo, desclassificaria automaticamente a obra concorrente.

A Comissão Julgadora, formada por sete membros, recebeu 19.728 originais, apenas um por autor. Ainda de acordo com o regulamento, o prazo para divulgação do resultado seria de noventa dias após o encerramento das inscrições. Mas, dado o número de textos concorrentes, a Comissão Julgadora foi obrigada a prorrogar a data da divulgação do vencedor. Era impossível ler e analisar 19.728 originais em tão pequeno espaço de tempo, e tomar público o conto vencedor.

Depois de várias reuniões, enquanto a expectativa do público crescia na razão direta da espera, foi divulgado o novo prazo. A Comissão Julgadora ficou com cento e oitenta dias para analisar os 19.728 contos concorrentes, premiar o melhor deles com três milhões de cruzeiros, e a publicação numa revista de circulação nacional, à escolha do autor.

A Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda, agência das Indústrias Reunidas Spolitus S/A, um dos maiores conglomerados de cimentos, agropecuária e seguros do Brasil, aproveitou ao máximo a expectativa em torno do concurso. Diariamente enviava releases a todos os meios de comunicação, informando as conclusões preliminares da Comissão Julgadora, o número de autores concorrentes, a quantidade de páginas dos 19.728 originais, e até o peso e a altura das resmas das folhas papel dos contos enviados.

O resultado para as Indústrias Reunidas Spolitus S/A foi tal que, por indicação da própria agência, o valor do prêmio foi aumentado para quatro milhões de cruzeiros. Esta notícia teve tanta repercussão, e foi tão bem aproveitada, que houve até meios de comunicação que lhe concederam mais espaços do que concederam ao Ato Complementar nº 23, fechando o Congresso Nacional.

Quando foi divulgado o número de concorrentes, 18.455 autores residentes no Brasil e 1.273 domiciliados no exterior, as emissoras de

televisão e de rádio, e os jornais e as revistas de maior circulação, tomaram conta do assunto. Vários intelectuais foram entrevistados. Afinal, 19.728 contistas escrevendo, significava, no mínimo, uma verdadeira explosão do conto brasileiro. Nos Estados Unidos, o professor Robert Penn Cheever escreveu um longo artigo sobre A Força Telúrica dos Autores de Língua Espanhola no Contexto Sul-Americano. O artigo foi imediatamente traduzido e adaptado à realidade brasileira, e distribuído pela Ambler a todos os grandes órgãos de comunicação nacionais. O nome do professor Robert Penn Cheever apareceu na cena ensaística brasileira como um dos mais proeminentes e consagrados brasilianistas, e alguns meios de comunicação afirmaram que, desta vez sim, desta vez o Brasil ocuparia no cenário mundial o lugar a que há muito tinha direito. Em 1967, sem a menor dúvida, o Prêmio Nobel de Literatura seria do Brasil.

Alberto de Mendonça Rapzecki, professor catedrático jubilado, e presidente da Comissão Julgadora, foi mais entrevistado naquele dia do que o ministro da Justiça. Agora, sete pessoas tinham em suas mãos designar o vencedor do maior concurso literário da América Latina, e o maior do mundo em número de autores e originais inscritos, dizia o comunicado da Ambler.

Faltando um mês para ser divulgado o vencedor, a Comissão Julgadora, através do seu presidente, resolveu tomar públicos os critérios adotados, a fim de que não restasse nenhuma dúvida quanto à lisura e transparência dos trabalhos dos julgadores do concurso. Cada membro da Comissão Julgadora tinha inteira liberdade para analisar e julgar as obras concorrentes segundo os seus próprios critérios. Os 19.728 contos foram divididos em sete grupos. Seis de 2.818, e o do presidente da Comissão Julgadora, de 2.820. Cada jurado separaria, após a leitura, esses originais em dois lotes. Um lote para os contos aprovados, o lote SIM. Outro lote para os contos rejeitados, o lote NÃO. Terminada esta primeira fase dos trabalhos, o resultado foi impressionante, segundo as próprias palavras do presidente da Comissão Julgadora. Dos 19.728 contos distribuídos para leitura e análise, apenas 1.240 entraram no lote SIM.

Na segunda fase, o critério seletivo já foi outro. Mais analítico. Os 1.240 contos foram também divididos em sete grupos. Seis de 177, e, o do presidente da Comissão Julgadora, de 178. Cada membro, secretamente, daria um SIM ou NÃO, conforme aprovasse ou rejeitasse o conto lido. A diferença para o critério anterior é que, a cada período de oito dias, os grupos de contos seriam trocados entre os membros da Comissão Julgadora. Terminado este prazo, foram tabulados os resultados. Dos 1.240 contos lidos e analisados, 1.182 apresentaram três ou mais NÃO e foram rejeitados. Os restantes 58, com três ou

mais SIM, foram aprovados.

Terminava o comunicado do acadêmico Alberto de Mendonça Rapzecki por dizer que, na última fase do julgamento, o critério seria o seguinte: Os 58 contos selecionados serão novamente divididos em sete grupos. Seis de 8, e o do presidente da Comissão Julgadora, de 10. Cada membro, secretamente, dará um SIM ou um NÃO aos contos lidos. Os grupos de contos serão passados por todos os jurados, de forma que todos os contos sejam analisados e julgados. Dos contos que obtiveram sete SIM, um de cada membro da Comissão Julgadora, sairá o grande vencedor do **PRÊMIO SPOLITUS DE LITERATURA - 1966**, escolhido numa última leitura e aprovado em reunião consensual, já programada para tal fim.

34

Estevo Jimenez nasceu em Lobios, na Galiza, ainda no reinado de Afonso XIII, cinco anos antes da implantação da república espanhola. O pai, monarquista ferrenho e partidário intransigente de Primo de Rivera, fugiu da Espanha em março de 1930, logo que Primo de Rivera se exilou em Paris, abandonado pelos altos comandos militares, e pelo rei Afonso XIII.

Estevo Jimenez, o mais novo dos cinco filhos do antigo adepto de Primo de Rivera, cresceu no Rio de Janeiro, no Bairro da Gamboa. Morto o pai em 1941, numa briga de bar da Rua da União, e a mãe dois anos depois, de leucemia, Estevo Jimenez já ganhava seu dinheiro como olheiro de um ponto de jogo do bicho no Cais do Porto. Separado dos irmãos, Estevo Jimenez foi morar na Rua do Livramento, cafetinando duas dançarinas da boate Cowboy.

Com a volta de Getúlio Vargas à presidência da República, Estevo Jimenez, amigo de um conhecido de Gregório Fortunato, chefe da guarda pretoriana de Getúlio, passou a frequentar a periferia do Palácio do Catete. Naturalizado brasileiro, alugou um quarto na Rua Dois de Dezembro, próximo do Largo do Machado, e entrou no Departamento Federal de Segurança Pública.

Sentado no fusca vermelho, de motor envenenado, na frente do Café Lamas, Estevo Jimenez olha a Rua do Catete. Que merda. Se Magda dá pra sair do salão, e me vê aqui, tou fodido. Faz logo a maior cagança. Magda é foda.

- Já que tou pagando, mando, viu?

- Quê que há, boazuda? Papai aqui é barra limpa.

- Só tou avisando. Corneada bastou uma vez. Se enxerga, tou avisando.

Estevo Jimenez olha mais uma vez o relógio de pulso. Magda é foda. Dá uma olhada no espelho retrovisor, e penteia o cabelo com cuidado. Até que és bem guapo, Estevo Jimenez. Sorri. Um guarda

olha o carro parado. Estevo faz um sinal. Quê que há, meu chapa, bobeando, porra? O guarda olha a placa do carro, consulta uma agenda de bolso, e se afasta. Estevo recosta no assento, e sorri. Melhor do que isto só isto mesmo. Acende um cigarro, puxa duas tragadas, e olha a Rua do Catete. Porra, até que enfim. E já vem atrasada, a filha da puta. Estevo liga o motor do carro, e dá a volta ao largo. Entra na Rua Gago Coutinho, para o carro, e olha o relógio. Três e meia. Ainda dá tempo. Desliga o motor, e entra no bar de Seu Joaquim.

- Um LS curto. Posso usar o telefone?

- São cento e cinquenta cruzeiros.

Estevo pega o telefone, e disca. Eta, portuguesa burra.

- Afonsina? Estevo. Me arruma um quarto pras quatro. Não? Problema seu. Se vira.

Coloca o telefone no gancho, e olha o fusca, parado do outro lado da rua, na porta do Colégio Caravelas. A foda é Magda. Mas verdade seja, mulher tá ali, puta que pariu. Foi a melhor foda que já dei. Sorri, e mete a mão no bolso.

- Quanto é tudo, dona?

- Oitocentos cruzeiros.

Estevo joga uma nota de mil para cima do balcão, e não espera D. Deolinda fazer troco. Entra no carro, liga o motor, liga o rádio, e recosta no assento. Mulher é uma merda mesmo. Se não abrir o olho, caga tudo. Puxa duas tragadas seguidas, e joga o cigarro pela janela. Pouco depois Alda entra no carro. Na porta do bar, D. Deolinda quase deixa cair o copo que tem na mão. Minha mãe do céu, aquela não é a Alda, a nora do Tônio da Joana, mulher do Chico das Mudanças? Este mundo tá perdido, minha Nossa Senhora dos Aflitos valei-me. Estevo sobe a Rua Gago Coutinho. Na esquina da Rua das Laranjeiras para o carro com uma freada brusca, o trânsito todo engarrafado. Olha o relógio. Na bucha. Quinze pras quatro dá, e sobra. Alda joga a bolsa no assento traseiro, abraça Estevo, e beija-o. Do outro lado da rua, de repente, uma moça sai correndo pela calçada, esbarrando nas pessoas, como se estivesse louca, ou drogada.

35

D. Maricota anda triste. Apesar das velas queimadas no altar de Nossa Senhora Aparecida, e das visitas diárias a padre Antônio, D. Maricota está cada vez mais triste, e Seu Aristeu cada vez mais irredutível.

- Mas, Seu Aristeu, é só proforma, Seu Aristeu.

- Por isso mesmo, Maricota.

- É só pra tapar as bocas do mundo, Seu Aristeu.

- As bocas do mundo se tapam com arroz, feijão, e carne-seca, Maricota.

O bandidão continua rindo na tela do Cine Condor, tiros e mais tiros sem carregar o revólver, e sem acertar no mocinho. Eduardo desvia os olhos, e olha as costas do casal abraçado à frente. Eu devia era tar com Auri. Sou uma besta mesmo, puta que pariu.

Estão na Praia de Botafogo, sentados num banco de pedra, na frente do Colégio Juruena. As aulas tinham terminado fazia meia hora. Eduardo acende um cigarro, e puxa duas tragadas profundas. Faz meio ano que se conhecem, e todos os dias se encontram. Auri tem dezessete anos e quer ser atriz, e Eduardo tem trinta e dois, parou de estudar no vestibular de Direito, vende coleções de livros a domicílio, e escreve peças de teatro.

Auri olha-o fixamente durante alguns instantes, e de repente estende a mão.

- Me dá um cigarro.

Auri raramente fuma, Eduardo sabe. Só pede cigarros quando alguma coisa a preocupa. Eduardo dá-lhe o cigarro que está fumando. Auri fica com ele na mão, sem fumar, olhando a areia.

- Sou virgem, Eduardo.

Eduardo sai do cinema. Por quê que Auri me deixou ir, puta que pariu? Para na galeria, e olha o relógio. Quatro horas. Fazer o quê, agora? Acende um cigarro, e passa na frente da igreja de Nossa Senhora da Glória. Se eu soubesse onde você tá, Auri... Um loteação para no ponto, guinchando freios. COPACABANA. Ah, foda-se. Entra no loteação. Na porta da casa da tia de Roberto para um táxi. O loteação parte. Auri e Dora saltam do táxi.

- Já tamos atrasadas paca, Auri.

Auri olha o largo. Onde tará Eduardo? Ah, Eduardo, Eduardo, você devia era tar aqui comigo.

- Vamos, Auri.

Eduardo salta na Praia de Botafogo, um ponto antes da Fundação Getúlio Vargas. Anda devagar pela calçada. Ainda é cedo paca. Na porta da Fundação Eduardo para, e olha o relógio. Quatro e vinte. Eu devia era ter trazido um livro. Ao menos passava tempo.

- E agora, pô? Chove à beça.

Na porta do Teatro de Arena, no Largo da Carioca, o pessoal do TUCA - Teatro Universitário Carioca, amontoado debaixo da marquise, espera a chuva passar. Eduardo está encostado na parede, um pouco afastado do grupo. A moça passa por ele, a cabeça coberta com um jornal dobrado, pingando água. Eduardo olha-a. Morena, cabelos curtos, a blusa e a calça coladas no corpo, os bicos dos seios querendo furar o tecido molhado da blusa. Boa foda. A moça olha-o, e sorri. Eduardo sorri também. Vou nessa.

- Vai pra onde?
- Copacabana.
- Tem carona, quer?
- Tá de carro?
- Táxi.
- Opa.

Saltaram na Rua Tonelero, esquina da Rua Siqueira Campos.

- É aqui.
- Vamos tomar qualquer coisa? Você tá toda molhada.

Ela passa as mãos na cara, e no cabelo.

- Tou mesmo.

O bar está vazio. Eduardo chama o garçom.

- Toma o quê?
- Ah, qualquer coisa.
- Chefe, dois Macieira.
- Só tem Dreher, chefe.
- Serve. Em copo grande, tá?

Eduardo estende-lhe o copo.

- Beba, que aquece já, já.

Ela bebe. Engasga-se, e tosse.

- Pô, este troço queima.

- Você mora onde?

Ela estende um braço.

- Ali. Bem naquele edifício da esquina.

Eduardo acende um cigarro. Ela acende outro, e joga o maço vazio em cima do balcão. Os carros passam correndo, jogando água e lama nas calçadas. O temporal, como sempre, alaga as ruas da cidade. Colocam os copos vazios em cima do balcão. Ela puxa uma tragada profunda, e olha Eduardo.

- Me disseram que você é do DOPS.

Eduardo sorri.

- Que mais que lhe disseram, além de eu ser capachildo de milico?

- Você é mesmo?

Eduardo joga o cigarro na calçada.

- Quê que você acha?

Ela encolhe os ombros.

- Eu não acho nada. Mas que você é um cara esquisito, bota esquisito nisso, pô.

Eduardo ri. Ela ri também, e também joga o cigarro na calçada.

- Sabe por quê que o pessoal falou? Porque você, desde que apareceu lá no TUCA, chega, entra, sai, vai embora, sempre só, sempre calado, nunca fala com ninguém, entendeu? Sei lá, um cara esquisitão mesmo, dá pra entender? Ah, também dizem que você

escreve peças. É verdade?

- Hum, hum.

- Me mostra?

- Vamos indo?

Ela olha-o.

- Por quê que você não fala um pouco, hem?

- Pra quê?

Eduardo chuta uma casca de banana na calçada. Que merda. Antes não tivesse vindo. Entra na Fundação, e uma voz soa atrás dele.

- Oi.

Livros e cadernos debaixo do braço, óculos escuros por cima do cabelo, Yone sorri, mascando chiclete.

- Eu tinha certeza que você vinha aqui hoje. Juro. Tou seca por um café.

Entram no bar da esquina da Rua Farani. Yone coloca os livros e os cadernos em cima do balcão, e acende um cigarro.

- Você acredita que hoje eu nem almocei? Faz três dias que não tenho nem tempo de me coçar.

Eduardo pede dois cafés.

- Sinceramente nem sei como me deixei eleger coordenadora dos contatos com os DAs. É um trabalho do cão lidar com diretórios, você nem imagina. Se não fosse a necessidade de ter alguém aí agitando isso, eu juro que ficava era na minha.

Puxa uma tragada, e sopra o fumo com força.

- Mas eu acho que vai valer a pena, sabe? Desta vez a gente quebra o pau. Quebra mesmo.

Eduardo coloca açúcar nas xícaras. Puta que pariu, eu devia era tar procurando Auri.

Yone mexe o café. O pires roda em cima do balcão. Ela limpa os respingos da mão, joga o chiclete no chão, e bebe dois goles.

- Eu sei que eles vão ganhar as eleições. O Negrão de Lima não ganhou? Ganhou. Só que não ganhou com nossos votos, como tão dizendo por aí.

Joga o cigarro no chão, e olha Eduardo.

- Você sabe o quê que essa milicada tá pensando? Que o povo brasileiro é burro. Mas aí é que eles se enganam. Não viu Jânio? Pensou que podia dar o golpe, e, ó. Se estrepou.

Faz uma pausa, e abana a cabeça, devagar.

- Eduardo, eu vou dizer uma coisa pra você. Ou o Castelo Branco bota eleições livres neste país ano que vem, ou a gente arruma aí o maior fuzuê da paróquia, entendeu? Eles não sabem com quem tão se metendo, vai por mim. Brincar com o povo é coisa muito séria, Eduardo.

Faz uma pausa, e respira fundo. Eduardo olha a rua. Foda-se.

Não aguento mais. Dá um passo na direção da rua, mas Yone puxa-o por um braço.

- Escute. Escute só. Você acha que a ONU não vai querer saber por quê que a gente quer anular os nossos votos? Claro que vai. Por isso é que é importante o voto nulo, tá entendendo? Se todo mundo votar nulo aqui dentro, todo mundo lá fora vai saber que merda de país é este, entendeu? E tem mais, viu? Olhe pro que eu lhe digo. Neste fim de semana muita coisa vai rolar neste país, você vai ver.

37

Quatro horas. Cazuza, bêbado, esquentando ao sol, encostado no muro do Colégio Caravelas. Na porta da galeria do edifício da Caixa Econômica, carregando uma pasta, e assobiando, Antônio da Silva Bouças observa uma moça que passa. Que puta bunda, meu Deus do céu. A moça entra na galeria, Bouças atravessa o largo, e para na porta do Bob's. Duas mulatas tomam refrigerantes.

- Chuchuzinhos.

As mulatas olham-no. Bouças pisca, e faz um gesto convidativo.

- Vê se te enxerga, branquela.

Bouças faz um manguito, e cospe no chão com força.

- Tomar no cuzinho, tá?

As mulatas riem, e Bouças começa andando. As putas tão pensando o quê? Que eu sou palhaço?

- Seu Bouças. Ô Seu Bouças.

Bouças para. Porra, lá vem a Afonsina caloteira.

- Como vai a senhora, D. Afonsina?

- Eu vou bem, e o senhor? Faz três dias que não vejo minha novela, não sabe? Quando é que o senhor vai passar lá em casa, hem, Seu Bouças?

- Passo logo mais, D. Afonsina. Sem falta, a senhora pode acreditar. Agora eu vou na casa daquela amiga da senhora. Aquela...

- D. Nair é gente muito fina, não sabe? Por isso eu recomendei o senhor, viu?

- Logo mais eu passo na casa da senhora, D. Afonsina. Sem falta mesmo.

Passo porra nenhuma, caloteira do caralho. Afonsina olha Bouças se afastando, e cospe na calçada. Português da peste, mentiroso disgramado. Bouças entra na portaria do edifício. Na porta do elevador lê o aviso: NÃO FUNCIONA. Só me faltava esta. Começa subindo as escadas. Será que esta vai pagar, ou será que é igual à outra? Também, se for, vai se foder. Engatilho a televisão, e ela que se foda. Na porta do apartamento 314, toca a campainha. Toca uma, duas, três, quatro vezes. Se não atender agora, foda-se. Toca mais uma vez. A porta abre.

- Boa-tarde, dona. Eu sou o Bouças, o...
- Ah, o senhor é que é o técnico da televisão?
- Sou sim, dona. Vim a mando de D. Afonsina.
- Faz favor de entrar.

D. Nair destrava a porta, o roupão aberto no peito, e Bouças entra. D. Nair fecha a porta, e ajeita o roupão. Bouças olha D. Nair. Que peitaria do caralho, minha Nossa Senhora. D. Nair nota o olhar de Bouças, sorri, e mostra a televisão.

- Tá assim desde que parou.

Bouças olha a televisão. D. Nair está em pé, na frente dele.

- Será que tem conserto mesmo?

- Ai, tem, dona. Estas televisões antigas são muito boas. São muito melhores do que as novas.

D. Nair sorri, e senta no sofá. Bouças abre a televisão. D. Nair olha-o. Igual a Beto, só que tem um pé maior. Sorri. Do tamanho que você gosta, hem, Nair? Bouças examina o aparelho. D. Nair recosta no sofá, e se espreguiça. Será que Afonsina também mandou ver no tamanho do pé dele?

- Seu Bouças, em quanto é que vai ficar o conserto, hem?

Bouças olha D. Nair, o roupão aberto, mostrando as coxas gordas e brancas.

- Garanto à senhora, dona, que não é caro não. A televisão da senhora é muito boa. Vai valer o conserto, a senhora vai ver.

D. Nair sorri, se espreguiça de novo, e o roupão abre mais.

- Então tá bem, Seu Bouças. Eu acredito no senhor.

Bouças olha as coxas de D. Nair. Puta que pariu, que coxame. E tá sem calcinhas, caralho. Pra esta, se ela topar, eu conserto até de graça, eu seja mico de circo.

38

O filho de Alda e Francisco nasceu com olhos azuis, num domingo de manhã, na Maternidade do Hospital da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca. Francisco ri à toa.

- Não é lindo, minha mãe?

Alda sorri. Bobalhão. D. Joana olha Francisco. Deus que te ajude, meu filho.

- É, meu filho. É. É uma lindeza.

Francisco abraça a mãe, e volta ao berçário. Seu Antônio estava no Méier, trazendo uma mudança de Madureira. À noite, D. Joana conversou com ele.

- Tônio, o menino não saiu ao Chico nem a ti.

- Valha-te Deus, mulher. Nascido hoje, com quem raio queres tu que ele se pareça?

- Tem olhos azuis, António.
- Muita gente tem olhos azuis, mulher.
- Por isso mesmo, home.

39

Norma entrou pela primeira vez na Itapoã Modas acompanhando a mãe, D. Filomena, num sábado de manhã. D. Filomena, cliente antiga da casa, agora que a Itapoã vende a crédito, quase toda semana abre uma conta.

- Ah, Seu Homero, que ideia ótima o senhor teve.

- Eu não entendo disso, madama. Quem entende disso é o Seu Fernando. Ele é que entende dessas trapalhadas.

D. Filomena olha Seu Homero palitando os dentes, encostado no balcão da caixa. Sujeito grosso, mais sem educação. Fernando se aproxima. Lizete, a vendedora da seção de vestidos e conjuntos, não gosta de atender D. Filomena.

- Ah, Seu Fernando, pelo amor de Deus. Eu sei que D. Filomena compra muito, mas pra ela escolher um vestido, prova mais de dez. É demais, Seu Fernando.

- Deixe ela provar cem, e a senhora vende dez.

Lizete olha Fernando. Filho de uma égua, quem tem que arrumar tudo depois sou eu, não és tu, desgraçado.

Na cabine, D. Filomena prova um conjunto de três peças, de helanca. Albertina entra.

- Lindo, né, D. Filomena?

- Será que assenta bem, Albertina? Esta helanca marca muito.

D. Filomena se olha no espelho.

- Não sei não, Albertina.

- Parece que foi feito pra senhora, D. Filomena.

- Você acha mesmo?

- Se eu acho? Ô D. Filomena, a senhora...

D. Filomena volta a se olhar no espelho.

- É. Parece que fica bem sim.

- Parece feito sob medida, D. Filomena.

- Manda separar este, então, Albertina.

D. Filomena tira o conjunto, e prova outro.

- Deste não gosto, Lizete. Esta cor morre muito. Aquele que tem na vitrine, o azul, será que tem meu número?

Albertina faz um gesto a Lizete.

- Tem sim, D. Filomena.

Lizete sai, buscando o vestido na vitrine. Filha de uma égua, já provou este três vezes semana passada. D. Filomena acende um cigarro, e retoca a maquilagem.

- Albertina, será que Seu Fernando já aprontou a minha ficha?

Hoje tou com muita pressa.

- A ficha da senhora tá sempre pronta, D. Filomena.

- Sabe o quê que é? Logo mais vai ter uma recepção no Quartel-General. Um colega do meu marido vai ser transferido pra São Paulo e a gente vai lá se despedir dele, sabe?

Puxa uma tragada, e apaga o cigarro no cinzeiro.

- Albertina, será que dá pra aprontar aquele de helanca, o de três peças, pra logo mais? Eu vou na Magda arrumar o cabelo, já marquei hora, e depois volto. Será que dá, Albertina?

- Claro que dá, D. Filomena. Se todo mundo tivesse um manequim igual à senhora, a nossa loja não precisava nem de costureira.

D. Filomena fica duas horas na cabine, provando modelo atrás de modelo. Na porta, Seu Homero conversa com Seu Antunes.

- Antunes, olha pró que eu te digo, Antunes. Este negócio de vender fiado é um espeto. Todo mundo rouba e a gente não dá por ela. Em Manaus eu nunca vendi fiado, e mais, olha, ganhei dinheiro.

- Manaus era Manaus, Homero. Aqui é Rio de Janeiro.

- Pois por isso mesmo. Tu sabes qual é o mal daqui, Antunes? Aqui tem lojas demais. Esse é que é o mal. Aqui o freguês escolhe demais.

Seu Antunes sorri. Como tu és burro, Homero. Lizete tira o vestido da vitrine.

- O senhor tá vendo, Seu Fernando? Com esta já é a quarta vez que ela prova o raio deste vestido. E o pior é que já despelei a vitrine toda. Agora, só se for pedir emprestados alguns modelos ali no Figurino.

- Ela já escolheu quantos?

- Três. Mas já provou mais de vinte.

- A senhora já mostrou os da Martex?

- Já mostrei semana passada, Seu Fernando. D. Filomena não gostou.

- D. Lizete, pra D. Filomena tudo que tá aqui dentro chegou hoje, a senhora entendeu? Mostre os da Martex.

Lizete apanha os vestidos. Não és tu que arrumas, senão eu queria ver. D. Filomena olha os modelos um por um.

- Ah, estes são lindos, não são não, Albertina? Quando é que chegaram, Lizete?

- Chegaram hoje, D. Filomena. Seu Fernando tava até botando preço.

- Ah, destes eu gostei. É fábrica nova, Albertina?

Fernando gosta de atender D. Filomena pessoalmente. Esposa do coronel de cavalaria José Roberto Dias, D. Filomena conhece todas as capitais do sul. Por lá passou os últimos vinte anos, de quartel em quartel. Com o advento do golpe militar de 1964, o coronel José Roberto Dias foi chamado ao Rio de Janeiro para assumir um comando na Vila Militar, vindo de Porto Alegre. D. Filomena, carioca das Laranjeiras, gostou da deposição do presidente João Goulart só porque pôde voltar para o Rio de Janeiro. Com quarenta e sete anos, D. Filomena é uma mulher vistosa. Naquele sábado, quando ela chegou, Fernando estava na porta, olhando as vitrines.

- Seu Fernando, o senhor já conhece minha filha? Norma, este é Seu Fernando, gerente de Seu Homero.

Fernando olha Norma. Meu Deus do céu, que puta mulher. Norma sorri. Gostou? Eu também, viu? Morena, olhos verdes, busto cheio, Norma é o tipo de mulher que chama a atenção, e sabe disso. Fernando faz uma vênia, ganhando tempo.

- Muito prazer, madame.

Norma continua sorrindo. Taí, gostei. Goza até olhando. Da caixa, Albertina olha Norma, na porta. Quem será aquela vaca? Cara de puta ela tem.

- O senhor sabe, Seu Fernando? Minha filha se mudou pra cá faz pouco tempo, antes ela morava no Leblon, aí, eu trouxe ela comigo pra escolher alguns modelos. Será que eu posso servir de fiadora, Seu Fernando?

- Ora, D. Filomena. A filha da senhora...

D. Filomena aponta um vestido na vitrine.

- Você gosta daquele, Norma?

Norma mal olha o vestido.

- A senhora sabe que eu detesto azul.

- Não tem outras cores não, Seu Fernando? Aquele modelo é tão lindo, Norma.

- Tem branco e verde, D. Filomena.

- Verde fica bem em você, Norma.

Norma não responde. Olha Fernando. Já gozou? Sorri, e empina o busto. Os botões da blusa quase rebentam as casas. Fernando engole

em seco, os olhos pregados no decote. Puta que me pariu.

- Seu Fernando.

D. Filomena aponta um vestido na vitrine.

- Seu Fernando.

Fernando nem escuta. Norma toca-lhe no braço.

- Mamãe tá chamando o senhor.

Fernando cora, e pigarreia. Puta que me pariu.

- Pois não, D. Filomena?

D. Filomena aponta o vestido novamente.

- Será que tem outras cores, Seu Fernando?

- Claro que tem, D. Filomena.

Fernando chama Lizete. Lizete joga o conjunto que estava dobrando em cima do balcão. Lá vem a filha de uma égua.

- Lizete, hoje eu trouxe a minha filha. Será que tem alguns modelos pra ela ver?

- Claro que tem, D. Filomena.

Lizete olha Norma. Se for igual à mãe, hoje é meu dia, Deus que me perdoe.

- Você quer provar algum, Norma? Hem?

Norma não tira os olhos de Fernando, sempre sorrindo. Vai, goza. Fernando engole em seco. Puta que me pariu, com uma mulher destas eu morria.

- Norma?

- Comece a senhora. Eu vou depois.

Calmamente, Norma se dirige para o balcão onde está o letreiro CREDIÁRIO. Fernando segue-a. Ô mulher do caralho, puta que me pariu.

- Lizete.

- Sim, D. Filomena?

- Minha filha é como eu, viu? Tá sempre comprando.

Lizete entra na cabine, atrás de D. Filomena. Hoje é meu dia, Deus que me ajude. Fernando, no balcão de crédito, não sabe o que dizer. Norma abre a bolsa, e tira a cigareira. Rapidamente, Fernando puxa o isqueiro. Norma debruça sobre o balcão, os seios pulando do decote. Fernando estende o isqueiro, a mão tremendo. O isqueiro não acende. Fernando tenta uma, duas, três vezes. O isqueiro falha sempre. Norma sorri, e acende ela mesma o cigarro.

- Parece que seu isqueiro ficou nervoso. Fuma?

Fernando aceita o cigarro, e acende-o.

- Desta vez funcionou. É porque não era pra mim?

Fernando traga o fumo, e se engasga. Puta merda. Norma ri.

- É meu cigarro que é forte.

Coloca o cigarro no cinzeiro, e olha Fernando.

- Quê que eu tenho que fazer mais?

- Bem. Quer dizer, a senhora não prefere escolher primeiro não?
Norma encolhe os ombros.

- Mamãe é que veio pra comprar. Depois eu escolho qualquer coisa, precisa se preocupar com isso não.

Fernando coloca o cigarro no cinzeiro, e apanha uma ficha de informações. A mão ainda treme. Norma olha-o, e sorri. Igual Norberto, cara de punheteiro. Fernando sente o olhar de Norma, e ajeita as fichas em cima do balcão. Puta que me pariu. Norma pega uma ficha, e lê.

- Tem que preencher tudo isto?

- Só pra...

Norma devolve a ficha a Fernando. Lizete sai da cabine.

- D. Norma, D. Filomena tá chamando a senhora.

Norma não responde. Lizete, passando junto da caixa, faz um sinal a Albertina. Albertina olha Fernando e Norma no balcão de crédito. Vaca sem vergonha. Entra na cabine, atrás de Lizete. Norma pega o cigarro, puxa uma tragada, e esmaga-o no cinzeiro. Fernando ainda está com a ficha na mão. Norma pega a ficha.

- Desse jeito você vai ficar cansado. Vamos preencher?

- Bem...

- Pode escrever. Nome, Norma Dias Esteves. Estado civil, casada. Idade...

Fernando para de escrever, a mão tremendo. Puta que me pariu, puta merda. Norma ri.

- Vá, continue. Idade, vinte e cinco anos. Cinco de casada, interessa? Residência, Rua das Laranjeiras...

D. Filomena aparece na porta da cabine.

- Norma.

- Já vou.

D. Filomena entra -na cabine.

- Esta minha filha é levada, Albertina. Geniosa como ela só.

40

Quatro horas. Wilson Martins está na porta do Cine Penha, na Rua Nicarágua, Zona Norte do Rio de Janeiro. Desde domingo que Wilson sabe que estaria hoje no Cine Penha. Segunda foi no Cineac, terça no Império, quarta no Vitória, quinta no São José, todos no centro da cidade. Para hoje, sexta-feira, Wilson deixou o melhor. Olha mais uma vez os cartazes.

VERGONHA!!!

UM GRANDE FILME DE ISABEL SARLI
A MAIOR NUDISTA DA AMÉRICA DO SUL

EM EXIBIÇÃO EXCLUSIVA NESTE CINEMA.

Wilson já viu Vergonha, já viu Um Rio se Enche de Sangue, já viu Favela, já viu Índia, já viu Sedução Tropical. Wilson já viu todos os filmes de Isabel Sarli que passaram no Rio de Janeiro, em Caxias, em Niterói ou em Nova Iguaçu. Uma vez, numa semana mais fraca, Wilson foi até Petrópolis rever Sedução Tropical. Chegou em casa passava da meia-noite, mas tinha valido a pena. Wilson gozou durante o filme, gozou depois no banheiro, e gozou ainda dentro do ônibus, recordando todas as cenas em que apareciam os seios nus de Isabel Sarli, abanando molemente.

Termina a primeira sessão. Wilson compra uma entrada, olha os cartazes pela última vez, e entra no cinema. Vai no banheiro, coloca o lenço por dentro da cueca, e volta. Olha o salão quase escuro, duas pessoas sentadas na última fila. Escolhe um lugar bem na frente, e senta. Cruza as pernas, e coloca a pasta dos pedidos em cima dos joelhos. Pouco depois as luzes apagam. Passam documentários, jornais, trailers. Um filme completo de Jean Manzon, como sempre fazendo propaganda de uma empresa do governo. Wilson começa ficando impaciente. Mas que merda. Acaba logo essa porra. Outro trailer. Mulata. Wilson presta atenção. Na tela, mulatas de seios grandes dançam nuas numa praia deserta. Wilson sorri, satisfeito. Graças a Deus. Semana que vem já tenho onde vir.

O filme começa. Wilson já o viu no Cineac, já o viu no Império, já o viu no São José, já o viu no Marrocos, e já foi vê-lo em Niterói e em Nova Iguaçu. Impaciente, espera a hora dos banhos de Isabel Sarli. Principalmente o segundo. Mais demorado, com mais closes dos seios.

Começa o primeiro banho. Wilson olha a tela, e aperta as pernas com força. Sabe que não vai gozar, os seios de Isabel Sarli ficam submersos a maior parte do tempo, mas é uma preparação para o segundo banho.

A cena termina. Wilson mantém as pernas apertadas para manter a ereção, mas desvia os olhos da tela. Olha o salão. Vazio. Lembra do cinema Império, na Cinelândia, meses atrás. As Feras do Asfalto. Sexta-feira, cinema cheio. Wilson chega tarde, e procura, mas não consegue encontrar um lugar isolado. Quando a primeira mulher nua aparece na tela, Wilson começa suando. Na terceira mulher Wilson já está tenso, sem poder fazer um movimento, as cadeiras de ambos os lados ocupadas. Quando a quinta mulher aparece na tela Wilson já tinha determinado que se levantaria, e iria se masturbar no banheiro. Tirou a pasta de cima dos joelhos e descruzou as pernas, e sentiu uma mão lhe apertando o pau. Rapidamente, colocou a pasta em cima dos joelhos, e abriu as pernas. Quando a sexta mulher apareceu na tela, Wilson teve que morder a língua para não gritar, de tanto gozo. A mão que lhe acariciava o pau fazia-o com tanta habilidade, que Wilson

gozou duas vezes. Mão grande, de homem. Mas que importava homem ou mulher, se ele estava gozando como nunca, e o importante era gozar?

Começam as imagens do segundo banho. Wilson retesa na cadeira, o pau ainda duro pela lembrança do filme da Cinelândia. Ajeita as pernas, e aperta-as. É agora. Isabel Sarli, focada de perto, toma banho, nua, os seios abanando dentro da água. Wilson aperta as pernas com força, a atenção toda fixa na tela. O banho não demora mais do que um minuto, ele sabe. Wilson aperta as pernas com mais força. A cadeira range. Wilson nem escuta. A atenção toda fixa nos seios de Isabel Sarli. Ela se levanta dentro da água, escorrega na lama do fundo do rio, tenta manter o equilíbrio, os seios bamboando. Isabel Sarli segura-os, como se os oferecesse, a carne mole sobrando por entre os dedos. Wilson contém a respiração, todos os músculos do corpo retesados. Agora. A cadeira range de novo, mais forte. Wilson nem sente, os olhos fixos nos seios de Isabel Sarli focados em close, a garganta seca, as mãos agarrando os braços da cadeira, as coxas apertando com força o pau endurecido.

No exato momento em que a cena termina, Wilson sente o orgasmo. O pau estremece, convulso, e golfadas quentes de porra jorram no lenço, por dentro da cueca. Wilson mantém os músculos retesados enquanto goza. Depois relaxa o corpo, o suor escorrendo pelas costas, as pernas bambas, tremendo de fraqueza, e fica assim por alguns minutos até ter certeza que pode andar sem cair. Não teve ninguém que o masturbasse, mas talvez fosse até melhor. Ao menos pôde ficar como morto na cadeira, degustando cada segundo após a última convulsão do orgasmo. Respira fundo, e vai no banheiro. Procura um reservado com chave, tranca a porta, abaixa as calças, joga o lenço molhado no cesto do lixo, senta no vaso, fecha os olhos, e revê os seios bamboleantes de Isabel Sarli. Agarra o pau, e se masturba até gozar de novo.

Quando sai do reservado Wilson é outro homem. Hoje foi um dia do cacete. O melhor da semana, meu Deus do céu. Lava as mãos com cuidado, e penteia o cabelo. Sai do cinema, e olha a rua, o calor subindo em ondas do asfalto quase derretido. Atravessa a rua na direção da estação do trem suburbano. Agora só falta é tirar a merda de um pedido. Quem sabe Deus me ajuda?

41

Nina acordou maldisposta. Enjoada, tonta. A boca amargando. Tomou banho, tomou um sorrisal, mas o enjoo não passou. Não foi trabalhar. D. Antônia assustou.

- Você está doente, minha filha?

- Não, vovó.

- Minha filha...

- É só dor de cabeça, vovó.

D. Antônia olha Nina. Nina desvia o olhar.

- Ah, vovó, é nada não. Faz um favor?

- Diga, minha filha.

- Telefone de D. Aurora, vovó, e diga na loja que eu não vou trabalhar hoje. Diga que eu tou passando mal.

Imóvel, D. Antônia continua olhando Nina.

- Você quer que eu minta, minha filha?

- Vovó, se a senhora não disser que eu tou passando mal, eles não vão acreditar, e vão me marcar falta, vovó.

D. Antônia olha Nina. Que será que esta menina tem? Deus queira que não seja coisa ruim. Sobe as escadas devagar, e bate na porta do apartamento de D. Aurora. Deitada, Nina olha a imagem de Nossa Senhora Aparecida, pendurada na parede. Minha Nossa Senhora, fazei com que tudo corra bem. Por favor, minha Nossa Senhora. Por favor. Só saiu da cama ao meio-dia. Para não preocupar D. Antônia, almoça, e consegue não vomitar. Mas, ainda meio tonta, teve que deitar. Às três horas D. Antônia fez um chá. Nina tomou meia chávena.

- Já tou melhor, vovó.

- Deita, e descansa, minha filha. Logo mais, quando Dr. Moreira chegar, eu falo com ele.

- Precisa não, vovó. Eu não tenho nada.

- Minha filha...

- Não tenho nada não, vovó. Vou é sair um pouco. Tomar um pouco de ar, sabe?

- Quer que eu vá com você?

- Precisa não, vovó. Preocupa não.

Na saída da galeria, parou. Olhou o largo na direção da Rua do Catete. Pra lá não posso ir. Alguém da loja pode me ver, e pega mal. Vou pro parque. Passou pelos Correios, e entrou na Rua das Laranjeiras, subindo na direção do Parque Guinle. Na esquina da Rua Gago Coutinho parou, esperando atravessar, o trânsito todo engarrafado. Do outro lado da rua, um carro parou também, numa freada brusca, os pneus cantando no asfalto. Nina olha. A mulher abraça, e beija o motorista. Nina mal consegue respirar. Meu Deus, é Estevo. Quando deu por si, Nina corria pela calçada, esbarrando nas pessoas, como se estivesse louca, ou drogada.

D. Maricota entrou no templo da Igreja dos Divinos Sentimentos ainda não totalmente convencida.

- Vá, D. Maricota, vá, que a senhora vai ver. Irmão Élcio vai

fazer o que a senhora quer, tenho certeza. O que ele não fizer, ninguém mais faz. Irmão Élcio é um homem de muita fé, D. Maricota. De muita fé, e de muita santidade.

D. Aurora, frequentadora diária das missas de padre Antônio, conhece D. Maricota faz anos, e concorda com ela. Seu Aristeu deve casar com D. Maricota legalmente.

- Pelo menos no civil, D. Aurora. Pelo menos no civil, que Deus Nosso Senhor, depois, faria o resto, tenho certeza.

- Irmão Élcio fará isso, D. Maricota. É um santo. Um homem de muita fé, a senhora vai ver.

- Tomara que dê certo, D. Aurora.

- Vai dar tudo certo, a senhora vai ver só, D. Maricota.

D. Maricota pega a ficha rubi na bolsa, e aperta-a com força. Dez mil cruzeiros é um sacrifício muito grande, que Nossa Senhora me perdoe. E se Seu Aristeu desconfia, meu Deus do céu, não quero nem pensar. Mas eu só faço isto pra vossa maior glória, minha Nossa Senhora. Se desta vez Seu Aristeu concordar, minha Nossa Senhora, eu vos prometo uma novena completa e duas velas de cera pura, ambas do nosso tamanho, uma minha, e outra de Seu Aristeu.

D. Maricota entrega a ficha. Logo em seguida a voz de Lontra anuncia pelos alto-falantes o valor da doação. Irmão Élcio sorri, guarda a ficha no bolso da batina, e pede a todos os presentes que se concentrem e ajudem Jesus a curar os grandes males que afligem aquela irmã. D. Maricota ajoelha, e reza três ave-marias a Nossa Senhora Aparecida, enquanto Irmão Élcio coloca a mão espalmada na sua cabeça, e se concentra. D. Maricota fecha os olhos, respira fundo, e com a maior fé acredita no milagre. Graças, minha Nossa Senhora, graças a Deus.

43

Antônio da Silva Bouças desembarcou no Rio de Janeiro em julho de 1954. Dia nove de julho saí de Lisboa, anotou no verso da passagem de terceira classe da Companhia Colonial de Navegação. Mas daqui a três anos volto lá. Ai, volto. Volto, e eles hão de ver quem é o Bouças, ora se hão de. Bouças desembarcou no Cais do Porto numa terça-feira de manhã. Centenas de pessoas carregando malas, embrulhos ou fardos, empurrando carrinhos, uns chorando outros rindo, um vespeiro de abraços de chegadas, e acenos de partidas. Bouças, parado na beira do cais, os guindastes ainda esmiuçando os porões do navio, olha o formigueiro. Carago, isto é maior que Portugal. Um carregador se aproxima, de mãos nos bolsos, assobiando.

- Bagagem, chefe?

Bouças olha o boné do carregador com um distintivo bordado, e o crachá no peito com o número 12. Chefe? Homessa, lá na terra chefe

é quem manda, mas cá será diferente, será.

- Ó meu senhor, a Rua Paula Brito será longe?

- É logo ali, chefe.

- E terá camioneta?

- Terá o quê, chefe?

Antônio da Silva Bouças, português da Beira Alta, filho de um pequeno lavrador de Gouveia, fez na cidade da Guarda o 4º ano do liceu. A mãe o queria padre. O pai, militar.

- Manel, padre é melhor, home de Deus. Não vês tu o senhor padre Bernardino? Chegou cá de mãos a abanar, hoje tem quintas e mais quintas, tem carro, estrada à porta, tem tudo, home.

- Mas quem manda é quem lhe veste a farda, mulher. Olha-me o Zé Lameiros, cabo da guarda. Vê se alguém lhe diz agora que a mãe o dava entre o centeio?

Reprovado no 5º ano, dezoito anos feitos na véspera do exame, Antônio da Silva Bouças passou as férias grandes em casa, esperando que os pais se decidissem. Para melhor passar o tempo começou namoriscando uma prima, parenta afastada por parte da mãe. Tia Antônia apoiou imediatamente o namoro do filho.

- Manel, Manel, olha que Deus escreve direito por linhas tortas, Manel.

- E cuidas tu, mulher, que a comadre Margarida, dona de metade de Gouveia, lá vai dar a filha morgada em casamento ao nosso filho? Boa vai ela, mulher. Estarás tu cega, ou douda, hã?

Embora encorajado pela mãe, e apoiado por dezenas de promessas e novenas ao Senhor do Calvário, Antônio da Silva Bouças não casou com a prima. Um primo de Lisboa, de barba à D'Artagnan, visitou no fim do verão a Casa dos Chavais, e casou com a morgada. A vila inteira riu das promessas de Tia Antônia.

Sete meses depois Antônio da Silva Bouças desembarcou no Rio de Janeiro com duas malas de porão, duas notas de mil escudos na carteira, e um ódio imenso à Casa de Chavais. Mas daqui a três anos volto lá. Ai, volto. Volto e eles hão de ver quem eu sou, ou eu não me chamo Bouças, catano.

- Pronto, chefe.

Na Rua Paula Brito, Bouças ficou na casa de Seu João da Cancela, um amigo do pai, a quem viera recomendado. No fim do jantar Bouças contou a Seu João o caso da prima morgada, a traição dela, o casamento com o primo de Lisboa, e a certeza que ele, Bouças, tinha de lá voltar rico no prazo de três anos. Seu João riu, e entregou-lhe a caixa da padaria. É burro, mas parece-me sério. Passado meio ano, fez-lhe uma proposta.

- Olha, rapaz, eu sou solteiro e não tenho nenhum parente no Brasil. Queres tu entrar de meu sócio? Tu trouxeste dois contos, aqui

também já ganhaste algum, entras com o que tens, e o que faltar, assinas aí umas letras e vais descontando ao mês. Daqui a um ano ou dois estás aí meu sócio a valer. Agrada-te?

Naquela mesma noite Bouças escreveu aos pais. Graças a Deus a vida tem-me corrido a preceito. Comprei hoje uma boa padaria e se tudo correr bem, em três anos aí me terão. Só não quero é que me falem da compra da padaria ao Se João, pois ele não sabe de nada e eu ainda vou ter que ficar mais uns tempos na casa dele, até receber uns dinheiritos que ele cá me deve. Releu a carta, e sorriu. A prima morgada ainda ia ver quem ele era. Ai, ia, ia. Vou lá, e ela há de ver o que perdeu. Ai, há de, há de. Seu João da Cancela estava velho, não demoraria muito a padaria seria dele. E já se via saltando do carro na porta da prima, terno de linho S-120, chapéu panamá e sapatos de duas cores, perguntando alto e bom som se a Casa de Chavais estava à venda. Mas, seis meses após a assinatura das promissórias, fechada a padaria, Seu João chamou-o.

- Olha, rapaz, vou vender a padaria. Tu deves-me quarenta e quatro contos portugueses. Eram cinquenta, descontaste seis redondos.

Seu João abriu o cofre, e mostrou o maço das promissórias.

- Estão todas aqui, menos as que tu já pagaste, que já tas dei.

Uma semana depois Bouças deixou a padaria, e saiu da casa de Seu João da Cancela com quinhentos cruzeiros na carteira, e sem as duas notas de mil escudos que trouxera de Portugal. No bolso do paletó carregava o maço das promissórias sem valor. Quilhou-me. Nesta, o filho da puta quilhou-me, cabrão do caralho. Andou uma semana procurando emprego. Um conhecido, freguês da padaria, arrumou-lhe colocação. Vendedor praticista de uma casa de cereais da Rua Acre. Meses depois, fazendo a praça da Zona Norte, Bouças passou pela Rua Paula Brito. Se calhar, o novo dono da Flor de Portugal até me compra alguma coisa. Já entrando, Bouças vê Seu João da Cancela na caixa, sorridente, fazendo troco a uma freguesa. Bouças recua de um salto, e atravessa a rua. Se um dia te apanho a jeito dou-te cabo do canastro, meu ladrão do caralho.

Para diminuir as despesas, alugou uma vaga na casa de um colega, na Rua Gago Coutinho, no largo do Machado. No mesmo dia escreveu aos pais. Vendi a padaria na semana que passou. Os negócios de pão, neste Brasil, já deram o que tinham que dar. Mas já comprei outro negócio. Venda de cereais por atacado. Compro diretamente dos produtores e vendo pelo dobro aos quitandeiros, que são as pessoas que vendem a retalho. Um ótimo negócio. Se Deus quiser, em dois anos estarei aí. Bouças não gostava de ler, mas gostava da revista Eu Sei Tudo. Tinha muitas fotografias e desenhos, e Bouças não precisava ler nem as legendas. E foi na Eu Sei Tudo que Bouças viu o anúncio. Carago, um curso de radiotécnico pelo correio, pagamento facilitado e

diploma ao fim de seis meses, carago, isto é a sério. No dia que consertou o primeiro rádio, Bouças escreveu aos pais. Acabei de tirar um curso de engenheiro em rádios e montei uma indústria dos de cabeceira e de mãos. São uns rádioizitos pequenos, mas que se vendem cá como tremoços. Mais uns três anitos e estarei aí, se Deus quiser. Levou um ano para consertar a primeira televisão. Alugou os fundos da casa de Seu João da Quintã, na Vila Rosa, na Rua Marquesa dos Santos, e montou lá a oficina. José Mendes, o antigo colega, conhecido de Seu João, foi o fiador do contrato.

- Será que este negócio de televisões dá dinheiro, ó Bouças? Televisão, é negócio de rico e tu não és rico, ó Bouças.

- Claro que dá dinheiro, pá. E muito, tu vais ver. O que é que não dá dinheiro neste Brasil, ó Mendes? Num ano ou dois compro até a casa ao velho Quintã, tu verás. Ou terás tu medo de me assinar de fiador, home? Se tens diz, carago, que fiadores não me faltam, pá.

José Mendes assinou. À noite, Antônio da Silva Bouças escreveu aos pais. Hoje fiz o maior negócio da minha vida. Comprei uma fábrica de televisões, uns aparelhos que metem o mundo dentro da casa das pessoas e parecem um cinema em ponto pequeno. É o melhor negócio que tem neste Brasil. A casa da prima morgada ainda estará à venda daqui a dois anos? Porque se estiver, eu compro, ai, compro, compro.

44

D. Aurora nasceu no Largo do Machado. Vizinha de D. Antônia, conhece Nina e D. Antônia desde que elas vieram morar no edifício do Cine Condor.

- A senhora sabe, D. Antônia? Eu moro neste largo desde o tempo que a Telefônica andava de porta em porta, pedindo pelo amor de Deus pra gente ficar com telefone. Com papai, tiveram de falar mais de dez vezes até ele resolver ficar com um. Naquele tempo telefone não era a necessidade que é hoje não. Era um bom tempo, a senhora sabe? O largo não tinha estes edifícios todos, só tinha casas, cada um tinha a sua, a nossa, papai comprou quando casou, e quando morreu deixou pra mim, junto com a pensão de aposentado da Central do Brasil. Papai sempre foi muito meu amigo, D. Antônia, só a senhora vendo. Mamãe morreu quando eu tinha um ano e foi papai que me criou. Papai sempre gostou muito de mim, e por minha causa nunca voltou a casar. Coitado de papai, sofreu muito quando morreu. Morreu daquela doença ruim que dá no fígado, a senhora sabe?

A missa da tarde terminou, e ambas descem as escadas da igreja, conversando. D. Aurora nunca se casou. Vendeu a casa e o terreno a uma companhia imobiliária, e em troca recebeu dois apartamentos no edifício.

- Mas prefiro morar aqui no Condor, a senhora sabe? É mais central, e tudo mais. E agora, com a galeria já funcionando, tudo fica mais perto. Quando eu tinha vinte anos, papai bem queria que eu casasse, a senhora sabe? Mas eu nunca quis. Toda vez que ele falava nisso, eu dizia pra ele, papai, não adianta, eu nunca vou deixar o senhor sozinho. E não deixei, D. Antônia. Coitado de papai. Morreu aqui nestes braços, sem poder falar, só gemendo, gemendo, coitadinho.

D. Aurora funga discretamente no lenço de cambraia.

- Morei sempre sozinha, D. Antônia. Mas chega uma hora em que a gente cansa, a senhora sabe? Os anos vão pesando, e se a gente não tem alguém do lado, parece até que a vida ainda pesa mais.

- Uma companhia faz falta, D. Aurora. Se não fosse a minha Nina...

- A senhora disse tudo, D. Antônia. Uma companhia faz falta.

- Aquela menina, a Vera, é sobrinha da senhora? Como era a outra menina, a Çãozinha?

- Sobrinha assim direta, direta, não é não. É neta de uma prima de papai. Mas eu a trato por sobrinha, a senhora sabe? Pra calar as bocas do mundo, que são muitas. A Çãozinha também era neta de uma prima. Só que de mamãe.

- Parece boa menina.

- É muito boa menina sim. Menina limpa, educada, sem vícios, foi uma sorte ela ter vindo morar comigo, Deus que a abençoe e lhe ajude.

- Amém, D. Aurora. Deus que ajude a senhora também.

45

Na semana seguinte ao nascimento do filho, Francisco não trabalhou. Dispensou o ajudante, e aproveitou para fazer uma revisão no caminhão. No terceiro dia, Alda deixou a maternidade. Em casa, Francisco não saía do quarto, só olhando o filho, sempre com ele no colo.

- Não é bonito, Aldinha?

- Parece contigo.

- Você acha mesmo?

- Olha no espelho.

Francisco olhava e sorria.

- É mesmo, Aldinha. Parece mesmo. O queixo, então...

Voltava a olhar o espelho, e depois olhava o filho.

- Que nome lhe vamos dar, hem?

- Francisco.

- Você gosta, Aldinha?

- Não é teu filho?

- É. Mas você podia querer botar outro nome.

Alda olha Francisco, e sorri. Burro. Quem é que vai ser o pai? Não és tu?

46

Dez para as cinco. Junto do balcão de crédito, Fernando olha o relógio de minuto em minuto. Pega a ficha de informações já preenchida, e olha a porta da cabine. E a porra da dona que não resolve, puta que me pariu. Atrás do balcão da caixa, Albertina olha Fernando. Aí, bobão. Fernando coloca a ficha em cima do balcão de crédito, e vai na caixa.

- Albertina, quando a dona acabar de escolher, você tira o carnê pra mim? Hem?

- Cuidado com a indigestão, viu?

Fernando olha-a. Se foder, tá? Albertina pega a ficha, e faz de conta que lê os dados. Babaca mesmo. Fernando anda na direção da porta, e olha outra vez o relógio. Oito pras cinco. Agora só de táxi. Atravessa a rua correndo, e faz sinal. O táxi não para. Filho da puta, tomara que te fudas. Dois minutos depois aparece outro.

- Rua Marquesa de Santos, chefe. Rápido.

O táxi entra na Rua Artur Bernardes. Fernando olha mais uma vez o relógio. Tomara que ela atrase. Na esquina da Rua Marquesa de Santos o motorista abrandando a marcha.

- Naquele edifício, à esquerda.

Fernando paga, e entra no hall, correndo. O elevador está parado no quarto andar. Fernando corre para as escadas de serviço. Será que já chegou? Na porta do apartamento, no terceiro andar, não tem ninguém. Fernando para, e respira fundo, ofegante. Graças a Deus. Abre a porta, e entra. Tira o paletó, joga-o numa cadeira, e senta no sofá, atento aos ruídos do corredor. Olha o relógio. Cinco horas. Na pinta. Pouco depois soam passos de mulher, os saltos dos sapatos batendo firmes no piso de cerâmica. Fernando levanta de um salto, e cola o ouvido na porta. Os passos se afastam. Puta merda. Volta a sentar, e o tempo passa. Cinco e cinco. Será que já não vem? Mais alguns minutos passam, Fernando já fumou dois cigarros, e qualquer ruído no corredor o faz correr para a porta, a chave na mão trêmula, pronto a abrir ao primeiro toque da campainha. Olha o relógio outra vez. Cinco e dez. Vai ver, não vem mais, puta que me pariu. Entra na cozinha, abre a geladeira, e bebe um copo de água. A campainha toca três vezes. Toques curtos, seguidos. Fernando assusta, e o copo se espatifa no chão. Ah, foda-se. Chuta os cacos de vidro, e corre para a sala. A campainha toca outra vez. Fernando abre a porta. Na sua frente está Norma, sorrindo, óculos escuros, calça Lee preta, importada, e blusa de seda branca, bufante. Fernando respira fundo, o

sangue latejando. Norma ri.

- Quê que há? Viu algum fantasma?

- Um copo quebrou e...

- Virou fantasma.

- Tava pensando que você não vinha mais.

- Você é bobo mesmo, hem?

Norma entra, e Fernando fecha a porta. Norma tira os óculos, guarda-os na bolsa, joga-a em cima da mesa, e senta no sofá. Fernando, imóvel, olha-a. Norma sorri. Estende as mãos, puxa Fernando, e deita de costas. Fernando acaricia-a, as palmas das mãos úmidas dentro do sutiã. Norma levanta, pega a bolsa, e acende uma bagana. Ainda em pé, puxa uma tragada profunda, e fecha os olhos. Fernando olha-a. Norma senta, e puxa outra tragada, os olhos ainda fechados. Fernando acende um cigarro. Nunca se acostumou com os baseados de Norma. Experimentou duas vezes, quase vomitou, e desistiu. Norma abre os olhos, sorrindo. Passa as mãos entre as pernas de Fernando, e aperta-lhe o pau duro.

- Você já tá que tá, hem?

Entram no quarto. Norma deita na cama, de costas. Fernando pega a bagana de Norma, e joga-a no vaso do banheiro. Volta no quarto, tira a roupa, e deita junto de Norma. Abraça-a. Tira-lhe a blusa, e mergulha o rosto nos seios ainda presos pelo sutiã. Norma acaricia-lhe o pau. As mãos de Fernando percorrem o corpo de Norma, devagar. Despe-a. Norma fecha os olhos. A calcinha está úmida. Fernando beija-lhe as coxas suadas. Norma agarra a cabeça de Fernando, e beija-o com força. Fernando tira-lhe a calcinha. Norma abre as pernas. Fernando deita sobre ela, e Norma geme quando ele a penetra, desesperado.

Faz seis meses que Norma vai no apartamento de Fernando todas as sextas-feiras à tarde. Depois daquele primeiro sábado, Norma passou a ir todos os dias na Itapoã Modas. Chegava às três, e saía sempre antes das quatro. Tendo comprado ou não alguma coisa. Depois de casada, Norma vai no cinema todos os dias. No início, Esteves estranhou.

- Meu bem, cinema assim, meu bem?

- Eu gosto de cinema, Esteves. E, além do mais, é um saco ficar o dia inteiro dentro de casa.

- Mas tem filme novo todo dia, meu bem?

- Claro que tem filme novo todo dia.

- Pensei que não tivesse, meu bem.

As idas diárias de Norma à Itapoã foram comentadas na loja. Albertina rindo, as vendedoras achando que eles eram amantes, e Seu Homero preocupado com o pagamento das prestações dos crediários.

- Seu Fernando, o que é que essa moça vem cá fazer todos os

dias, hã?

- Comprar, Seu Homero. D. Norma compra muito.

- E ela paga?

- Claro que paga, Seu Homero. Se não pagasse eu não vendia.

Dois meses depois da primeira visita de Norma, Fernando entrou de férias.

- Amanhã entro de férias.

- Quanto tempo?

- Vinte e três dias.

- Vai pra algum lugar?

- Não.

Calam-se. Fernando quer falar mas não sabe como. Norma ri.

- Fala.

- Se você quisesse se encontrar comigo, eu...

- Onde?

Fernando pensa rapidamente. Ela mora perto, pode dar galho, tem que ser longe.

- Na Colombo, em Copacabana?

Norma ri.

- Tão longe assim?

- Pra evitar que alguém lhe conheça.

Norma continua rindo.

- A que horas?

- Às horas que você quiser.

- Três e meia.

- Ótimo.

Norma sai. Custou, pô. Albertina chama Fernando.

- Cuidado, viu? A zinha é casada.

- Ah, qual é, Albertina? A gente já não pode nem falar, eu, hem?

No dia seguinte Fernando chegou na Confeitaria Colombo às duas horas. Procurou uma mesa no meio do salão, pediu um suco de laranja, e esperou. Norma chegou às quatro e dez, e nem sentou.

- Vamos pra onde?

Fernando olha Norma, o sangue latejando, a garganta seca, e as palmas das mãos suando. E agora? Quê que eu faço?

- Não quer tomar nada?

Norma acende um cigarro.

- Às sete tenho que apanhar Esteves no escritório.

Fernando tenta pensar rapidamente. Onde será que uma mulher como esta gostaria de ir? Puta que me pariu, eu seja mico.

- Vamos no cinema?

Norma ri.

- Tem certeza que você quer ir no cinema mesmo, hem?

Fernando chama o garçom. Será que você iria pra outro lugar?

Foram no Metro Copacabana. Terminada a sessão, Norma pegou um táxi para o centro, e Fernando pegou o lotação para o Largo do Machado. Vai ver, tou sendo burro. Encolhe os ombros. Ah, foda-se. Ao menos, já saímos.

Iam todos os dias na Confeitaria Colombo. Fernando não disse a Cecília que estava de férias. Se ela souber eu tenho que ir pra Madureira, e se eu for pra Madureira, caga tudo. Cecília continuou descendo às sextas-feiras à noite, e Fernando continuou subindo aos domingos de manhã.

Nas duas primeiras semanas viram os filmes do Metro, de segunda a sexta-feira. Na primeira, entravam, sentavam, e passavam a sessão de mãos dadas. Na segunda, já se beijavam, Fernando se torcendo na cadeira. Será que ela iria comigo pra cama? Na segunda-feira da terceira semana, Norma já estava na Confeitaria Colombo quando Fernando chegou. Quê que será? Merda, só pode.

- Quê que houve? Algum problema?

Norma abanou a cabeça. Fernando sentou, chamou o garçom, e pediu o suco de laranja de sempre. Norma pediu mais um cuba-libre.

- E se a gente não fosse no cinema hoje, hem?

Fernando olha Norma. Será que deu merda? Acende um cigarro, e puxa duas tragadas profundas. Vai ver deu merda, só pode. Olha Norma, olhando para ele, a bolsa no colo, e a cigarreira em cima da mesa. Ah, foda-se. É agora ou nunca.

- Você tem outro lugar pra onde ir?

- As suas férias terminam quando?

- Sexta. Segunda já tou trabalhando.

Norma ri.

- Será que não tem mesmo outro lugar pra gente ir?

Esmaga o cigarro no cinzeiro. Fernando respira fundo. E se eu perguntar se ela quer ir no meu apartamento? Será que ela toparia? Respira fundo outra vez, e olha Norma.

- Escuta. Você toparia...

Cala-se. E se ela não topa, e se mandar?

- Eu toparia o quê?

Fernando se remexe na cadeira. Puta que me pariu.

- Bom.

- Fala.

- Será que você toparia...

Cala-se.

- Vai, fala.

- Quer dizer, o que eu vou dizer, se você não gostar, me manda calar, tá? Mas, por favor, não se zangue, tá certo?

Norma acende outro cigarro, e puxa uma tragada profunda. Como é que pode ser tão burro, minha nossa?

- Só pra ver se eu entendi. Você tá querendo me perguntar se eu toparia ir pra cama com você, é isso?

Fernando olha Norma. Fodi tudo.

- Eu... Quer dizer...

- É isso, ou não é?

- Bom. Já que você perguntou, é isso sim.

Norma explodiu numa gargalhada

- Puta que pariu, você é devagar mesmo, hem?

Fernando olha o teto do quarto, e sorri. Eu fui um besta mesmo. E o pior é que quase fodi tudo. Olha Norma nua, deitada de bruços, o cabelo espalhado no travesseiro, e o corpo brilhando de suor. Mas valeu, puta merda. Estes seis meses foram do caralho. Acende um cigarro, e olha o relógio.

- Norma.

- Hum.

- Norma, são quinze pras sete.

- O quê?

- São quinze pras sete.

- Quinze pras sete?

Norma pula da cama. '

- Puta merda, e Esteves que tá me esperando às sete, hem?

Entra no banheiro, correndo. Quando volta, Fernando está agachado por cima da cama, catando fios de cabelo preto, espalhados no lençol, e nos dois travesseiros. Norma pega na bolsa, e ri.

- Da próxima vez trago peruca loura, pode deixar.

E continua rindo, se lembrando da menstruação que já não vem faz mais de dois meses.

47

Paulo Senna sobe, devagar, as escadas de pedra da igreja de Nossa Senhora do Outeiro da Glória, a guimba do cigarro apagada no canto da boca, e a máquina fotográfica a tiracolo. Já parou mais de dez vezes, ofegante, a cabeça rodando, o peito fisgado de dor. Não fosse a necessidade urgente de vender algumas fotos, e pagar o aluguel e outras dívidas, teria voltado para casa. Faz tempo que Paulo Senna não se sente bem. Mas, agora, depois que o médico disse que se não descansasse, um segundo enfarte poderia ser fatal, piorou. Mas descansar como, doutor? Senna encosta no muro, ofegante. Bem. O meu dever, como médico, é alertar. O senhor já teve um enfarte, portanto, a única coisa que tem a fazer, é parar. Parar antes que venha um segundo. Mas parar como, doutor? Bem. Isso é problema do senhor. O meu dever é alertar. Foda-se. Pra quem tem dinheiro é fácil alertar. Pra quem não tem, fodeu-se. Acende a guimba do cigarro, e olha os carros engarrafados no Aterro do Flamengo. Doutor, eu não

tenho condições de parar. Se eu parar, vou viver de quê? Como eu disse pro senhor, o meu dever é alertar. O senhor é um homem de cinquenta anos, e um homem de cinquenta anos não tem mais a resistência de um homem de vinte. E depois, se o senhor continuar se aborrecendo assim, não tem jeito, piora mesmo, tou sendo claro? Senna olha os carros no Aterro do Flamengo. Aborrecer. Aborrecer. E quem não se aborrece, caralho, quando se chega aos cinquenta anos desempregado, fodido, devendo a todo mundo, hem?

Paulo Senna começou tarde na literatura. Publicitário aos vinte e dois anos, escreveu o primeiro conto aos quarenta e cinco. Tentado por um concurso do Diário de Notícias, escreveu o conto, mandou-o para o jornal, e para seu espanto foi premiado. Mas não continuou, apesar da cobrança dos amigos. Gente, eu não sou escritor, sou redator de publicidade. Quando ficou desempregado, a primeira tentativa de Paulo Senna foi escrever profissionalmente. Quem sabe alguma dessas revistas publica, e eu ganho umas merrecas? Que nada. Eu mandava, e dizia quem era. Em todas aquelas filhas da puta eu tinha publicado anúncios quando trabalhava na Ambler, e todos me conheciam. Mas ninguém quis saber. Não fosse eu me mancar, e até hoje taria bancando o besta. Os filhos da puta, todos com medo da milicada, sem colhão de me dizer, Senna, eu não vou publicar teus contos, porque se publicar, já viu a fria, né? Filhos de uma grande puta. Nas editoras foi igual. Tudo uma cambada de sacanas. Este ano Senna só escreveu um conto. A Menina Sem Véu E Sem Grinalda. Escrever mais pra quê, porra? Alguém se interessa pelo que eu escrevo? Alguém já quis publicar? Porra nenhuma. Nem aquele filho da puta daquele Roseira que se diz comunista de carteirinha, mas convida milico pra passar fim de semana na casa dele em Teresópolis. Muito bom, Senna, ótimo, muitíssimo bem escrito, você tem talento, é um grande escritor, mas pra este ano a agenda da editora tá lotada. Quem sabe pro ano a gente consegue, hem? E como tradutor, Roseira? Eu traduzo direto do inglês e do francês, você sabe, e assino com outro nome. Senna, e o quê que eu ia dizer pros meus tradutores, hem? Filho da puta. Senna sobe mais alguns degraus, devagar. Agora saiu esse tal de Prêmio Spolitus. Três milhões. Mas pra quê? Com uma grana dessas todos os medalhões deste país vão concorrer, e um deles vai ganhar, apadrinhado por algum general ou coronel. Escrever, no Brasil, só pra quem tem pistolão no Instituto Nacional do Livro, ou é afilhado de milico e manda nas editoras. Joga a guimba do cigarro no chão, com força. Mas tudo bem. O Spolitus taí. A Menina Sem Véu E Sem Grinalda tá lá, e se ganhar, ganhou. Se não ganhar, foda-se. Ganha um medalhão da Academia, apadrinhado da milicada, ou algum filho da puta analfabeto.

Senna continua a subida, bem devagar, respirando com cuidado,

o peito doendo cada vez mais. Se tiver sorte venderá algumas fotos, mesmo tendo que enfrentar os fotógrafos oficiais. Não é todo o dia que casa a filha de um senador com o filho de um general, Senna sabe disso. Sobe o último degrau. Para de novo, os olhos fechados, procurando dominar a tontura que quase o faz cair. Respira devagar durante alguns minutos. As batidas do coração começam decrescendo, e o formigueiro nas faces e nas mãos diminui. Desde que foi demitido da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda, Paulo Senna vive de biscates. Principalmente de tirar fotografias de casamentos endinheirados, e de mostrar o Cristo Redentor a turistas estrangeiros.

No dia 1º de maio de 1964, ainda aturdido pelo golpe militar da madrugada de 31 de março, Paulo Senna discursou na Cinelândia, pedindo um paredon para todos os que tinham abandonado o presidente João Goulart, e foi longamente aplaudido. Viva Jango. Viva o povo brasileiro. Viva a liberdade. No dia 4, segunda-feira, foi preso no trabalho, na Avenida Calógeras, às três horas da tarde. Metido num jipão do Exército, não pôde avisar D. Zilda, nem os amigos mais chegados. Apareceu em casa dois meses depois. Doente, os dentes da frente quebrados a coronhadas de revólver, e uma omoplata deslocada.

Demitido sumariamente após vinte e três anos de serviço, Paulo Senna meses e meses rondou as agências de publicidade do Rio de Janeiro, mandou cartas para as de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, e todas as que conhecia. Nada. Em todas o nome Paulo Senna era tabu. Todos lamentavam, todo mundo achava um absurdo, mas ninguém estava disposto a correr riscos.

Dois anos depois, o apartamento e o carro vendidos, as joias de D. Zilda empenhadas, Paulo Senna, desempregado, e todo endividado, vivia de biscates e corria para um segundo enfarte. Pra você ver, Zilda. Nem o filho da puta do Paulo Madureira me segurou na merda do colégio. São todos uma cambada de filhos da puta, Zilda. Senna para. Na porta da igreja, um grupo de convidados conversa, e ri.

- Senna.

Através dos óculos de lentes grossas, Senna olha o grupo, os contornos das figuras meio desfocados. Quem será o filho da puta? Um vulto se afasta do grupo e caminha na direção de Senna. Senna faz uma pala com a mão, e fixa os olhos, procurando enxergar.

- Ô Senna.

Paulo Senna dá dois passos. Mas, de repente, para. É o filho da puta do Moisés. Segura com força a máquina fotográfica de encontro ao peito, e corre o mais rápido que pode. Filho da puta. Sacana. Moisés para, vendo Senna correr. Que será que deu naquele puto? Encolhe os ombros. Ah, foda-se, quem é burro pede a Deus que o mate, e ao diabo que o carregue. Acende um cigarro, ajeita o cravo

vermelho na lapela do blazer branco Pierre Cardin importado, e volta para junto do grupo. Ah, que se foda, Senna sempre foi metido a besta. Um casal entra na igreja. Moisés e os outros convidados se curvam, cumprimentando.

- Como vai, coronel? Madame, os meus respeitos.

48

- Sabe o quê que eu não entendo em você? É a sua indiferença. Sinceramente, Eduardo. Você é uma pessoa que, quem não conhecer você, só pode pensar que você é um cara completamente alienado. Palavra de honra. E o pior é que você não faz nada pra mudar essa sua imagem, pô. Você vive no Brasil como poderia viver em qualquer outro país, tá entendendo? Sem dar bola, sem ligar pra nada. E é incrível isso. Não dá pra entender não, tá entendendo?

Yone ajeita os livros e os cadernos debaixo do braço, e olha Eduardo.

- Sabe? O que você tinha que fazer era se ligar a nós, Eduardo.

Eduardo olha Yone. Pra puta que te pariu.

- Você vem ou não? Tá quase na hora.

Descem a Rua Senador Vergueiro na direção do Teatro Carioca. Yone acende um cigarro.

- Numa hora como esta, Eduardo, uma pessoa como você, com a facilidade de expressão que você tem, era pra tar aí falando, agitando, zoneando em todos os diretórios, tá entendendo? Mas você não. Taí que nem liga a mínima. Pô, parece até que tá tudo bem pra você, merda.

Yone para, e puxa o braço de Eduardo

- Me diga uma coisa. Mas me fale sinceramente, pode ser? Por quê que você não escreve textos participantes, hem? Ou será que pra você a milicada assassina que tá aí não existe, pô?

Eduardo começa andando. Ô saco. Yone puxa uma tragada profunda, e joga o cigarro no chão. Eduardo Para. Ah, foda-se.

- Olha aqui, eu sei que esse governo que taí, tá fodendo meio mundo, mata gente paca, faz o caralho, mas Getúlio também matou gente pra caralho, fodeu meio mundo, e hoje é um herói, tá? E tem mais.

Yone interrompe-o.

- Péra.

- Deixe eu terminar, pô. Até agora falou você.

- Tudo bem, pode falar. Pode falar, que depois eu falo.

- Você mesma não cansa de dizer que Getúlio foi o maior estadista do Brasil não, porra?

Yone para de repente.

- Péra. Péra aí. Sem sacanagem, tá? Eu digo que Getúlio foi o

maior estadista do Brasil, mas num determinado contexto histórico, tá? Agora, essa milicada...

Eduardo começa andando. Se foder. Yone cola do lado dele.

- Sabe o quê que eu acho incrível? É seu posicionamento, entendeu?

Eduardo cospe com força na calçada. Chega. Para, e segura Yone por um braço.

- Quer saber uma coisa? De uma vez por todas? Então escute. Eu não acredito nesse papo furado de contextos, tá?

Yone olha-o, e num gesto dramático vira-lhe as costas.

- Não. Eu não posso acreditar. Você, um amigo meu, um sujeito inteligente paca, um...

Cala-se, e olha Eduardo.

- Não. Não é possível, Eduardo. Juro que não é possível. Um cara como você, um amigo meu a serviço da CIA? Não é possível. Eu tou escutando, mas não tou acreditando. Me recuso a acreditar. Juro.

- Sabe que mais...

Eduardo não termina a frase. Num gesto brusco começa andando. Pra puta que te pariu. Na porta do Teatro Carioca não tem ninguém. O ensaio já começou. Entraram. No palco, Amir Haddad ensaia O Coronel de Macambira, de Joaquim Cardozo. Yone toca no braço de Eduardo.

- Hoje eu vou fazer a Aeromoça. Amir falou que se eu fizer bem hoje, quem vai fazer o papel na estreia vou ser eu, vai ser a Renata Sorrah não.

Eduardo olha o palco. Amir, a cara de lua cheia cortada por um sorriso bonachão, fala com os atores.

- Gente, representar não é só dizer palavras não. Emitir sons, viu? É preciso interpretar, entenderam?

Eduardo olha o pessoal, imóvel e silencioso, atento às palavras do diretor. Fazia semanas Auri tinha estado ali com Dora, mostrando um exercício de improvisação, a pedido de Amir.

- Eduardo.

- Hem?

- Você gosta mesmo de mim?

A Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, está deserta, e toda escura. As lâmpadas dos raros postes não conseguem iluminar o asfalto, a luz apenas coada por entre os ramos das árvores.

- Você gosta mesmo de mim, Eduardo?

- Você sabe que eu gosto de você, Auri. Por quê que você tá perguntando isso agora, hem?

- Não sei. Mas tem hora que eu tenho necessidade de escutar. Porque se não escutar, eu própria não acredito. Você gosta de mim, Eduardo? Muito?

- Gosto, Auri. Muito. Eu te amo.

- De verdade?

- De verdade.

Yone toca no braço de Eduardo.

- Eu acho esta parte linda. Linda mesmo. Não é um texto politizado não, daqueles botando pra quebrar, mas só a música do Sérgio Ricardo é um troço. Sinceramente.

Eduardo sai da sala. Aguento mais não. Enchi. No hall acende um cigarro. Yone vem atrás dele, correndo.

- Você pode ir agora não, Eduardo.

- Yone...

- Espere eu acabar.

- Tchau, tá?

49

Dequinha olha Balzac se penteando diante do espelho. Veada velha. Nojenta. Tomara que morra. Balzac sorri.

- Não tou melhor hoje não? Hem, Dequinha?

Dequinha não responde.

- Poxa, Dequinha, você tá que, eu, hem, que horror.

Dequinha não quer mais viver com Balzac. Só não largou ainda porque não tem dinheiro. Faz dois anos deixou de mensageiro da Western para viver com Balzac, mas agora já não quer mais dormir com ele. Se tivesse dinheiro ia embora. Velha horrorosa, pelancuda. Balzac só sabe pegar no piru dele, e Dequinha, agora, quer é homem de verdade, um homem que deixe Dequinha se esbaldar, gritar de dor, gozar até. Agora Dequinha gosta é de Lontra, o bicheiro de Seu Mané. Lontra, que tem amantes, que tratou Dequinha mal, que rasgou Dequinha todo, que fez Dequinha até roubar dinheiro de Balzac. Balzac se penteia diante do espelho. Dequinha olha. Quero é distância dessa veada velha, mulher nojenta. Mas Lontra não paga homem, Dequinha sabe. Dequinha já teve experiência, já deitou com Lontra. Mas, mesmo assim, Dequinha quer é Lontra. Lontra, que bateu nele, fez judiaria, e Dequinha ainda teve que pagar. E toda vez que Dequinha quer, Dequinha paga, roubando dinheiro de Balzac. Só que Dequinha quer muitas vezes, e Balzac pode desconfiar. Balzac acaba de se pentear.

- Hem, Dequinha? Você não acha que eu tou emagrecendo não? Hem?

Dequinha não olha, fecha os olhos. Bicha horrorosa. Bichona. Balzac passa a mão sedosa de creme no queixo de Dequinha.

- Hem, Dequinha?

- Neguinha safada. Qualquer hora ainda te traço.

Lontra sorri, cuspidando longe, um bafo de cachaça saindo dos

lábios descorados. Dequinha olha Lontra, um friozinho gostoso subindo pela espinha.

- Balzac tá no trabalho.

Lontra sorri.

- Nequinha safada.

Dequinha não responde. Pestaneja, e sorri que nem Terry Moore sempre faz. Olha Lontra, pega os cigarros, e sai do bar, rebolando. Entra em casa, passa perfume no corpo todo, e espera Lontra chegar. Dequinha tem certeza que Lontra vem. Lontra gosta de cabaços, já disse a ele, e a bunda de Dequinha é cabaçuda, Dequinha nunca deu. Lontra entra, e bate a porta com força, não é como Balzac, que não se sente nem entrar, de tão macio que pisa. Dequinha tranca a porta da sala, e entra no quarto, o biquíni cor de sangue da Valisère justo no corpo. Lontra joga o cigarro no chão, em cima do tapete, e esmaga com o sapato bico fino.

- Bunda gostosa, nequinha.

Dequinha sorri, arrepiado. Lontra tira a roupa, o corpo magro, moreno, aparecendo brilhante de suor. Dequinha treme. Ah, meu Deus. Ah, como ele é bonito. Nem espera Lontra tirar a cueca. Puxa com tanta força que rebenta dois botões. Lontra dá um tapa na cabeça de Dequinha.

- Quê que há, porra? Custou minha grana.

Mas Dequinha nem escuta, a boca salivando, a língua procurando o que lambar, desesperada. Ah, meu Deus, hoje eu vou morrer. Dequinha olha Balzac. Velha nojenta. Veada.

- Vai acabar não?

- Chi, Dequinha, que horror.

- Não quero perder o filme, ora.

- Dá tempo, que coisa.

Balzac acaba de se arrumar, e passa perfume no corpo, por cima da roupa. Dequinha espera por ele na calçada.

- Chi, Dequinha. Você tá impossível hoje, nossa.

Dequinha anda na frente. Agora não gosta mais de andar na rua com Balzac. Tem até vergonha. Tomara é que Lontra nem veja. Balzac quase corre, passinhos periquito, seguindo atrás.

- Que horror, Dequinha. Me espere.

Dequinha para, com medo que Balzac grite, faça escândalo.

- Quê que você tem, hem, Dequinha? Coisa horrorosa.

- Pode ter fila, ora.

Não tinha. O cinema São Luiz estava vazio àquela hora. Balzac para, ofegante.

- Viu?

- Podia ter, ora.

Sentaram bem na frente. Balzac não gosta de sentar perto de

ninguém quando vai no cinema com Dequinha. As luzes apagam. Balzac procura a braguilha de Dequinha. Dequinha cruza as pernas. Balzac faz força. Dequinha tira a mão de Balzac.

- Ah, Dequinha.

Dequinha não responde. Balzac encosta a ponta da língua na orelha dele.

- Tem um presente.

Dequinha encolhe os ombros. Cueca de banlon, só pode. Balzac descruza as pernas de Dequinha.

- Presente bom. Juro.

No meio da sessão Dequinha goza. Balzac limpa Dequinha, o lenço perfumado com Chanel n° 5, comprado de contrabando lá mesmo no Ministério.

- Não gostou não? Hem? Hem, Dequinha?

Dequinha não responde. Recosta na cadeira, e fecha os olhos. Era com Lontra que ele tinha gozado. Lontra rasgando a bunda dele, batendo nele, cuspindo nele, fazendo judiaria, Dequinha desfalecendo, mas gozando, de bom que era.

- Dequinha?

Dequinha não responde.

- Ô Dequinha? Dequinha?

- Quê que foi?

- Não adivinha não? Hem?

- Adivinhar o quê?

- Ah, Dequinha, poxa. O presente.

- Não.

As luzes acendem. Dequinha sai. Balzac segue-o.

- Chi, Dequinha. Que pressa.

Dequinha não responde. Quer chegar rápido em casa, se trancar no banheiro, e chorar até. Já na calçada, Balzac alcança-o.

- Venha ali comigo, Dequinha.

- Pra quê?

- Ver uma coisa.

- Eu não quero ver nenhuma coisa.

- Chi, Dequinha. É ali no Condor.

Atravessam o largo, e entram na galeria do edifício do Cine Condor, Dequinha na frente.

- Ver o quê?

- Venha.

Entram no elevador, e saem no décimo andar. Balzac abre a porta de um apartamento conjugado. Entram. Balzac fecha a porta, e passa um braço na cintura de Dequinha.

- Gostou, Dequinha?

Dequinha encolhe os ombros. Horrroso. Moro aqui nem morta.

Balzac acaricia a cintura de Dequinha.

- Comprei pela Caixa pra nós dois. Com seguro, e tudo mais.

Dequinha olha Balzac.

- Comprou mesmo? Verdade? Jura?

Balzac sorri.

- Semana que vem vamos assinar a escritura.

Dequinha abre a janela, e olha o largo, lá em baixo. Balzac encosta nele, sorrindo. Agora não vai me deixar nunca mais. Dequinha se debruça na janela, e olha a altura, até a marquise. Se cair, era uma vez, viu, sua veada?

50

D. Nair fecha a porta do apartamento. No corredor, Antônio da Silva Bouças para, e olha a porta fechada. Eu, hem? E depois ainda diz que português é burro. Burro, o cacete. Dez iguais a esta, por mês, e eu tou feito. Tou mesmo. Apalpa as notas de cinco mil cruzeiros no bolso, e sorri. E que bundaço, rapaz. Começa descendo as escadas. Estas velhas são do caralho. Mata qualquer um, puta que pariu. Mano, se prepara. Se prepara, que Portugal desta vez taí. Na entrada do edifício cruza com D. Maricota. Outra. E com cara de quem engole até o saco. Sorri.

- Boa-tarde, dona.

D. Maricota não responde. Levanta a cabeça, e segue em frente, pisando firme. Dona. Quem o tabaréu pensa que eu sou? Bouças olha D. Maricota andando na direção das escadas. Tomara que tenha televisão. Se tiver, essa bunda, e coisa e tal, conserto pra mais de cinquenta mil. D. Maricota desaparece nas escadas. Bouças sorri. É, seu mano, cabeça. Cabeça, que bunda é o que mais tem neste Brasil. Na porta, para. Olha a rua, o calor subindo em ondas do asfalto, abafando tudo. Calor do cacete. D. Maricota sobe rapidamente as escadas, e toca à campainha, ofegante. Seu Aristeu abre a porta.

- O senhor viu, Seu Aristeu?

- Vi, Maricota, vi. Você não levou a chave, como sempre.

- Não é isso não, Seu Aristeu. Saiu mais um do apartamento de D. Nair.

- Era eu, Maricota.

- Não era o senhor não, Seu Aristeu. Ele até me chamou de dona, e tinha os olhos encovados, encovados.

- Vista cansada, Maricota.

- Não era vista cansada não, Seu Aristeu.

- Ver também cansa, Maricota.

Francisco já desceu quatro vezes na portaria. Já conversou com o porteiro, já andou por toda galeria, já falou até com os vizinhos. Nem D. Antônia nem D. Aurora tinham visto Alda naquela tarde. Que será que aconteceu à Aldinha, meu Deus do céu? Francisco volta à portaria.

- Seu Nicanor, o senhor tem certeza mesmo? Não viu Aldinha não, Seu Nicanor?

- Eu vi sair sim, Seu Francisco. Era, deixa eu ver, era mais ou menos duas horas, por aí. Mas não vi entrar não, Seu Francisco. Só se entrou enquanto a gente...

Francisco corre para o elevador. Quem sabe ela entrou, e eu tava lá na frente? Tomara que tenha entrado. Meu Deus, meu Deus, fazei com que nada tenha acontecido à Aldinha. Na sala, sentada no sofá, D. Joana embala o neto.

- Aldinha já chegou, minha mãe?

- Não, meu filho. Ainda não chegou.

- O que é que poderá ter acontecido, minha mãe?

D. Joana olha Francisco.

- Se tu, que és tu, e és o home dela, não sabes, meu filho, como é que hei de eu saber?

- É a primeira vez que a Aldinha chega assim tão tarde, minha mãe. E olhe que eu até tinha dito a ela pra me esperar às cinco horas. Nós íamos em Botafogo, lá na Sears, comprar um enxoval novo pro Chiquinho.

Francisco anda pela sala. D. Joana continua embalando o neto.

- Meu Deus do céu, minha mãe, o que será que aconteceu à Aldinha, hem?

- Tu não disseste que ela foi ao cabeleireiro, Francisco?

Francisco olha D. Joana.

- E esse tal de cabeleireiro, minha mãe, a senhora sabe onde fica?

D. Joana olha o neto durante alguns momentos. Depois olha Francisco, e abana a cabeça, devagar.

-Não, meu filho, não sei. Eu não vou a cabeleireiros.

Lia, contra a vontade de Mauro, continua dando aulas no Monteiro, em Campo Grande, Zona Rural do Rio de Janeiro. Na frente do Grupo Escolar Professora Maria Manoela de Campos Monteiro, fica a Clínica Médico-Cirúrgica do Monteiro Ltda. Dr. Gomes, faz dois anos, quando inaugurou a clínica, visitou todas as casas do lugar, e conversou com todos os moradores. Mas não conseguiu nenhum paciente. D. Maria da Madre de Deus de Campos Monteiro, diretora do Grupo Escolar, e última descendente dos barões do café das fazendas

de Campo Grande, proprietários das terras onde a maior parte das casas do Monteiro tinha sido construída, não gostava de intrusos. E Dr. Amaro Gomes, nascido, criado, e morador no Méier, era um intruso no Monteiro. Mas Dr. Gomes estava resolvido a ficar. A velha não é diferente de ninguém. E com pica, ou capachismo, eu vou conseguir. Ah, vou.

Inaugurada a clínica, Dr. Gomes usou todos os pistolões que conhecia, e obteve permissão da Diretoria de Ensino do Estado para visitar o grupo escolar, e apresentar um plano de saúde e higiene preventiva. D. Maria da Madre de Deus não pôde deixar de receber Dr. Gomes. Rodeada de todas as professoras e funcionários do Grupo, escutou o discurso de Dr. Gomes sentada na sua cadeira de espaldar, os olhos fixos no retrato de Getúlio Vargas, o único presidente da República que ainda tinha retratos oficiais no seu gabinete.

D. Maria da Madre de Deus de Campos Monteiro, nascida, e criada em Campo Grande, filha única de uma das mais importantes famílias do Império, além de um orgulho imenso dos pergaminhos da família, tinha também um sonho. Fazer de Campo Grande uma cidade independente do Rio de Janeiro. Como eram Caxias, Nova Iguaçu, ou São João de Meriti. Dr. Gomes, para quem esse sonho ficara patente nas conversas que tivera com os moradores, não esqueceu. Durante duas horas falou do direito que a zona de Campo Grande tinha de se desvincular de uma vez por todas do Rio de Janeiro, a cidade estado da Guanabara, que nenhum benefício lhe trazia.

- E a Clínica Médico-Cirúrgica do Monteiro Ltda será a nossa modesta contribuição para essa tão justa aspiração do nobre povo do grande centro urbano que é Campo Grande, mas até hoje sempre esquecido e postergado pelos homens que detêm o poder. Detêm o poder, mas não detêm a sapiência. Aqui e agora, D. Maria da Madre de Deus de Campos Monteiro, mui digníssima senhora diretora do Grupo Escolar Professora Maria Manoela de Campos Monteiro, com a vossa permissão, e com o vosso apoio, estamos esculpindo a pedra inaugural da futura cidade de Campo Grande.

Uma salva de palmas abafa as últimas palavras do discurso. D. Maria da Madre de Deus, solene, olha Dr. Gomes.

- Queira acompanhar-me, cavalheiro.

Dr. Gomes limpou o suor que lhe escorria pelo rosto. Puta merda, mais cinco minutos, e eu caía duro. Acompanhado de D. Maria da Madre de Deus, e de todas as professoras e funcionários, Dr. Gomes visitou as instalações e dependências do grupo escolar. No fim das aulas do segundo turno, D. Maria da Madre de Deus reuniu todas as professoras e funcionários no gabinete. O discurso foi breve, mas preciso. A partir daquele momento, todo e qualquer problema relacionado com higiene, e com saúde, ficava a cargo da Clínica

Médico-Cirúrgica do Monteiro Ltda. Todas as pessoas direta ou indiretamente ligadas ao grupo escolar passaram a fazer, mensalmente, um exame de saúde.

Lia Rezende de Souza, professora de matemática e de ciências, foi a primeira a entrar no consultório de Dr. Gomes. Em menos de um ano, apadrinhado por D. Maria da Madre de Deus, Dr. Amaro Gomes, já morador na Estrada do Monteiro, virou o cidadão mais importante de Campo Grande, candidato a deputado estadual.

53

D. Maricota saiu de casa em jejum, uma hora antes da primeira missa. Um lenço preto cobrindo a cabeça, e o rosto, D. Maricota anda curvada, rente às casas, rezando para não ser reconhecida. Se esgueira pela porta lateral da igreja, e entra na sacristia. Um sonolento padre Antônio se prepara para a primeira leitura do breviário. D. Maricota arrasta-o para o confessionário. Padre Antônio se espanta. D. Maricota insiste. Tem um grande pecado a confessar.

Na noite anterior, depois do jantar, D. Maricota já sentada para assistir a mais um capítulo da novela que vinha arrasando o coração e a curiosidade dos cariocas, O Sheik de Agadir, e Seu Aristeu quebra o silêncio da sala com uma estrondosa gargalhada.

- Meu Deus, Seu Aristeu, o senhor me assustou.

Seu Aristeu abre o jornal, e aponta a manchete, em letras garrafais:

PRESO PASTOR MERCENÁRIO

- Escuta só, Maricota.

O biscateiro Jeremias Amaral, 37 anos, acabava de anunciar o custo de mais uma cura milagrosa pelos alto-falantes instalados nas janelas do casarão da Rua Bento Lisboa, onde funcionava a Igreja dos Divinos Sentimentos, ontem à tarde, quando policiais do 9º Distrito entraram em diligência e prenderam o pastor Élcio Fernandes, 29 anos, sob a acusação de falsidade ideológica e exploração da credulidade pública. Foram também presos o biscateiro e o desocupado Errol Flin de Souza, 32 anos, vulgo Lontra, elemento já com diversas passagens pelo 9º Distrito e conhecido contraventor do Largo do Machado, ambos pregadores convidados. O pastor Élcio Fernandes, que se intitula ex-professor das Faculdades Racionais Paranaenses, continua preso no Distrito Policial, alegando ser a sua prisão motivada por um complô dos comunistas,

inimigos declarados do governo brasileiro, e da verdadeira religião. O biscateiro e o contraventor, depois de devidamente autuados, foram soltos.

Seu Aristeu termina a leitura, e recosta na cadeira.

- Taí, Maricota. Se eu tivesse sabido, com este eu topava fazer o casamento. Era só mandar o cheque, e ele mandava a certidão.

Contra seu costume, D. Maricota não respondeu. Mas naquela noite não conseguiu nem pensar quem seria o Rato, nem assistir, emocionada, o ator Henrique Martins cavalgar nas areias das dunas de Cabo Frio que nem Omar Ben Nazir, o Sheik de Agadir, teria cavalgado nas areias do deserto do Saara.

54

É noite. A Praia do Leblon está deserta. Na Avenida Delfim Moreira apenas meia dúzia de casais sentam na areia. Junto da água, dois corpos estão deitados, em silêncio. Do outro lado do canal da Lagoa Rodrigo de Freitas, só dois guardas da Polícia Militar, a cavalo, fazem a ronda.

- Eduardo.

- Hem?

- Tou pensando. Você não acha que seria importante pra você alguém montar uma peça sua?

Eduardo não responde, mas olha Auri.

- Hem, Eduardo?

- Não.

- Mas por quê que não? Escrever não é importante pra você? Você é um escritor, Eduardo.

Eduardo puxa uma tragada, e olha Auri.

- Auri, montar agora uma peça...

Cala-se. Auri passa-lhe as mãos no rosto.

- Fala.

- Montar agora uma peça minha não ia resolver nada. O teatro que eu escrevo não tem nada a ver com o que taí. O que eu escrevo é sobre o nosso estar-no-mundo, e o que o pessoal quer é grito, agitação, politicagem.

Puxa outra tragada, e joga o cigarro na areia.

- E isso eu não sei escrever.

Auri pega um punhado de areia, e deixa-a escorrer por entre os dedos, devagar.

- Mas o Amir gostou de O Homem Sentado. Você mesmo falou. Olha Eduardo.

- Já não é uma boa o Amir ter gostado não?

Eduardo não responde. Auri joga longe a areia que tem na mão.

- Hem, Eduardo?

Eduardo continua calado. Olha a praia deserta. Os guardas se aproximam. Na Avenida Delfim Moreira o silêncio rompe com o som intermitente de uma sirene de polícia. Auri se levanta. Eduard continua deitado.

- Auri, o pessoal do TUCA só quer é musical. Você é que não assistiu à leitura da minha peça.

Há um silêncio longo. Auri senta.

- Eu só tava querendo ajudar, Eduardo.

- Eu sei. Mas eu é que tenho que me ajudar.

- Então se ajuda, Eduardo. Por favor.

55

Seu Homero conta mais uma vez o dinheiro da caixa. Albertina olha-o. Se disser que tá errada agora, vai ter. Seu Homero termina de contar o dinheiro. Albertina olha Seu Homero colocar as notas na gaveta da caixa registradora.

- Tá certa agora?

- Agora está certa.

- De manhã também tava.

- De manhã não estava. Faltavam mil cruzeiros.

Albertina fecha a gaveta da caixa com força. Desgraçado, puto, só sabe é torrar meu saco. Seu Homero se afasta, abanando a cabeça. Se não fosse a merda das doenças da Alberta, eu já tinha mandado este raio embora há muito tempo. Olha como fala comigo. Fala comigo como se eu fosse um bardamerda. No balcão de crédito, Fernando preenche a ficha de uma cliente. Seu Homero grita, no meio da loja.

- Seu Carlos. Ó Seu Carlos.

Fernando olha Seu Homero, e olha a cliente. Português burro.

- Seu Carlos.

Carlinhos abre a janela do escritório.

- O senhor chamou, Seu Homero?

- Claro que eu chamei. O que é que o senhor está a fazer que nem ouve quando eu chamo? Hã, Seu Carlos?

- Tava somando os talões, Seu Homero.

- Pois trate de prestar mais atenção quando eu chamar, ouviu? Ou o senhor pensa que isto aqui é o quê, hã? A casa da mãe Joana? Isto aqui não é a casa da mãe Joana, não senhor. Isto aqui ainda tem dono, ouviu, Seu Carlos?

- Sim senhor.

- Agora me ligue lá pra casa, e chame a Alberta.

A cliente olha Fernando, e abana a cabeça. Nossa. Fernando sorri, e encolhe os ombros. Que se dane, a loja é dele.

- Mas só isto, D. Laura? É muito pouco.

- Próxima vez venho com mais calma, Seu Fernando. Três vezes, pode ser?

- Até dez. Quantas a senhora quiser.

- Três tá bom, muito obrigada.

Carlinhos fecha a janela do escritório. Tomara que morra. Pega o telefone, e faz a ligação. Mas ele ainda vai ver. Quando eu for vitrinista, eu volto aqui só pra cuspir na cara dele, que ódio. Seu Homero, no meio da loja, as mãos nos quadris, espera. Carlinhos abre a janela.

- D. Alberta não tá em casa, Seu Homero. Foi no cabeleireiro.

- Deixe recado pra me telefonar, ouviu?

- Sim senhor.

Seu Homero olha a loja, sem fixar ninguém. Mulher da gente é uma merda.

- Seu Fernando, eu vou sair.

- Sim senhor.

- Quando a Alberta telefonar, o senhor diga que eu disse que não vou jantar.

- Sim senhor.

56

Paulo Senna aperta o botão do elevador. O elevador não desce. Paulo Senna chama o porteiro.

- Esta merda enguiçou de novo, porra?

- Enguiçou no quinto, doutor. Agora só segunda-feira, quando vier o mecânico.

- É uma esculhambação mesmo.

Seu José pega um envelope em cima do balcão da portaria.

- Ah, doutor, doutor Costa mandou que entregasse pro senhor. Diz que é do condomínio, doutor.

Paulo Senna mete o envelope no bolso, e sobe as escadas até no sétimo andar, ofegante, parando em cada patamar. Puta que pariu, é o elevador, é o condomínio, é a luz, é o gás, é o caralho, Ô vida mais filha da puta. Procura a chave nos bolsos, abre a porta do apartamento, e entra. Fecha a porta. Um cheiro morno de comida requentada bate-lhe em cheio no rosto. Pior do que merda, puta que pariu. Senta no sofá, respirando aos arrancos.

- Zilda. Ô Zilda.

Olha a porta da cozinha, e a entrada do corredor. Onde tará essa mulher?

- Ô Zilda, merda.

D. Zilda entra na sala, envolta numa toalha.

- Tava tomando banho.

- Me dá a merda do remédio.

D. Zilda traz um copo com água, e o remédio. Senna engole o comprimido, e bebe sufocadamente. D. Zilda, em pé na frente dele, espera.

- Não teve casamento, Senna?

Senna olha D. Zilda, a pele amarela, os olhos mortuários, as mãos vermelhas e ásperas. D. Zilda já não é mais aquela moça loura, bonita, a filha de herr Rolf, que casou com ele faz vinte e cinco anos, em Curitiba. Senna respira fundo, devagar. A fisgada no peito dói demais.

- Não teve casamento, Senna?

- Teve.

- Tava muita gente?

- Tava.

- Veio cedo. Tirou boas fotos?

- Não.

- Não?

- Não, mulher.

D. Zilda olha-o, o copo numa mão, a outra segurando a toalha contra o peito.

- Não tirou como, Senna?

Paulo Senna acende um cigarro.

- Interessa saber?

- Claro que interessa. Ou você já esqueceu que o aluguel vence segunda-feira?

- Eu sei que o aluguel vence segunda-feira, porra, não precisa ninguém me dizer. Vence o aluguel, vence o condomínio...

Tira o envelope do bolso.

- Ó, tá aqui a cobrança, tá vendo? Segunda-feira vence tudo, mulher. Vence até o caralho, tá?

D. Zilda abana a cabeça.

- Quê que você tem, Senna?

- Nada.

Joga o envelope em cima do sofá. D. Zilda continua imóvel.

- Precisa mentir, Senna?

- Eu não tou mentindo, mulher, porra.

- Então me conte o que aconteceu.

Senna puxa uma tragada profunda.

- Encontrei o...

Tem um acesso de tosse, e a vista escurece.

- Velhão, o Pai de Todos quer falar com você.

Moisés sorri na porta do gabinete de Paulo Senna, no andar dos executivos da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda.

- Vai ver é um aumentinho pintando por aí, seu sacana. A campanha da Pinto & Souza tava ótima. O chefe telefonou pro Pai de

Todos, viu? E satisfeito pra cacete, tá?

Paulo Senna entra no gabinete do Dr. Bernard O. Meyers, presidente da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda, no Brasil, e vice-presidente executivo para a América Latina. Dr. Bernard O. Meyers nasceu em Nova Jersey faz sessenta anos, e faz trinta que dirige a Ambler na América Latina. Primeiro no México, depois na Argentina, e agora no Brasil, hoje o maior mercado da multinacional americana. Só de Brasil Dr. Bernard O. Meyers já tem dez anos, uma úlcera duodenal quase perfurada, três cursos intensivos de português, e uma fala arrepiante.

A Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda é a maior agência internacional de propaganda operando no Brasil. Dr. Bernard O. Meyers é um homem pequeno, magro, careca, sempre sorridente, sempre de gravata-borboleta, e faz trinta anos que convive com a instabilidade dos governos latino-americanos. Nos meios publicitários, antes da queda do presidente João Goulart, se comentava que a Ambler, além de ser a maior agência de propaganda, era também a maior operadora da CIA no Brasil. Dr. Bernard O. Meyers escutava o comentário, e sorria.

- Ya, ya, inveja das grandes salários que pagamos.

Senna fecha a porta, e olha Dr. Bernard O. Meyers atrás da secretária de tampo de vidro fumê. Como sempre, Dr. Bernard O. Meyers está sorrindo. Aperta a mão de Senna, convida-o a sentar, serve dois uísques. Johnnie Walker, Black Label, e acende um charuto Montecristo. Olha Senna. Senna, imóvel, e com o copo na mão, olha-o também. Dr. Bernard O. Meyers recosta na poltrona de couro preto, e solta uma baforada.

- Dr. Senna o que eu ter a dizer pra senhor é muita simples, compreende?

Puxa outra baforada, e olha Senna.

- A começar deste momenta, compreende?, a nossa companhia estar a dispensar as suas serviços, compreende? Pessoalmente, eu lamenta muita, muita mesma, mas nada possa fazer, compreende?

Paulo Senna tinha sido solto na semana anterior, e aquele era seu primeiro dia de trabalho. Preso no dia 4 de maio de 1964, respondeu um Inquérito Policial Militar sobre as ligações dos meios publicitários cariocas com o Partido Comunista Brasileiro. Mas ele sabia que tudo aquilo não passava de um pretexto. A verdadeira razão tinha sido seu discurso na Cinelândia, no dia 1º. Sr. Senna, os militares não fazem retaliações nem querem se vingar. Eles são, apenas, os guardiães da pátria, da moral, e dos bons costumes da família brasileira, será que o senhor pode entender ao menos isso? Senna riu quando lhe disseram aquilo no quartel, em Vila Isabel, onde estava preso às ordens do presidente do IPM. Por se ter rido, ou por não ter

acreditado, nunca soube, no fim de dois meses de prisão, e de diversos interrogatórios, foi solto, os dentes da frente quebrados a coronhadas de revólver, e uma omoplata deslocada.

Paulo Senna saiu do gabinete do Dr. Bernard O. Meyers, e mal teve tempo de chegar no seu. A secretária encontrou-o caído em cima da mesa, ofegante, quase desmaiado. Foi o primeiro enfarte.

Paulo Senna para de tossir, o rosto ainda roxo, congestionado. D. Zilda coloca o copo vazio em cima da mesa.

- Quem foi que você encontrou? Fala, Senna.

- Foi o filho da puta do Moisés, mulher.

- E só por isso...

- Eu ainda tenho vergonha na puta da cara, Zilda.

D. Zilda não responde. Senta no sofá. Paulo Senna puxa outra tragada, e tosse de novo. D. Zilda fecha os olhos. Vou fazer o quê, aos quarenta e cinco anos, meu Deus? Cobre o rosto com as mãos, e deixa as lágrimas correrem por entre os dedos. Curvado, ofegante, Senna continua tossindo.

57

Sete horas. João acorda, se espreguiça, e boceja ruidosamente.

- Alda, você taí?

Na sala, Alda corrige provas.

- Você taí, Alda?

- Você ainda não falou com Seu Antônio.

- Falei com Seu Antônio? Que Seu Antônio, Alda?

- Que Seu Antônio, João? Você já esqueceu do aluguel?

João aparece na porta.

- Pensei que fosse outro. Tem Antônio aí a dar por um pau. Mas eu vou já, já, falar com aquele portuga, pode deixar.

- Agora?

- Quê que tem? Ô Alda, qualquer hora é hora, desde que resolva. E esta parada eu vou resolver, você vai ver. Esta foi a última vez que o portuga veio na nossa porta cobrar a merda do aluguel, isso eu garanto a você.

Alda encolhe os ombros. Toda vez a mesma conversa. Meu Deus, dai-me forças.

- Ô Alda.

- Vai. Me deixa.

João entra no banheiro, e lava a cara. Devia tomar era um banho. Olha a cara sonolenta no espelho. Ah, tomo logo mais, dane-se. Penteia o cabelo, e entra na sala.

- Já vou.

Alda não responde.

-Esquece o aluguel, viu? É caso resolvido, tá?

Alda apoia os braços na mesa, e deixa cair a cabeça, chorando. Meu Deus, meu Deus. João sai. Olha a rua. Vai ver que o puto cagou de medo, e não tá nem em casa. Na porta da casa de Seu Antônio bate palmas. Ninguém responde. Eu não disse? Cagou de medo, eu sabia. Encolhe os ombros. Sabe que mais? Problema dele. Na porta da casa da tia de Roberto, um grupo rodeia um táxi parado. João se aproxima. Será que a bichona do Balzac matou o pixaim? Deixa eu ver. Uma moça, carregada por um rapaz e outra moça, é metida dentro do táxi. João olha-a. Conheço não, mas puta foda. Dora entra no táxi. João bate nas costas de Roberto.

- Quê que houve?

O táxi parte. Roberto encolhe os ombros.

- Um porre.

- Um porre?

- É.

- Assim à toa?

- Uma zinha metida a besta. Auri, um bagulho que estuda lá no Conservatório.

- Conheço não.

Roberto sobe na soleira da porta.

- E você? Tá indo onde?

- Por aí.

- Vem lá em casa.

- Vale a pena?

- Quê que há, cara? Tá esnobando um gole? O baile tá o fino, pô.

João acende um cigarro, e entra com Roberto. Antes do jantar ainda dá tempo de falar com o portuga. E se não der, que se dane. O dinheiro é dele. Ele é que tem que correr atrás. Na sala, o Pinto, sentado junto de uma janela, continua olhando fixamente as colunas da igreja de Nossa Senhora da Glória, caindo de bêbado.

58

Mauro passou o dia todo em casa, fazendo e desfazendo o embrulho do presente. Lia nem sonha, coitada. Olha mais uma vez o embrulho colocado junto dos perfumes, em cima da penteadeira, e sorri. Ali ela vai notar logo, logo. Coitada de Lia, trabalha tanto. Olha o relógio. Sete horas. Lia deve tar chegando. Toma banho, e entra na cozinha. Que surpresa Lia vai ter, coitada, gosta tanto de empadão. Mas ela merece. Merece sim. Acende o fogão, e começa preparando o jantar. Lia merece, coitada. Merece sim.

59

- Amanhã vou lhe esperar no colégio. Pode?

- Saio dez pras onze.
- Não tem problema eu lhe esperar não?

Auri sorri.

- Problema de quê?
- Ele pode se importar.
- Ele, quem?
- Seu namorado, ora.
- Namorado? E quem disse que eu tenho namorado?

Eduardo começa andando, o ensaio do TUCA na metade. Onde tará Auri? Por quê que eu sempre faço o que não quero, puta que me pariu? Olha o relógio. Será que a porra deste lotação nunca mais vem? Igual à merda do Pinto. Só aparece na hora errada.

- Meu irmão, preciso de uma peça.
- Vai na SBAT.
- Quero uma sua, quê que há?
- Não fode, Pinto.
- Tou falando sério, meu irmão. Nós vamos montar uma peça sua, pô.

- Não torra, Pinto.
- Não acredita? Pois fique sabendo que até já temos o grupo fechado. Sou eu, Dora, Roberto, Moreira, Zeza, Mila, Torres, Auri...

- Não mete Auri nisso.

- Qual das duas você me aconselha, hem? O Homem Sentado ou O Homem Preso? Hem? Eu gosto mais de O Homem Preso. Aquele inconsciente social, como você diz, que tem no O Homem Sentado, não tá com nada, meu irmão. A gente precisa é zonear. O povo brasileiro já tá muito mais conscientizado do que você pensa. Se a gente quiser, em meio ano, no máximo, a gente bota essa milicada pra correr. Tou te falando.

- Sabe que mais, Pinto? Se foder, tá?
- Pô, cara. Não tá querendo ajuda não?
- Não.
- Depois se queixa que todo mundo foge de você, viu?

60

*Na madrugada de hoje, nos escritórios da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda, no Rio de Janeiro, e nas presenças dos Srs. presidente das Indústrias Reunidas Spolitus S/A e presidente da Ambler e de todos os Srs. membros da Comissão Julgadora do **PRÊMIO SPOLITUS DE LITERATURA - 1966**, foram tabulados os dados da última leitura seletiva dos contos concorrentes.*

A expectativa atingiu o auge quando os envelopes

dos jurados chegaram na mesa das reuniões. Antes que se lessem os resultados, o Sr. presidente da Comissão Julgadora, acadêmico Alberto de Mendonça Rapzecki, perguntou aos presentes se gostariam de formular algumas hipóteses sobre o número de contos com sete SIM, selecionados entre os últimos cinquenta e oito, e de entre os quais sairá o grande vencedor. Escusaram-se, por motivos óbvios, os Srs. presidente das Indústrias Reunidas Spolitus S/A e presidente da Ambler, Roeburt & Marric Publicidade Ltda. Os Srs. membros da Comissão Julgadora do maior prêmio literário do mundo, em número de autores inscritos, formularam os seguintes prognósticos:

Acadêmico Alberto de Mendonça Rapzecki - 14

Professor Otávio Mercedes de Lustosa - 17

Professor Wadislav Miroslav - 20

Professor Tonino Cintra - 18

Professor Francisco de Souza Netto - 15

Professor Zeferino Luchesi - 10

Professor Américo Silva - 02

Os membros da Comissão Julgadora acharam pessimista o prognóstico do professor Américo Silva, e o professor Wadislav Miroslav chegou a perguntar ao colega se ele não acreditava no talento dos escritores brasileiros. O professor Américo Silva preferiu não comentar e foi, então, solicitado ao Sr. presidente das Indústrias Reunidas Spolitus S/A que lesse a apuração dos resultados. Para espanto geral, e apesar dos prognósticos abalizados dos Srs. membros da Comissão Julgadora, só um conto logrou obter sete SIM, unanimidade total de votos. Foi o conto MENINA SEM VÊU E SEM GRINALDA, do concorrente WLADIMIR (pseudônimo), hoje aclamado como o maior contista do Brasil, e que vai receber quatro milhões de cruzeiros pela obra-prima que escreveu.

A revista de circulação nacional onde será publicado MENINA SEM VÊU E SEM GRINALDA será oportunamente escolhida pelo autor.

O comunicado da Ambler terminava dizendo que o nome do vencedor seria tomado público tão logo fosse aberto o envelope identificativo. O que deveria ocorrer às nove horas da manhã, na presença de toda imprensa que fazia a cobertura do Prêmio Spolitus de Literatura -1966. De acordo com o regulamento do concurso, só o

envelope com os dados do autor do conto vencedor seria aberto. Os outros seriam incinerados.

61

O Pinto mal consegue se aprumar na cadeira, junto da janela. Pô, meu irmão, quê que há? Abre os olhos, merda. Ó só o baile, saca. Faz um movimento para se erguer, mas a sala começa rodando. Se segura, meu irmão, quê que há? Agarra as bordas do assento da cadeira com ambas as mãos, e fica sentado, imóvel, o corpo retesado, olhando fixamente os vidros da janela.

Os bailes de Roberto terminavam sempre às oito horas. Era dia de aula, e a turma ia dali para o Conservatório. Mas, desta vez, considerando o problema do porre de Auri, todo mundo resolveu não ir na aula, e Beto propôs uma coisa diferente.

- Mas só pra alegrar a moçada, ok?

Olha as moças, e sorri. Cada bunda que eu vou te contar. E eu bem que posso pegar uma, pô. Pede silêncio, encosta na porta, mete as mãos nos bolsos das calças, e olha o pessoal.

- Que tal um striptease, como manda o figurino, hem?

Moreira foi o primeiro.

- Legal.

Torres apoiou.

- Tou nessa.

Roberto levanta as mãos, pedindo silêncio.

- Gente tudo que se fizer aqui, morre aqui, ok?

Mila, abana a cabeça, indecisa.

- Como é que faz?

Beto sorri. No papo, boazuda.

- Tem bronca não. Eu ensino.

Vai para o meio do salão, senta no chão, e olha a mesa das bebidas.

- Cara, me dá uma garrafa vazia.

Torres pega uma garrafa, e Beto coloca-a no chão.

- Agora senta todo mundo em volta, fazendo roda.

Todos sentam, as moças umas junto das outras. Beto sorri. Joia. Todas juntas, fácil sair uma delas.

- Agora, eu vou rodar esta garrafa. Quando ela parar, quem tiver na frente do gargalo tira uma peça da roupa, ok?

João ri.

- E se der macho?

- Aí danou-se, cara. Mas tira do mesmo o jeito, ok?

Todo mundo ri. Beto roda a garrafa. É Sandra a sorteada. Moreira nem olha. Logo esta zinha, lisa que nem tábua, puta que pariu. Alguns batem palmas. Roberto se levanta.

- Silêncio, gente. Sandra.

- Eu não.

Roberto puxa-a para o meio do círculo.

- Assim vale não, Sandra. Todo mundo concordou.

- Eu não concordei.

- Concordou sim.

- Não concordei não.

Moreira ergue um braço.

- Gente, proponho outra rodada.

Zeza não concorda.

- Outra rodada não vale. Saiu pra Sandra, Sandra que comece.

Beto olha Zeza. Vaca.

Moreira encara Zeza.

- Não vale por quê, Zeza?

- Porque não vale.

- Tá com medo, é?

- Não. Mas perdeu a graça.

- Como que perdeu a graça?

- Perdeu. Sandra, que foi a primeira, é que tinha que fazer.

- Ô Zeza...

- Pra mim cabou.

Beto fecha a cara. Puta que pariu, com tanta mulher boa aí, logo tinha que sair aquela vaca metida a santa. Roberto pede silêncio.

- Bem, gente, como é que é? Vamos pra aula, ou quê?

Mila se levanta.

- Vamos continuar o baile. Não tou a fim de ir na aula hoje não.

Faz um sinal para Caldeira.

- Bota música aí, pô.

O baile continuou. Zeza foi com João para junto da janela do lado do Pinto. Roberto tinha lhe apresentado João como um camarada de força dentro do Partido Comunista. Conheço João faz um tempão, Zeza. De certa forma João é um mártir, você entende? Foi mandado embora do trabalho só porque se negou a denunciar os camaradas. Zeza se entusiasmou.

- Verdade que você pertence mesmo ao partido?

João sorri. Joia. Mulher curiosa é tesuda.

- Sabe por quê que tou perguntando? Porque eu acho que a gente deve fazer alguma coisa mesmo, tá entendendo? Só que até hoje eu ainda não tinha conhecido ninguém assim do partido e...

Roberto se aproxima.

- Como é que é, vocês não dançam não?

João abana a cabeça. Roberto ri.

- Ah, não?

Puxa Zeza por um braço, e leva-a para o meio do salão. João

olha Roberto. Mas logo agora, pô? Enche um copo de cerveja, e bebe de uma vez. A zinha já tava quase, quase, pô. Caldeira tenta levantar o Pinto.

- Como é que é, meu chapa? A turma tá querendo um rock bem batido.

O Pinto cai na cadeira.

- Ei, pessoal, o Pinto já tá, ó. Porre mãe.

O Pinto abre os olhos. A sala roda, tudo roda, o Pinto fecha os olhos, e agarra a cadeira com força, o queixo caído no peito, um fio de baba escorrendo pelos cantos da boca. Tou de porre. Porre mesmo. Arrota. Auri quer nada comigo não, mas eu fodo ela. Ah, fodo. De repente, agarra a cadeira, e cerra os dentes com força. Vomitar não, caralho. Retém a respiração o mais que pode, mas o vômito sai do mesmo jeito. Sujando tudo.

62

- Que horas são?

Estevo Jimenez fuma, olhando o teto do quarto. Alda abana-o.

- Que horas são? Hem?

Estevo estende o braço, e olha o relógio de mostrador luminoso, presente de Magda.

- Oito horas.

- Oito quê?

Estevo mostra o relógio.

- Oito e cinco.

Alda coloca as mãos na cabeça.

- Minha mãe do céu.

Salta da cama, e corre para o banheiro. Quê que eu vou dizer pra Francisco? Que tive no cabeleireiro o tempo todo? Abre a torneira do bidê, e se lava. Na cozinha, um prato cai no chão. Afonsina pragueja em voz alta. Alda pega uma toalha. E ele que tava me esperando às cinco, minha Nossa Senhora Aparecida. Estevo esmaga o cigarro no cinzeiro. E a porra de Nina, hem? Agora, quer casar, puta merda. Respira fundo, e se espreguiça. Mulher é uma merda mesmo. Só serve é pra aporrinhar, puta que pariu. Senta na cama, e procura as meias e os sapatos em cima do tapete. E eu que me foda, que tenho que dar um jeito. Se não der, já viu, Magda me fode. Calça as meias. Na cozinha, Afonsina continua praguejando. Estevo calça os sapatos. Sorri. Taí. A porra da Afonsina vai quebrar meu galho. Ah, vai. Caftina é pra isso mesmo. E se não quebrar, ó. O pessoal da Costumes taí doido pra dar flagra. Olha o espelho. Tou emagrecendo paca. Sorri. Também, trepando deste jeito. Mas o pior é que se Magda desconfia, tou fodido. Alda sai do banheiro, e se veste rapidamente.

- E agora?

- Hem?

- Eu já devia tar em casa faz mais de três horas.

Estevo abana a cabeça. Mulher é uma merda mesmo. Só serve é pra aporrinhar.

- Você não foi no cabeleireiro? Tava cheio, porra.

- Até esta hora? Eu saí de casa às duas horas, Estevo.

- E quê que tem? Sexta-feira Magda nunca chega em casa antes das dez, onze, por aí. Salão de cabeleireiro é isso mesmo.

- O pior é minha sogra.

- O salão tava cheio, diz pra ela. Hoje não é sexta? Então? Salão de cabeleireiro tá sempre cheio na sexta.

- Deixa eu me pentear, por favor?

Alda senta na penteadeira, e abre a bolsa. Estevo olha-a. Mais uma pra me aporrinhar. Mulher, se pensar bem, só dá é encrenca, puta que pariu. Olha a imagem de ambos, refletida no espelho. A blusa de Alda está desabotoada. Gosto de mamãs assim. Magda parece uma vaca leiteira, só vale mesmo é a trepada. Mete a mão dentro do sutiã de Alda. Alda olha-o pelo espelho.

- Me larga.

Estevo puxa-a. Alda se contorce. Estevo sorri. Dava outra agora. Estas mamãs me dão um tesão do caralho.

- Me larga.

- Só mais cinco minutos, porra. Não precisa nem tirar a roupa.

Alda olha Estevo, fixamente.

- Você não presta mesmo, hem?

Estevo ri.

- Mas na hora do bem bom, bem que você gosta, né? Fala verdade, esse seu marido é broxa não? Hem? Se até o filho você diz que ele não fez, eu, hem?

63

Esteves espera Norma na entrada do edifício da Companhia Metropolitana S/A, Importadora de Aços Finos, na Avenida Rio Branco, quase esquina com a Rua do Rosário. Todos os funcionários já saíram. Esteves olha o relógio pela décima vez. Logo hoje, que eu não vim de carro, e não tou passando bem é que Norminha me apronta uma destas. Olha mais uma vez o relógio. Mais de meia hora de atraso. E eu que detesto esperar. Olha o relógio outra vez. E o pior é que ela sempre atrasa. Não teve uma vez só que Norminha não atrasasse. Tem horas que não dá mesmo pra entender Norminha. Tá certo, eu também gosto de jantar fora, mas jantar fora todas as sextas-feiras é dose. É, vovó é que tá certa. Nós precisamos ter um filho sim. Norminha nunca quis, mas hoje eu vou ter uma conversa bem séria com ela. Ah, vou. Eu gosto de crianças, e pra Norminha um filho vai

ser uma boa distração. Esse negócio de ir no cinema todos os dias não é bom não. Norminha precisa fazer outras coisas, arrumar outras distrações. Mas hoje eu falo com ela. Ah, falo. Falo sim. Vovó tem razão. O que tá fazendo falta pra gente é ter um filho. Norma salta do táxi, e Esteves olha o relógio mais uma vez.

- Puxa, meu bem. Quarenta e dois minutos.

- Foi o trânsito, bem. Na Glória tava horrível. Parece até que morreu gente, sabe?

Esteves concorda com um aceno de cabeça. Este trânsito é um horror mesmo, isso é verdade. Norma mete o braço no dele.

- Mamãe diz que tem um restaurante novo em Ipanema que é uma coisa. Ah, e pediu pra gente não esquecer os quindins dela, viu?

Esteves sorri. Sempre criança, D. Filomena. E o que vale é que Norminha saiu bem a ela, nisso vovó tem razão. Norma passa-lhe a mão pelo rosto.

- Não vai esquecer os quindins de mamãe, né, bem?

- Claro que não, meu bem.

Um táxi passa, vazio. Esteves faz sinal, olha Norma, e sorri. Eu sempre fui um homem de sorte. Feliz no amor, e nos negócios. Norma encosta nele.

- Tá satisfeito hoje, bem?

- Eu tou sempre satisfeito, você sabe, meu bem.

Abre a porta do táxi.

- Viu? Eu sou um homem que sabe ter sorte.

Norma entra no táxi, sorrindo. Ambos sabemos ter sorte. Nem você sonha quanta. Esteves entra também, e se recosta no assento. Norma deita a cabeça no ombro dele. Hoje, Esteves vai até assustar. Vai ser a maior trepada da vida dele. E tem que ser mesmo, senão já viu. Vai tudo pro beleléu. Sorri. E mesmo assim já vai nascer de sete meses. Olha Esteves, e beija-o na face. Esteves sorri, satisfeito. Logo mais falo com Norminha. Ah, falo. Com jeito, quem sabe daqui a nove meses não nasce o nosso Júnior, hem?

64

Mauro olha mais uma vez o relógio. Oito horas. Tomara que não tenha acontecido nada a Lia, coitada. Entra na cozinha. Em cima do fogão, coberto por um pano, o tacho do jantar que Mauro preparou. Lia gosta de empadão. Tomara que chegue logo, senão vai esfriar, coitada. Ajeita o pano em cima do tacho. Bebe um copo de água, e entra na sala. Senta no sofá. Lia se sacrifica demais, coitada. Soam passos no corredor, saltos altos de mulher batendo no piso de cimento. Mauro se levanta. Será que é Lia? Tomara que seja, coitada. Os passos se afastam. Será que aconteceu alguma coisa no trem de Lia, meu Deus? Momentos depois entra na cozinha, e bebe outro copo de água.

Lia não pode mais trabalhar assim não. É muito sacrifício pra ela, coitada.

65

Nina olha o relógio. Dez pras oito. Vou agora. Se levanta, e pega a bolsa. D. Antônia se espanta.

- Onde você vai assim tão tarde, minha filha?

- Vou telefonar, vovó.

- Pra quem você vai telefonar, minha filha?

- Pra Estevo, vovó.

- Algum problema, minha filha?

- Não, vovó. Me deu vontade.

D. Antônia sorri. Feliz do homem que levar esta menina.

- Telefone de D. Aurora.

- São quase oito horas, vovó. D. Aurora tá se preparando pra ver o jornal, e a novela. Vou no largo.

Nina abre a porta, e joga um beijo para D. Antônia.

- Adeus, vovó.

- Diga a ele pra vir aqui no domingo, minha filha.

- Digo sim, vovó. Pode deixar.

66

Sentada à mesa da sala, Alda continua corrigindo as provas. Para, fecha os olhos, e passa as mãos pelo rosto. Por quê, meu Deus? Quê que eu fiz pra merecer isto? Abre os olhos, e olha a resma das provas em cima da mesa. Meu Deus, dai-me forças, meu Deus.

- Sabe, Alda? No dia em que o Brasil for só dos brasileiros, você ainda vai ver o que vai ser este país, você vai ver. Não vai ter mais aluguel, não vai ter mais prestação da Mesbla, não vai ter mais ladrão roubando dinheiro do povo, não vai ter mais nada. Cada um vai ter o que merece, você vai ver. E você merece muito. E digo mais, viu? Esse dia tá muito mais próximo do que muita gente pensa, isso eu garanto. Com a fome do povo não se brinca, Alda.

- João, você só sabe é sonhar.

- Sonhar nada, Alda. O Brasil ainda vai de ser só dos brasileiros, você vai ver.

Alda deixa cair a cabeça no peito, as lágrimas rolando pelo rosto. Eu queria era sumir.

67

- Eduardo, você acha que tá certo a gente tar aqui assim?

Estão na Praia da Urca, sentados na areia. Auri apoia os

cotovelos nos joelhos, descansa o queixo nas mãos em concha, e olha o mar. Eduardo olha-a durante alguns momentos.

- Assim, como, Auri?

Auri levanta o rosto, pega um punhado de areia, e deixa-o escorrer por entre os dedos, devagar.

- Como?

A voz de Auri é baixa, interior. Olha Eduardo.

- Do jeito que a gente tá.

- Nós tamos do jeito que podemos, Auri.

Auri abana a cabeça.

- Não tamos não, Eduardo.

Se cala, e pega outro punhado de areia.

- Sabe? Até vir pro Rio, eu nunca fiz nada, nunca participei de nada. Até vir pro Rio, eu pensava que a vida era o que eu vivia. Papai mandando, e homens marchando todos os dias. Até vir pro Rio eu pensava que o Brasil era um quartel, você entende?

Joga a areia longe, faz uma pausa, e cruza as mãos nos joelhos.

- Papai só sabia me dizer que a vida era uma questão de saber mandar, e saber obedecer.

Olha Eduardo.

- E que o mal do Brasil era haver muita gente que não sabia mandar nem obedecer. Você sabe por que é que os exércitos são unidos? dizia ele. Porque ninguém discute ordens.

Auri estende as pernas, e apoia o corpo nos braços, as mãos espalmadas na areia.

- Sabe? Eu sempre acreditei em papai, porque tudo que ele dizia eu via acontecer nos quartéis onde a gente tava. Só que...

Faz uma pausa, os olhos fixos no horizonte.

- Só que...

Abana a cabeça, devagar.

- Só que, quando vim pro Rio, descobri que não era verdade. Cada um pensando de um jeito, discutindo, me obrigando a ver que as coisas não eram como papai dizia, você entende? Que tinha gente que discordava, e não tinha medo de dizer que discordava. E isso me abalou.

Sem desviar os olhos do horizonte, pega na mão de Eduardo, e encosta-a no rosto, numa carícia vagarosa.

- Foi como se papai me tivesse escondido a verdade. Me tivesse mentido.

Aperta a mão de Eduardo contra os lábios, e beija-lhe os dedos.

- Depois apareceu você, escrevendo suas peças, dizendo suas verdades, tentando explicar por quê que as pessoas são como são.

Larga a mão de Eduardo, e se cala. Deixa cair a cabeça, e encosta o queixo no peito. Do outro lado do braço de mar, no Aterro do

Flamengo, os carros andavam devagar, presos no engarrafamento de sempre. Eduardo acende um cigarro. Quê que eu posso te dizer, Auri? Que nem eu mesmo sei se acredito no que escrevo? Auri olha Eduardo.

- Sabe? Por isso eu me pergunto se tá certo a gente tar aqui como nós tamos, sem fazer nada, só esperando que alguém faça alguma coisa.

Faz uma pausa, e abana a cabeça.

- Lá no Conservatório tem muita gente que diz que faz e que acontece, mas a maior parte não faz nada. O Pinto, por exemplo, passa a vida dizendo que vai botar a milicada pra correr em meio ano, mas eu sei que ele não faz nada.

Faz outra pausa.

- Mas tem gente que faz. Tem gente que sabe que vai se danar toda, e vai em frente.

Olha Eduardo.

- Eu sei que tem, Eduardo.

Cruza as pernas, apanha um punhado de areia, e deixa-o escorregar por entre os dedos, em cima do colo.

- Eu acho que nós também temos que fazer alguma coisa, Eduardo.

Olha-o durante alguns momentos, a areia escorrendo por entre os dedos, devagar. Eduardo joga o cigarro na areia com um gesto brusco.

- Fazer o quê, Auri?

Auri abana a cabeça.

- Alguma coisa, Eduardo.

Abana a cabeça diversas vezes, e olha Eduardo.

- Eduardo, eu só sei que se não fizer alguma coisa, parece que papai tá certo, e ele tá errado.

Faz uma pausa, e acena com a cabeça.

- Ele tá errado, Eduardo. Ele tem que tar errado. Se ele tiver certo, então todos nós tamos errados, Eduardo.

68

Nina atravessa o Largo do Machado devagar. E agora, meu Deus do céu? Quê que eu vou dizer pra vovó? Que briguei com Estevo? E depois? Faço um aborto? Por quê que Estevo fez isto comigo, minha Nossa Senhora? Por quê, meu Deus do céu? De repente, as luzes dos postes de iluminação, e os letreiros das casas comerciais, começam balançando. Nina fecha os olhos, e encosta numa árvore, zonzinha, quase caindo. Um casal se aproxima. O homem se debruça sobre Nina.

- Tá sentindo alguma coisa, moça?

Nina não responde. Não pode falar, a garganta contraída pelo

espasmo do vômito. A mulher puxa o homem por um braço.

- Vamos, Nondas.

As lágrimas explodem, e inundam o rosto de Nina.

- Não vê que a moça tá chorando?

- Moça direita não chora na rua, Nondas. Vamos.

O casal se afasta, o homem puxado pela mulher. Nina abre os olhos, respira fundo, força, não vomita, e enxuga as lágrimas. Quando consegue andar, Nina vê o carro de Estevo estacionado metros à frente, debaixo de uma árvore.

69

Paulo Senna soube que tinha ganho o Prêmio Spolitus de Literatura - 1966 quando Moisés apareceu no apartamento com a notícia, naquela sexta-feira à noite, já passava das dez horas.

- Você não leu jornal hoje não, ô cara? Nem viu televisão, escutou rádio, nada? Pô, cara, deu em todo lado. Paulo Senna, o maior contista brasileiro, ganha o maior prêmio literário do Brasil.

Moisés imposta a voz.

- O Prêmio Spolitus de Literatura - 1966, cara.

Ri, e senta no sofá encardido. Que chiqueiro. Nem favela, puta merda. Senna olha D. Zilda.

- Porra, Zilda, quatro milhões de cruzeiros, caralho.

Moisés acende um cigarro.

- O resultado tava previsto pra sair às nove da matina, mas só saiu de tarde. Um dos jurados passou mal, aquele gordão, o polonês. Imagina você que o cara não se conformou em ter errado o prognóstico. Um conto só, não é possível, dizia ele. E não se conformava. Dizia, e jurava a pés juntos que alguma coisa tava errada. Que não era possível uma coisa assim, veja você. E só se conformou quando a gente mostrou pra ele os votos dele e dos outros jurados, um por um. Por isso é que o troço atrasou este tempo todo. E quando ele viu que tava errado, não aguentou. Deu o maior chilique da paróquia. Cara, tivemos até que levar o paquiderme no Prontocor.

Paulo Senna olha Moisés.

- Quer dizer que no casamento de hoje...

- Claro. No casamento eu já sabia. E ainda corri atrás de você pra te falar. Era eu que tava encarregado de te avisar. O Pai de Todos me incumbiu pessoalmente, manjou a honraria? Mas, sabe como é que é, né? Se eu faltasse àquele casamento, tava lascado. Já pensou, um general e um senador, e ainda por cima amigos do Pai de Todos, hem? Mas você é um felizão.

Moisés dá uma palmada no braço de Paulo Senna.

- Um felizão mesmo, cara.

Puxa as calças na cintura abotoa o paletó, e olha a porta da

cozinha. Privada pura, puta merda.

- Agora, ó. Só tem uma coisa. A sua volta à velha e querida Ambler, morou? Se prepara, que o Pai de Todos tá querendo falar com você na segunda-feira, logo de manhã. Antes do coquetel, e da coletiva à imprensa, ok?

Paulo Senna olha-o. Moisés joga o cigarro pela janela.

- Seguinte, felizão. Conforme te falei, sua volta já tá decidida. O Pai de Todos já falou com os milicos do IPM, e tá tudo arrumado. Agora, o big boss da Spolitus quer você atendendo a conta dele, e o Pai de Todos diz que não.

Paulo Senna dá um murro no braço do sofá.

- Ele diz que não? Eu mato o filho da puta, caralho.

Moisés ri.

- Quê que há, felizão? Calma, pô. O Pai de Todos diz que não, porque um diretor de Criação da Ambler não pode atender contas de clientes, entendeu agora? Um diretor de Criação da Ambler pode, quando muito, supervisionar contas. morou na jogada?

Paulo Senna ri.

- Quer dizer que...

Olha Moisés, e depois olha D. Zilda. Moisés abre a porta da sala.

- Quer dizer, felizão, que você é diretor de Criação da Ambler, sacou? Diz que o coronel do IPM ficou puto, queria encanar todo mundo, mas sabe como é que é, né? A vontade dos big bosses Tio Sam mandou mais, e o coronel, que não é burro, engoliu a puteza e os galões, e só não baixou as calças porque ninguém tava a fim.

Paulo Senna dá um murro nos joelhos.

- Porra, Zilda. Eu sabia. Eu sabia, caralho. Eu sabia que aqueles putos ainda iam lambar meu cu, puta merda.

70

- Vamos? Tá ficando tarde pra sua aula.

Auri encolhe os ombros. Olha Eduardo, e sorri.

- Hoje não tou a fim de ir na escola não.

- Tá a fim de quê?

- De saber uma coisa.

- Importante?

- Hum, hum.

- Pergunte.

- É verdade que o Pinto diz que pediu pra dirigir O Homem Preso, e você disse que não?

- É verdade.

- E por quê que você não deixou, Eduardo? Por ser o Pinto?

- Não.

- Então porquê, hem?

- Porque meu teatro não é lero-lero, faz de conta, festividade, Auri.

Auri olha Eduardo fixamente durante alguns instantes, e num gesto brusco, levanta e pega os livros e os cadernos.

- Vamos. Eu não quero mais perder minha aula.

Eduard olha a rua pela janela do lotação. Puta que pariu, me fodi. Auri faz hoje vinte anos, e eu não sei onde ela tá.

71

Wilson Martins chegou em casa tarde. Cansado, a cabeça doendo, mas ainda sonhando com os seios de Isabel Sarli. Que mulher, meu Deus do céu. Que mulher. Ah, se eu tivesse uma mulher assim. Wilson fecha os olhos. Os seios de Isabel Sarli estão na sua frente, moles, bamboleando. Como ele gosta. Ah, se eu tivesse uma mulher assim meu Deus do céu.

Wilson é um dos vendedores mais antigos da SASBRA. Só dois colegas têm mais tempo de casa do que ele. Mas nem por isso Wilson é um bom vendedor. No quadro de produção da filial, o seu lugar é sempre o mesmo. Último. Às vezes, quando um cliente faz um pedido maior, penúltimo. Mas nunca passa disso. E Wilson sabe porquê. É por causa da merda dos cinemas. Mas semana que vem eu largo essa merda. Ah, largo. É só não comprar o jornal, e fim. Respira fundo. O pior é a porra da cabeça. Chega esta hora, puta que pariu, parece até urucubaca. Dói que dói.

- Não é possível, Wilson. Toda noite sua cabeça dói. Por quê que você não vai no médico, hem?

- Tá doendo, Déa. Demais.

- Ontem também doía. Faz meses que a sua cabeça não para de doer, não é possível, Wilson.

- Eu não posso fazer nada, Déa. Ela não dói porque eu quero.

- E eu? Quê que você acha que eu tou querendo, hem?

Às vezes Wilson consegue, e Déa goza. Mas Déa quer todas as noites, e Wilson vai no cinema todas as tardes. E quando volta, a cabeça sempre dói.

Wilson saltou no ponto do lotação da igreja de Nossa Senhora da Glória. Na esquina da Rua Gago Coutinho um grupo de moças e rapazes conversa em voz alta. Um deles, bêbado, xinga todo mundo. Uma das moças puxa um dos rapazes por um braço.

- Eu vou com João, gente.

Wilson olha-a, a blusa esticada pelo volume dos seios. Com esta eu ia, mesmo que a cabeça estourasse. O grupo dispersa. Wilson olha o casal se afastando pela calçada. Na porta do bar de Seu Joaquim, Wilson quase para. Quem sabe eu tomava um sorrisal, e melhorava a merda da cabeça? Não. Vou tomar em casa. Ao menos, assim, Déa vê

que a cabeça tá doendo, e talvez desista. Acende um cigarro, e puxa uma tragada. A cabeça dói mais. Puta merda. E o pior é que Déa, hoje, vai querer. Desde domingo que ela não fala noutra coisa. Encolhe os ombros. Ah, foda-se. Se não der, não deu, quê que eu posso fazer?

Entra em casa já preparado. Curvado, a cara amarrotada, como se tivesse saído de uma semana mal dormida. Abre a porta, e chama Déa. Ninguém responde. Wilson fecha a porta, e olha a sala. Em cima da mesa está um bilhete. *Wilson, tive que sair. Mas não se preocupe, de manhã eu tou de volta. Seu jantar tá pronto no fogão e é só esquentar.* Wilson senta no sofá com o bilhete na mão, e sorri. Até que enfim. Recosta no sofá, e fecha os olhos, a cabeça já quase parando de doer. Quem sabe, agora, a gente até possa ser feliz, meu Deus do céu.

72

Alda abotoa a blusa, e pega a bolsa. Estevo olha-a. Mulher é uma merda mesmo. Alda dá uma última olhada no espelho.

- Meu Deus do céu. Eu já devia tar em casa faz mais de três horas.

- Calma. Quem chega às oito, chega às nove, quê que há?

Alda olha Estevo. Eu seja puta se olhar mais pra cara deste cafajeste. Abre a porta do quarto, e desce as escadas, correndo. Estevo fecha a porta, e se olha no espelho da penteadeira. Mulher é uma merda mesmo, puta que pariu. Na hora de gozar, gozam que nem vacas. Na hora da cobra fumar, é isto. Parece até que o mundo vai acabar. Acende um cigarro. É, Estevo, tá na hora de você se mancar, viu, irmão? Mulher só dá é galho. E vê se se manca, cara. Vê se se manca, que se Magda sonha, já viu. Apronta o maior fuzuê da paróquia, e lá se vai sua mordomia. Olha mais uma vez o espelho, e sorri. Mas tem nada não, quem nasceu pra rei nunca perde a majestade.

73

Na Praça José de Alencar, o lotação quase bateu. Um Dauphine vindo da Rua Conde de Baependi derrapou, e o motorista teve que subir na calçada. Eduardo nem percebeu. Onde tará Auri?

- Pensei que Cabo Frio fosse diferente.

Auri olha em redor.

- Pensei mesmo, Eduardo.

Crianças correm por cima dos canteiros do jardim pequeno e sujo, moleques atiram pedras nos pardais pousados nas árvores, e quatro motoristas de táxi jogam cartas sentados na calçada. Pendurado na porta de um armarinho, um alto-falante atroa os ares com A Volta do Boêmio, de Nelson Gonçalves.

- Isto é que é Cabo Frio? Cadê as praias? Tou seca por uma praia.
Eduardo ri.

- Esta é a parte velha da cidade.

- E as praias? Tão onde, hem?

- Você vai ver já, já. Mas primeiro vamos almoçar.

O ônibus tinha chegado com mais de duas horas de atraso. Tinha caído uma barreira depois de Sampaio Correia, e o tráfego estava sendo desviado. Auri puxa Eduardo por um braço.

- Ah, vamos antes pra praia. Depois a gente almoça.

Passaram a tarde na Praia do Forte. Nadando, tomando sol, comendo milho verde cozido, e bebendo água de coco. Depois foram visitar o Forte de São Mateus. Sentada na muralha, encostada na guarita da sentinela, Auri olha o mar espriado, sem ondas, lá em baixo. Por que será que eu gosto tanto do mar? Porque ninguém manda nele, será? Eduardo olha-a, os cabelos esvoaçando, enredados no pescoço. Por que será que Auri gosta tanto do mar? Porque nem no horizonte tem fim, será? Auri fecha os olhos, e deixa o vento crestar a pele suada. As mãos caídas nos joelhos, com as palmas voltadas para cima, completam o abandono. Auri respira fundo, aspirando a maresia. O mar não engana ninguém. Parece que nem mexe mas nunca para. Distende os músculos, e se abandona à carícia quente do vento. Eduardo entra na guarita oposta, acende um cigarro, e olha Auri. Como o mar engana a gente. Parece que nem mexe mas nunca para. Puxa uma tragada, e joga o cigarro pela seteira. Se perder você, quê que vai ser de mim? Sai da guarita, e num gesto brusco beija Auri com força. Auri abre os olhos, espantada.

- Quê que foi, Eduardo?

- Nada.

- Nada?

- Lembrei de uma coisa.

- Que coisa?

- Que eu te amo.

Faz uma pausa, e respira fundo, os olhos fixos no rosto dela.

- E que não posso te perder.

Auri ri, olhando Eduardo.

- Você só vai me perder se você quiser, bobo. Eu também te amo, sabia?

Ficaram na Praia do Forte até escurecer. Compraram sanduíches numa barraca, e subiram à duna grande.

- Quer ficar aqui?

Auri olha o mar lá em baixo, o Forte de São Mateus em frente, e a cidade atrás.

- Quero.

Eduardo deita de costas, cruza as mãos debaixo da nuca, e olha o

céu sem nuvens. É bom tar aqui. Aqui tem paz. Olha Auri em pé, imóvel, olhando o Forte de São Mateus, as mãos em pala, protegendo os olhos dos últimos raios do sol. Fecha os olhos, e deixa o mormaço relaxar os músculos. Auri deixa o corpo amolecer, e ajoelha. Olha Eduardo, deitado. É bom tar aqui. Aqui ninguém separa a gente. Deita do lado dele. Escurece. Em voos planados, as gaivotas tangenciam a espuma das ondas, catando peixe. Na porta do Palace Hotel começa o movimento do entardecer. Uma luz acende no Forte de São Mateus, tremeluzindo na distância. Auri se vira, coloca os braços em cima do peito de Eduardo, e apoia o queixo nas mãos.

- O Pinto voltou a me falar.

Eduardo não responde. O Pinto que se foda.

- Escutou? O Pinto voltou a me falar.

Eduardo continua calado. Olha as nuvens no céu, deslizando na direção de Arraial do Cabo. Auri senta, e cruza as mãos nos joelhos.

- Disse que você pediu pra ele dirigir O Homem Preso. É verdade isso, Eduardo?

- Não.

- Eu também não acreditei.

74

Penha canta no banheiro. A água morna escorre pelo corpo ensaboadado, e Penha continua cantando. Ainda trabalhava no salão de Seu Emílio, o Madame de Pompadour, quase na frente da Itapoã Modas quando viu Seu Homero pela primeira vez. Todos os dias passava na porta da loja, olhando as vitrines. Às vezes entrava, comprava um sutiã, uma calcinha, alguma camisola. Seu Homero nunca lhe falava, mas ela notava os olhares compridos, demorados. Quando foi trabalhar no Magda's Salão de Beleza, resolveu. Se der, deu. Se não der...

- Bom-dia.

Seu Homero tirou as mãos dos bolsos, e sorriu.

- Ora o que vai ser desta vez?

- Um lenço.

- Mas só um lenço?

- Não tenho quem mereça mais.

Seu Homero alisou o cabelo.

- Ai, não?

Penha sorriu.

- Ainda não. No Magda's só tem mulher. Cabeleireira, manicure, e pedicure.

Seu Homero atendeu-a pessoalmente, e mandou Albertina fazer um embrulho de presente caprichado. Albertina olhou Penha. Embrulho de presente num lenço de algodão? Tá fodido. Seu Homero

entregou o embrulho. Albertina olha-o. Aposto que nem vai cobrar.

- Por conta da casa.

Penha sorri. Deu. Albertina fecha o caixa, e ri. Bem feito. Se fodeu.

75

Eduardo da Cunha Júnior trombou com o TUCA - Teatro Universitário Carioca, por acaso. Auri lhe falou no grupo, e ele foi ver um ensaio num galpão da Hípica, na Lagoa. Não conhecia Amir Haddad, gostou dele e do que viu, e mostrou-lhe O Homem Sentado.

- Cara, gostei. Dá pra fazer uma boa leitura dramática, vamonessa? Só que no fim quero um debate seu com o pessoal, você topa?

- Topo.

- Sabe como é que é, né? Pau na moleira, que é pra botar o pessoal nos conformes. Sua peça se presta a muitos questionamentos, e isso é bom. O pessoal tá precisando disso, tá entendendo?

Auri não foi. Tinha prova no Conservatório.

- Mas depois você me conta, tá? Promete?

- Claro que prometo.

Sentado na última fila, Eduardo olha Amir dirigir a leitura.

- Eduardo.

-Hem?

- Você escreveu esta peça pra mim?

- Você gostou?

- Por quê que você escreveu?

Estão na Praia de Botafogo, na frente do Colégio Juruena. Escurece. Eduardo olha Auri. Auri está imóvel, os olhos fixos nos olhos dele.

- Achei que você ia gostar.

Auri pega um punhado de areia, e deixa-a escorregar por entre os dedos, devagar.

- Não gostei.

Eduardo acende um cigarro.

- Porquê? Eu escrevi pra você, Auri.

- Porque você me botou na Mulher Jovem e se botou no Homem Sentado, e isso não é verdade.

- Auri...

- Não é verdade, Eduardo. E você sabe disso. Nem eu sou a Mulher Jovem, nem você é o Homem Sentado.

Eduardo não responde. Fuma, olhando o mar. Puxa uma tragada profunda, e olha Auri.

- Porquê que você diz isso?

- Porque eu procuro questionar e a Mulher Jovem não, e porque

o Homem Sentado questiona e você não.

- São apenas personagens, Auri.

- Mas você criou como se fôssemos nós. E isso não é verdade, Eduardo.

- E o quê que é a verdade pra você, Auri?

- É fazer a coisa certa, Eduardo.

A leitura termina. Amir pede a Eduardo que suba no palco.

- Bem, gente, agora Eduardo tá aqui pra falar com a gente sobre a peça dele.

Eduardo olha a plateia lotada. Gente sentada nas coxias, e nos corredores. Será que vai ter quebra-pau? Se tiver, dane-se. Amir senta do lado dele, e as perguntas começam.

- Cara, você acha que o Brasil tem condições sociais e humanas pra sobreviver à ditadura, ou você acha que este governo que tá vai fazer com o Brasil o mesmo que a Alemanha nazista fez com a Polônia, fez com a Áustria, fez com a Tchecoslováquia e com mais uma pá de países que ela esfaçoalhou, hem?

- Bicho, você acha que a milicada da linha dura tá apoiando mesmo o Lacerda, ou você acha que tudo isso é papo furado e eles tão tentando é só legalizar a ditadura, pegando um cara da CIA, querendo tapar os olhos do povo como se o careta fosse um messias, hem?

- No contexto atual, você acha válido o posicionamento ainda passivo da esquerda, ou você acha que devíamos partir já pra luta armada contra o gorilismo, como quer o Marighela, hem?

- A consciência política do povo brasileiro já tá amadurecida. Você acha que já é hora de botar essa milicada pra correr, ou você acha que é melhor esperar essas vacas fardadas cagar de medo, e se mandar, hem?

- Você acha que o Costa e Silva vai ser o candidato natural da ditadura, porque é ministro da Guerra e pode botar os tanques na rua, ou você acha que o Castelo Branco vai ter peito de dar um chega pra lá, e vai marcar eleições ano que vem, hem?

- Você acha que...

Amir se levanta, e levanta os braços..

- Gente, assim não dá. Uma pergunta de cada vez, por favor. Um faz uma pergunta e deixa Eduardo responder, e depois o outro faz outra pergunta e assim por diante, ok? Agora, eu só queria era lembrar que nós viemos aqui pra discutir teatro. Uma peça de teatro, tá, gente? Esquece não, tá?

Uma moça se levanta, na segunda fila. É alta, magra, e usa óculos de aros de metal. Ergue um braço, e Amir acena com a cabeça.

- Ok. Pode perguntar.

A moça tira a alça da bolsa do ombro. Amir senta. A moça coloca a bolsa na cadeira, e passa as mãos no cabelo, cortado curto.

- Eu queria saber o quê que você acha que a sua peça tem a ver com a realidade brasileira.

Eduardo se levanta.

- Pode responder sentado mesmo.

Eduardo senta. A moça acende um cigarro.

- Bem. A minha peça foi escrita pra...

A moça levanta um braço.

- Eu não perguntei pra quê que a sua peça foi escrita. Eu perguntei o quê que você acha que ela tem a ver com a realidade brasileira.

- Bem. Eu...

A moça gesticula.

- Péra. Péra. Você diz que todo homem tem direito de ter razão. E aí é que eu pergunto. Você não acha que você, dizendo isto, você tá justificando essa milicada que tá? Quer dizer, se todo homem tem direito de ter razão, então essa gorilada também tem esse direito, e a ditadura tá justificada. Ou não? Hem?

- Bem. Eu acho que...

- Não esquecendo que o posicionamento que você deu às personagens masculinas em relação às femininas é completamente retrógrado e alienado.

Uma voz masculina grita do fundo da plateia.

- A revolução sexual tá, bicho.

A moça joga o cigarro no chão, e esmaga-o com a sola do sapato.

- Você parece esquecer que se a mulher, hoje, aceita determinadas injunções, faz isso muito mais porque quer do que por imposições de um meio absolutamente idiota e machista...

Em diversos lugares da plateia soam palmas e gritos de apoio. Em outros, assobios e urros. Amir faz um gesto, pedindo silêncio. A moça continua.

-... um contexto e um meio absolutamente idiota e machista que se acha dono do mundo, tá entendendo?

Uma voz feminina grita do meio da plateia.

- Essa de mulher pilotando forno e fogão cabou, cara. Ou será que você ainda não sacou isso, hem? Se manca, pô.

Amir pede novamente silêncio com um gesto, e a moça continua.

- Eu acho a sua peça sem contexto, sem mensagem, reações mesmo, entendeu? Nada a ver com a gente botando essa milicada pra correr, tá entendendo? Pra mim, é completamente alienada, fora de qualquer contexto histórico, deu pra entender? Porque, primeiro, no Brasil só tá só quem não tá do nosso lado. Segundo, porque você só mostrou a mulher numa sociedade ainda machista e retrógrada. Terceiro...

- Sabe, Eduardo? Toda vez que você se cala, sei lá, me dá a

impressão que você tem medo.

- Todo mundo tem medo, Auri. Você não tem?

- Eu tenho sim. Mas quando tenho certeza que tou certa, cabou. Não tem medo que resista.

Eduardo olha Auri. E quem nunca tem certeza? Faz o quê? Dá um tiro nos miolos?

- Meu irmão, eu só tenho medo é que essa tal de revolução não dure o suficiente pra gente tirar a forra. O resto...

O Pinto sorri, deitado sobre o bilhar.

- ...o resto, não tou nem aí.

A moça continua, Eduardo em órbita, perdendo algumas frases.

- ... pra luta mesmo. Cada um pegar seu porrete e botar essa milicada pra correr. Isso é que eu acho, entendeu?

A moça senta debaixo de uma salva de palmas. O debate durou quase três horas. Eduardo não respondeu uma única pergunta. Nem sobre a peça, nem sobre qualquer outro assunto. As pessoas colocavam as questões, e elas mesmas respondiam.

- Quem que é o Homem Sentado?

- Bem...

- É você?

- Bem...

- Só podia. Num contexto onde todo mundo corre atrás, só você podia correr na frente.

A gargalhada varreu o teatro, e Amir reclamou.

- Pô, gente, assim dá não.

Mas de nada valeu. O debate terminou depois da meia-noite, exatamente como tinha começado. Quem perguntava respondia, e todo mundo ria das piadas.

Auri quis saber como foi.

- Se falou de tudo, menos de teatro.

- Se falou de tudo, menos de...

- Foi uma merda, Auri. No fim teve até um cara que me deu parabéns. Cara, valeu. Você já viu tanta gente passar um pente tão fino no Brasil? Nem Brizola, vai por mim.

76

Encostada no carro de Estevo, Nina vê Alda sair, correndo da portaria do edifício Euclides Moreira Montenegro, onde mora Afonsina. Foi ali que Estevo me levou. E foi aquela moça que eu vi abraçando Estevo, no carro dele, meu Deus. Alda atravessa o largo, sempre correndo. Minutos depois Estevo Jimenez sai do edifício assobiando. Nina se esconde atrás do carro. Ah, Estevo, Estevo. Estevo acende um cigarro, e atravessa a rua. Só vê Nina quando pega na

chave para abrir a porta do carro. Puta que pariu, logo agora, puta merda?

- Quê que você tá fazendo aqui, hem?

- Quero falar com você.

- Mas agora?

- Agora.

- Agora dá não.

- Eu quero falar com você, Estevo.

- Escuta.

- Agora, Estevo.

Estevo joga o cigarro no chão, e abre a porta do carro. Puta que pariu. Mulher é uma merda mesmo. Senta, e destrava a porta do carona. Nina entra, e senta. Estevo liga o motor, e o carro arranca, cantando pneu no asfalto. Puta que pariu. Se Magda me pega, tou fodido. Nina cruza as mãos no colo, e olha a rua através do parabrisas. Só tenho pena é de vovó, Deus que me perdoe.

77

Eduardo salta do lotação no ponto do Café Lamas. Olha o salão iluminado, os garçons correndo, afobados, por entre as mesas, e escuta o barulho das conversas e dos risos. Para, e olha o Largo do Machado, gente por todo lado. Foda-se. Começa andando. Mete as mãos nos bolsos, e abana a cabeça. Fazer o quê, sem Auri?

- Eduardo, hoje eu posso engravidar.

- Não, Auri.

- Não, porquê?

- Porque eu não quero.

- Não quer, porquê?

- Porque não.

- Porque não, mas porquê, Eduardo?

- Auri, eu não pedi pra nascer, e não quero que um filho meu me diga a mesma coisa.

- Eu também não pedi pra nascer, Eduardo.

Eduardo atravessa o largo. Ninguém pede pra nascer, mas nasce, a merda é essa. Para na esquina da Rua Gago Coutinho, e olha a porta da casa da tia de Roberto. O pessoal do Conservatório está saindo.

- Tchau, gente

Torres para no meio da rua.

- Roberto, esquece de telefonar pra Dora não, viu? Tou preocupado.

Eduardo começa andando. Quê que eu vou fazer agora? Para, e puxa uma tragada profunda. Puxa outra, joga o cigarro no chão, atravessa a rua, e chuta a carteira vazia de um maço de cigarros. Quê que eu vou fazer agora sem Auri? Sou escritor. Mas que merda de

João e Zeza descem a Rua do Catete. Zeza mora na Rua Santo Amaro, na Glória, e João vai levá-la em casa. Caminham devagar pela calçada.

- Sabe, João? Eu só vou nos bailes de Roberto porque sou amiga de todo mundo, entende? A gente estuda junto, somos amigos, essas coisas, você sabe como é que é, né?

João olha Zeza, o cabelo louro amarrado num rabo de cavalo, e os seios balançando na cadência do andar. Mas que puta foda tu arrumou, hem, João?

- Mas o que eu gosto mesmo é de teatro.

João olha-a. Que fodão, hem, João?

- Lá na escola, por exemplo, todo dia tem caras que vão lá falar que a gente devia fazer isto, que a gente devia fazer aquilo, que a gente devia botar a milicada pra correr, mas eu sinto que não é uma coisa organizada, tá entendendo? Tem um, então, o Pinto, não sei se você conhece o Pinto?

João acena com a cabeça. Vai. Vai, que a gente chega lá.

- Sei.

- Por ele, a gente já tinha botado era fogo naquilo tudo. Mas tá na cara que é só bafo, papo furado, tá entendendo?

João sorri. Vai. Vai, que já tá que tá.

- Eu acho ele muito faroleiro, entende? Eu não entendo muito disso, sabe? Mas um cara que fala do jeito que ele fala, eu acho que não pode ser do partido, conforme ele diz que é, tá entendendo?

João olha-a, e acena com a cabeça. Vai. Vai. Bota pra fora. Bota pra fora, que depois eu entro.

- Por isso eu fiquei satisfeita em ter conhecido você hoje, sabe? Eu nunca tinha visto ninguém assim do partido, e...

- Tem uma coisa, Zeza. Roberto foi que disse que eu era do partido, certo?

A voz de João soa solene, como quando fala nos comícios. Zeza olha João.

- Você não tá pensando que eu...

- Não, não, quê que há? Só que, você entende, né? Aliás, conforme você mesma disse, por causa do Pinto falar demais é que você acha que ele...

Zeza pega a mão de João. João aperta-lhe os dedos. Isso. Isso. Vai. Vai, que botar os pontos nos ii é comigo.

- Você já teve preso?

- Eu? Você tá brincando.

- Tou só perguntando.

João sorri. Tá no ponto.

- Claro que eu já tive preso, Zeza. Agora...

- É fácil a gente ser?

- Ser o quê?

- Do partido.

João aperta os dedos da mão de Zeza, e sorri. Já tá que tá.

- Fácil, é não. Tem uma escolha muito grande, você entende?

Coloca as mãos nos ombros de Zeza, e olha-a durante alguns momentos. O busto de Zeza oscila com a cadência da respiração. João olha Zeza, e balança a cabeça. Que fodão. E já tá que tá, hem, João?

- Agora, quando alguém de dentro se responsabiliza, aí é diferente.

João faz uma pausa. Tu é foda, João. Fodão mesmo. Zeza começa andando. Pô, cara, tu nasceu mesmo de cu pra lua, cacilda. Um mulherão destes te dando a maior sopa, já pensou?

- Zeza, na hora que a gente quiser, a gente bota o Prestes onde for preciso. Na praça XV, em Brasília, onde a gente quiser, entendeu?

Começam andando.

- Você conhece ele?

- Se eu conheço ele? Ô Zeza, é claro que eu conheço ele. Quem não conhece Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, hem?

- Mas ele não teve sempre fugido? Eu sempre escutei falar que...

João ri.

- Ô Zeza, Prestes sempre teve onde foi preciso. Ou você pensa que os congressos do partido são feitos ali na Praça XV, hem? Uma vez eu quase fui a Moscou.

Zeza para.

- Chegamos.

Zeza aponta um edifício um pouco à frente.

- Eu moro ali.

João olha a porta do edifício, e olha Zeza. Falar em política é uma merda. A gente se entusiasma, e se fode. Mas não há de ser nada.

- Escute.

- Diga.

- Bem. Quer dizer... Sabe? Depois do baile de Roberto, eu...

João se cala. Zeza olha-o.

- Fale.

João respira fundo, e mete as mãos nos bolsos. Ah, foda-se. Ou vai ou racha.

- Sabe o quê que eu queria mesmo?

- Diga.

- Era dar um beijo em você. Posso?

Impostada, a voz de Gontijo Teodoro, locutor do Repórter Esso, está no meio de uma frase.

- ...os jornalistas acreditados na Casa Branca que...

Albertina desliga a televisão, e começa se despindo na frente do espelho. Um cheiro de comida requentada enche o apartamento. Merda de fedor, parece até privada. Olha a imagem, refletida no espelho. Preciso fazer regime. Tou que tou parecendo uma baleia. Roda o corpo, e apalpa a barriga. Tá demais mesmo. Soam passos no corredor. Será que é Beto? Os passos param, e uma campainha toca em outro apartamento. Eu aqui sozinha, e aquele cachorro se esbaldando por aí. E o pior é que só tá atrapalhando minha vida. Quê que aquele cachorrão pode me dar? Nada.

Albertina tem trinta e cinco anos, e faz oito que trabalha como caixa na Itapoã Modas. Seu Homero foi claro no ato da admissão.

- Empregada minha, ou dá, ou...

Deixou a frase em suspenso, mas Albertina entendeu. Precisava do emprego, e aceitou. Deu. Meio ano depois, não deu mais. Seu Homero quis mandá-la embora. D. Alberta não deixou.

- Homero, Albertina é moça de confiança. Nunca faltou um centavo na caixa, e tu não vais mandá-la embora.

A partir do dia seguinte começou faltando dinheiro na caixa. Cinquenta, cem, às vezes, até duzentos cruzeiros. Albertina falou com D. Alberta.

- D. Alberta, não aguento mais. Seu Homero...

- Deixa, minha filha. Homero é assim mesmo. Birrento como ele só. Mas deixa. Tu fazes de conta que não sabes, fazes os vales, e eu depois acerto contigo. Embora é que tu não vais.

Seis anos depois Albertina conheceu Beto, e passado um mês dormiu com ele. Beto, piauiense, se dizendo estudante de medicina. Será que aquele cachorro vai demorar? Vai ver arrumou alguma vaca por aí, só pode. Desgraçado. Cachorrão. Eu tou é me enganando, de besta que sou.

80

D. Nair acaba de arrumar a cozinha. Entra na sala, liga a televisão, e se esparrama no sofá. Poxa, hoje deu até pra cansar. Eta diazinho bom, pedi até arrego. Apaga a luz do abajur, e olha a televisão, esperando a novela começar. Quem será o Rato? Será que é hoje que vão dizer? O prefixo musical da novela começa, e o ator Henrique Martins empina o cavalo nas areias escaldantes do deserto do Saara.

81

- Você não disse que queria falar comigo? Hem?

Nina não responde. Com as mãos crispadas na alça do painel, olha fixamente o asfalto do Aterro do Flamengo através do para-brisas. Só tenho pena é de vovó. Estevo dá uma palmada no volante.

- Porra, Nina. Faz um tempão que tou falando com você, e você não responde, merda. Quê que há, hem? Você queria ou não queria falar comigo, hem?

Nina continua calada, e Estevo pisa com raiva no acelerador. Mulher é uma merda mesmo, puta que pariu.

- Quê que você quer, afinal? Hem? Você já me disse que tava grávida. E daí? Você não é a primeira mulher que fica grávida não, porra. E tem mais. Se não tivesse fodido que nem vaca, não engravidada, isso eu garanto.

Nina continua na mesma posição, silenciosa. Só tenho pena é de vovó.

- Fala, porra, ou tá pensando que eu...

Estevo se vira, e os olhares de ambos se cruzam por um momento. Nina abana a cabeça, devagar. Só tenho pena é de vovó, Deus que me perdoe. Estevo crisa as mãos no volante, e acelera ainda mais. Puta que pariu, só me faltava esta ago...

Não vê, mas sente Nina puxar o freio de mão com força. O carro, freado de repente, capota, sobe no canteiro, e a cabeça de Estevo estoura ao bater num poste. Nina ainda viu a boca aberta, os miolos espirrados, e o sangue escorrendo do crânio esfacelado. Depois não viu mais nada, o rosto rasgado, sangrando, e saindo do para-brisas estilhaçado. Deus que me perdoe.

82

Fernando espera Cecília no ponto do lotação da igreja de Nossa Senhora da Glória. Dois lotações param. Fernando presta atenção nas pessoas que saltam. Pô, cadê Cecília? Acende um cigarro. Nunca que ela veio tão tarde, merda. Puxa uma tragada, e olha a esquina da Rua Bento Lisboa. Um lotação para no sinal. Se não vier naquele, vou embora, dane-se. O sinal abre, o lotação entra no largo, e para junto de Fernando, guinchando na freada. Fernando assusta, salta para trás, e olha o motorista limpando o suor do rosto com um lenço vermelho. Tomar no cu, viu, seu sacana. Uma sacola de plástico em cada mão, sorridente, Cecília desce do lotação.

- Oi, amor.

Cecília coloca as sacolas no chão, e beija Fernando.

- Quê que houve? É tarde paca.

- Fui no médico, bem.

- Foi no médico? Quê que você tem?

Cecília sorri.

- Nada. Só queria ter certeza.
- Certeza? Certeza de quê?
- Cecília abraça Fernando.
- Tou grávida, bem.
- Grávida? Grávida como?
- Como? Ora, bem. Grávida. E também arrumei a transferência.

Semana que vem já começo na Miguel Couto.

Fernando fecha os olhos. Puta que me pariu. E agora? Quê que eu digo pra Norma? Cecília olha Fernando.

- Não tá feliz não, bem?
- Fernando abre os olhos, e olha Cecília.
- Claro que eu tou feliz, não tá vendo não?

83

Mauro continua sentado no sofá, esperando Lia. Meu Deus, como Lia tá demorando. Será que aconteceu alguma coisa no trem dela, coitada? Será que... Não termina o pensamento. Uma chave entra na fechadura, e a porta abre. Mauro pula do sofá.

- Lia, que foi que aconteceu, meu Deus do céu?
- Lia joga a bolsa em cima do sofá.
- Não aconteceu nada.
- Você nunca chegou tão tarde assim, Lia. Eu já tava preocupado.
- Lia senta no sofá, e olha Mauro, em pé, na frente dela.
- Senta aqui. Preciso falar com você.
- Aconteceu alguma coisa, Lia?
- Senta, Mauro.

Mauro senta. Lia olha-o. Não tem jeito mesmo. Mauro olha Lia, e sorri. Graças a Deus não aconteceu nada, coitada.

- Lia, você sabe o quê que eu fiz hoje de manhã? Hem?
- Lia acende um cigarro.
- Escuta, Mauro. Nós precisamos conversar.
- Não quer jantar primeiro não?
- Não.

Mauro cruza, e descruza as mãos em cima dos joelhos.

- Olha, eu fiz o jantar enquanto você não vinha, sabe? Fiz empadão...

- Mauro, escuta.
- ...fiz empadão e...
- Mauro.
- ...e acho que ficou bom, sabe? Eu...
- Mauro, quer me escutar, por favor?

Mauro olha Lia. Lia puxa uma tragada profunda, solta o fumo numa baforada longa, e olha Mauro.

- Mauro, eu vou embora. Só vim aqui hoje dizer isto pra você, e

arrumar as minhas coisas.

Mauro olha Lia, os ombros curvados, os olhos úmidos, e os lábios tremendo.

- Lia, você... Você vai embora mesmo, Lia?

- Vou.

- É que eu tinha comprado um presente pra você, sabe? Dois biquinhos. Um preto e um vermelhinho.

Lia apaga o cigarro no cinzeiro. Mauro se levanta.

- Quer ver? Eu vou buscar.

Mauro entra no quarto. Lia olha Mauro se afastando. Bem que Gomes tinha razão. Curto e grosso dói menos. A gente, às vezes, é que fica inventando drama à toa, à toa.

84

- Quê que é isso, Maricota?

Seu Aristeu quase salta da cama, estremunhado.

- Meu Deus, que susto, Seu Aristeu.

- Que dalilagem é essa, Maricota?

- Que o quê, Seu Aristeu?

- Que merda...

- Seu Aristeu.

Seu Aristeu senta na cama.

- Maricota, me diga. Que negócio é esse de querer cortar meu cabelo? Hem, Maricota?

Tesoura de costura na mão, D. Maricota tenta sorrir.

- Lembrancinha do senhor, Seu Aristeu.

- Lembrancinha? Que merda de lembrancinha, Maricota?

- Seu Aristeu.

- D. Maricota, tenha fé. Deus escreve direito por linhas tortas.

- Mas, D. Aurora...

- D. Maricota, o que o Irmão Élcio não pôde terminar, D. Nirvaína vai fazer pra senhora. A senhora só precisa ter fé, D. Maricota. Muita fé.

- Que lembrancinha é essa, Maricota?

D. Maricota funga, limpando o nariz na manga da camisola.

- O senhor é um insensível, Seu Aristeu.

- Maricota, sensível é filme virgem.

- O vosso problema é muito grave e forças maléficas atravessam o seu caminho. Vós tendes inimigos fortes. Inimigos poderosos, inimigos invejosos, mas D. Nirvaína vai te curar de todos os vossos males.

- D. Maricota, a senhora tem que ir em D. Nirvaína. D. Nirvaína é uma mulher de muita virtude, de reza muito forte, D. Maricota.

- Maricota.

- Sim, Seu Aristeu?
- Pra quê que é isso, essa lembrancinha, hem?
-É lembrancinha do senhor, Seu Aristeu. Pra eu botar na carteira, junto com o retrato do senhor.
- Na carteira a gente bota dinheiro, Maricota.
D. Maricota funga.
- Tá bom, Maricota. Tá bom. Comete a dalilagem, vai.
- Trazei-me cabelos dele, lenço usado, cueca, e alguma coisa que já tenha entrado no corpo dele. Escova de dentes, pode ser, ou agulha de injeção.

D. Maricota corta uma mecha dos poucos cabelos de Seu Aristeu. Graças a Deus, meu Deus do céu. Seu Aristeu recosta no travesseiro, e passa a mão na cabeça. Infinita; mesmo, só a burrice humana, puta merda. Olha D. Maricota. Principalmente a minha, Maricota. Principalmente a minha.

85

Seu Joaquim estava fechando o bar quando João entrou. Estendido na calçada, bêbado, Cazuza dormia.

- Fechando cedo hoje, patrício.

Seu Joaquim olha o relógio de bolso.

- Ai, já são mais que horas.

Passa para dentro do balcão.

- O amigo teve notícias do Lontra, mais do Jeremias?

- Soube nada não, patrício.

- Diz que foram presos.

- Nada, patrício. Nesta terra só é preso quem é honesto.

- Lá nisso o amigo tem razão, não tem dúvida.

Seu Joaquim olha João, e sorri.

- E então? Como é que foi lá a função, hoje?

- Função? Que função, patrício?

- Lá o bailarico. Parece que teve animação.

João sorri.

- Quê que há, patrício?

- Pois não foi o que me disseram. Diz que até uma das moças esteve à morte.

- Que nada, patrício. Um porrinho à toa, à toa.

- Pois me disseram que a coisa esteve bem feia. E eu vi o táxi que a levou, lá isso vi.

Seu Joaquim encosta no balcão, e mete os polegares nas cavas do colete. Sorri.

- E cá o amigo? Fez bom passeio?

- Passeio? Que passeio, patrício?

- Ora pois então não me disseram que o amigo andou por aí de

burra no cabresto, como diz o outro?

- Quê que há, patrício? Já não se pode ser educado nesta terra não?

Seu Joaquim cofia as guias do bigode.

- Pois que lhe faça bom proveito. Bom proveito lhe faça, que a senhora D. Aldinha, não seriam ainda nove horas, andou por aí.

- Alda? Alda andou me procurando? E disse alguma coisa?

- Pelos vistos andava à procura lá do meu compadre, o António Carroceiro. O senhorio aí do amigo.

- E ela falou com ele?

- Bom. Certeza se ela falou com ele ou não, eu não tenho não. Mas deixa perguntar ali à Deolinda, que ela deve de saber. Deolinda. Ó Deolinda.

D. Deolinda aparece na porta da cozinha.

- Que queres tu, home de Deus?

- Ó Deolinda, tu sabes se a senhora D. Aldinha sempre chegou a falar lá com o compadre?

- Falou, home de Deus, falou.

D. Deolinda entra na cozinha.

- Pois então é como lhe digo. A senhora D. Aldinha sempre se entendeu lá com o compadre.

João sorri, e sai do bar. Puta que pariu, João. Tu tem uma sorte que eu vou te contar. Agora só falta mesmo é tu ficar por cima da carne seca. Pô, João, tu já pensou? Tu de mercedão, essa babacada toda aí te lambendo a bunda, e tu com um puta gabinete na Assembleia, motorista na porta, mulherio em tudo quanto é hotel? Hem? Puta que pariu, que vidão tu vai ter, hem, João?

Acende um cigarro, procura a chave da porta nos bolsos, e sorri. É. Agora só falta mesmo é Alda tar a fim, que a noite vai ser de virar. Ah, vai. Aquela putinha riu na minha cara, mas ela vai ver só. Qualquer dia pego ela de jeito, e ela vai ver só. Mete a chave na fechadura. Filha da puta, tinha alguma coisa demais me dar um beijo, hem? Abre a porta. Deixa é ver se Alda tá a fim, que eu tou a fim pra cacete. Fecha a porta. Aquela putinha me deixou tesudo que nem te conto, cacilda. E foi até bom ela não ter topado, senão Alda ia passar era jejum.

Acende a luz da sala.

- Alda, cheguei.

Alda não responde, João entra no quarto, e acende a luz.

- Ô Alda. Quê que é isso, Alda? Chorando pra quê? Vem cá, vem, que eu tou, ó. Tá vendo não?

estendido na calçada. Eduardo passa por cima dele. Este é que é feliz.

- Eduardo.

- Hem?

- Olha aquele barco.

- Que barco?

- Lá. Aquele que tá saindo da barra.

- Quê que tem?

- Daqui a meia hora já não tá mais lá.

- Claro que não. Tá saindo.

Auri não responde. Eduardo olha-a.

- Quê que você tem, Auri?

- A gente devia ser igual.

Auri está sentada na areia, o queixo apoiado nos joelhos e os braços abraçando as pernas. É quase noite, e a praia na frente do Hotel Glória, do outro lado do Aterro do Flamengo, está deserta. Eduardo passa-lhe um braço pelos ombros.

- Igual pra quê?

- Pra esquecer.

- Esquecer? Esquecer o quê, Auri?

- Tudo.

Calam-se num silêncio longo. Auri muda de posição, e estende as pernas. Eduardo acende um cigarro.

- Sabe, Eduardo? Eu tenho pensado muito.

Eduardo olha-a. Auri tem os ombros caídos, e as mãos estão crispadas em volta dos joelhos.

- Desde que nos conhecemos que eu tenho aprendido muita coisa com você. Muita. Muita mesmo.

Faz uma pausa, e olha Eduardo.

- Mas você não aprendeu nada comigo.

- Ô Auri.

- E isso mesmo, Eduardo. Você não aprendeu nada comigo.

Eduardo acena com a cabeça.

- Aprendi sim, Auri. Aprendi muitas coisas. Aprendi a gostar, aprendi a...

- Não aprendeu não, Eduardo.

Auri abana a cabeça.

- Não aprendeu não. Você não gosta de mim.

- Auri.

- É isso mesmo, Eduardo. Você não gosta de mim. Você gosta é que eu goste de você. É diferente.

Eduardo joga o cigarro na areia.

- Isso não é verdade, Auri.

- É verdade, Eduardo. Você diz que tem medo de me perder.

- E tenho mesmo.

Auri abana a cabeça.

- Não tem não, Eduardo. Você tem é medo de ficar só.

87

Duas e meia da manhã. A última sessão de O Demônio das Onze Horas terminou faz pouco mais de meia hora, e a esplanada da lanchonete Oklahoma, na Rua Senador Vergueiro, fervilha de gente. As mesas estão todas ocupadas, e os garçons não param, carregando tabuleiros com chopes. Apesar da proximidade do mar, não corre vento, e o ar está abafado. Na calçada, moças e rapazes, sentados no chão, conversam animadamente, os chopes nas mãos ou do lado das pernas, em cima do asfalto. Grupos dispersos, conversam em pé, esperando vagar alguma mesa. Os letreiros da lanchonete e do Cine Paissandu iluminam a calçada.

Numa mesa junto do meio-fio, o Pinto toma chope com dois conhecidos. Um, moreno, de óculos sem aros, bigode caído nas pontas e sem barba, e o cabelo raspado, máquina zero. O outro, louro, de barba sem bigode, e com o cabelo pelos ombros. Ambos vestem jeans desbotados, calçam chinelões de couro trançado, e têm grandes bolsas de pano a tiracolo. O de óculos faz um sinal ao Pinto.

- Pô, bicho, caladão.

O Pinto bebe um gole, e acena com a cabeça.

- Pô, meu irmão, hoje peguei um pifo que eu vou te contar. Entrei até de amônia, putz, senão, ó. Tava aqui não.

- Pifo, bicho?

- Pifãozão, meu irmão. Bebum mesmo. Num baile de um cara aí.

- Baile? E tu se amarra nessa, bicho?

- Só pra amaciar, meu irmão. Só pra amaciar, sabe como é que é, né?

- Baile, família, e coisa e tal, essas caretices? Pô, bicho, qual é, tu se amarra?

- Não é, propriamente, me amarrar, entendeu? Só que, tem hora, a gente tem que dar uma de, sabe como é que é, né?

- Altos brilhos, bicho?

- Isso aí, meu irmão.

- Falou, bicho. Agora tu se enquadrou.

O de barba enrola um baseado.

- Mas tu perdeu um filmão, bicho. Godard é gênio mesmo, pô. Sensacional, bicho. Sensacional.

O de óculos bebe um gole, e abana a cabeça.

- Qual que é, bicho? Pierrot le Fou é bolhice pura, pô. Saca só o título, O Demônio das Onze Horas. E aquele careta mandando ver no Ferdinand uma de cinema imperialista, rojão de morte, amor e ódio, essas caretices aí, não tá com nada não, bicho. Pura gorilice, bicho. E

digito mais, bicho, totalmente superada, entendeu? Paz e amor, bicho. Paz e amor, sacou?

O Pinto bebe um gole, e acena com a cabeça.

- Tou com você e não abro, meu irmão. No fundo, no fundo, Godard é pequeno-burguês até. Reaça que nem Ford.

O de barba acende o baseado.

- O mal das gentes, bicho, é que nem todo pequeno-burguês é Godard, morou?

O de óculos olha o de barba.

- Qual que é, bicho? Crepúsculo de uma Raça redimiui Ford, pô.

- Sem essa, bicho. Por acaso, só porque tu tá numa boa aí, bicho, você redimiui teu pai? Quê que há, bicho, sem essa.

- Nessa eu tou com você, bicho.

O Pinto olha o copo dele, vazio.

- Falou, meu irmão.

Aponta o copo.

- Repeteco?

O de barba não responde, e passa o baseado ao de óculos.

- Tem redenção não, bicho. Meu coroa é tão reaça, bicho, mas tão reaça, que ainda torce pelo Fluminense.

- Mixa o papo, bicho. Fute é que nem religião. Ópio, tá entendendo? E o negócio é esse não, bicho. O negócio é nego arejar, se mandar, tá entendendo? Mês que vem tou muito a fim de entrar numa de Amazônia, tá sabendo? E tu devia era se mancar, sacou? Cortar essa de sufoco e se mandar, bicho. Bicho, tu já pensou nego aqui numa pior, num sufocão pega-que-pegas, se mandar, pegar o verdão e sair dessa, ficar numa boa, paz e amor, sacou, bicho? E sem essa de competição, morou? Bicho, vai por mim, o futuro do Brasil tá na mata, no verdão, tá entendendo? Tá na Amazônia, no oxigênio. Lá é que tá o molho, bicho. Bicho, saca, se a gente não cuidar do verdão, bicho, vem o imperialista e ó. Leva tudo, tá entendendo?

O Pinto pega o copo do de barba, e bebe um gole.

- Ah, concordo não, meu irmão. O futuro do Brasil tá é aqui, no asfalto, na dureza, meu irmão. Não viu Vianinha no O Desafio não? E Bethânia mandando ver em Carcará?

- Qual que é, bicho? Vianinha não tá nem aí. Vianinha tá é na dele, se manca, bicho. E Bethânia quer é pintar no pedaço, quê que há?

- Sem essa, meu irmão, sem essa. Vianinha é reserva, tá sabendo? E Bethânia ouro puro, vai por mim. Santo Amaro numa boa, puro mesmo, entendeu?

O de óculos puxa outra tragada.

- Reserva mesmo, bicho, é Glauber. Moral na maior.

- Qual que é, bicho? Glauber entrou no contexto, pô. Tu tá é por

fora, bicho. Se manca, Glauber já era.

O de óculos passa o baseado ao Pinto. O Pinto puxa duas tragadas seguidas.

- Nessa eu tou com você, meu irmão, Glauber não tá com nada.

- É isso aí, bicho, Glauber não tá com nada. Agora, Isabela é reserva, bicho. Morou O Desafio, hem? Filmão, bicho. Filmão.

Yone, bolsa de pano-cru a tiracolo, um livro de capa branca debaixo do braço, bate nas costas do Pinto.

- Oi.

O Pinto vira a cabeça.

- Oi. Gente, esta é Yone, falou? Gente fina.

Passa o baseado ao de barba, e aponta a borda da cadeira.

- Senta.

Aponta o livro.

- Mao?

Yone aperta o braço contra o corpo.

- Hum, hum.

- Posso ver?

- Depois, ocá?

Aponta, vagamente, uma mesa do outro lado da calçada.

- Tou ali com um pessoal do sul, chegou hoje, e sabe como é que é, né? Não convém agitar demais, senão ó. Já viu, né?

O de óculos aponta o baseado na mão do de barba.

- Vem junto. Numa nice.

O de barba oferece o baseado a Yone.

- Numa boa.

Yone puxa uma tragada.

- Posso não. O pessoal veio sacar as passeatas, e sabe como é que é, né? Precisa manerar.

- Falou.

Yone passa o baseado ao de barba, e encosta na cadeira do Pinto.

- Viu Eduardo?

- Vi não.

- Se vir, diz que eu tou por aí, tá?

- Numa boa.

O Pinto aponta o livro.

- Tou a fim de dar uma sacada.

- Pura bíblia, cara.

Yone se afasta. O de barba apaga a bagana do baseado com cuidado, na borda da mesa.

- Bíblia, bicho? Tu se amarra em apostólico, bicho?

O Pinto ri.

- Livro Vermelho de Mao, meu irmão. Puro faz de conta, dentro

só folha em branco, sacou? No Conservatório tem de montão. Só pra dar uma de, tá entendendo?

O de óculos pega o copo dele, e bebe a última gota.

- Quem que é Eduardo, bicho?

- Um careta aí, meu irmão. Um reça metido a dramaturgo.

- Burguesão?

O Pinto acende um cigarro, e encolhe os ombros.

- Coisa e tal, sabe como é.

- Quadradão.

- Isso aí, meu irmão. Linha durona.

Por entre as mesas passa um jornaleiro apregoando, e oferecendo jornais.

- A Luta! Olha A Luta! Terrorista morta em Laranjeiras! Olha A Luta! Vai A Luta?

O Pinto chama o jornaleiro.

- Ô.

O de barba guarda a bagana do baseado na sacola.

- Bicho, uma de Time-Life, pô?

O Pinto volta a chamar o jornaleiro.

- Ô meu irmão.

O de óculos olha o Pinto.

- Imperialismo, bicho?

O Pinto encolhe os ombros.

- Só pra enquadrar, meu irmão. Só pra enquadrar.

O jornaleiro chega junto da mesa.

- Vai A Luta?

O Pinto pega um jornal.

- Só uma sacada, tá, meu irmão?

Na primeira página, a manchete em letras garrafais, e uma fotografia esbatida, reproduzida da carteira de identidade.

TERRORISTA MORTA EM TIROTEIO

Por resistir à prisão, foi morta na Rua Pereira da Silva, em Laranjeiras, a terrorista Auri Paraguassu de Camargo Pennafort. (pág. 12)

O jornaleiro aponta o jornal.

- Vai?

- Brigadão, tá, meu irmão?

O jornaleiro pega o jornal, e se afasta, continuando o pregão.

- A Luta! Olha A Luta! Terrorista morta em Laranjeiras! Olha A Luta! Vai A Luta?

O de barba passa mão na barba, olhando o Pinto.

- Enquadrou, bicho?

- Um pessoal aí linha dura, que eu manjava.
- Falou, bicho.
- Um agito aí, sabe como é que é.
- Precisa agitar mesmo, bicho. Sem agitar, o vago-simpático, ó.

Sifu.

O de óculos aponta um cartaz na entrada do cinema.

- Falar nisso, bicho, sexta tem Alphaville.
- Filmão, bicho. Filmão mesmo.
- E na outra repete O Desafio.

O Pinto puxa uma tragada.

- Genial, meu irmão. Reserva. Reserva mesmo.
- Precisa agitar, bicho. Sem agitar, já viu.
- Tou com você, meu irmão. Nessa, tou com você e não abro.
- Falou, bicho. Falou mesmo.

O de óculos aponta os copos vazios.

- Mais um bico?
- Falou, bicho. Sem chopinho o vago-simpático, ó. Babau.

O de óculos faz um sinal ao Pinto.

- Bicho, chama o pitanga aí.

O Pinto chama o garçom, e pede mais três chopes.

O de barba recosta na cadeira.

- É isso aí, bicho. As gentes ainda vai fazer deste Brasil um paísão, taí.

O de óculos acena com a cabeça,

- Numa boa, bicho. Podes crer. Paísão mesmo.

O Pinto se espreguiça, e abre a boca, bocejando.

- Podes crer, meu irmão. Podes crer. Só falta é começar.

NOTA BIOGRÁFICA

Cunha de Leiradella, romancista, contista, dramaturgo e roteirista, conquistou muitos dos mais importantes prêmios da literatura brasileira e portuguesa. Seus romances *Sargaços* (1984), *O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior* (1987), *Guerrilha urbana* (1989), *Cinco dias de sagração* (1993), *A solidão da verdade* (1996), *Apenas questão de método* (2000), *Os espelhos de Lacan* (2004) e *Apenas questão de gosto* (2005) foram publicados no Brasil, em Portugal e na Itália, com sucesso de público e crítica, bem como seus contos, reunidos em *Fractal em duas línguas* (1997) e *Síndromes & síndromes (e conclusões inevitáveis)* (1997). Igualmente consagrado como roteirista de cinema, vídeo e TV, é autor de peças de teatro sucessivamente encenadas no Brasil e no exterior. Seus contos e peças foram também publicados em dezenas de antologias. O próprio autor registra: “Nasci na antiga freguesia de São Paio de Brunhais, concelho da Póvoa de Lanhoso, hoje união das freguesias de Esperança e Brunhais, em 16 de novembro de 1934. Emigrei para o Brasil em 1958, onde residi 45 anos, 22 no Rio de Janeiro e 23 em Belo Horizonte. Em 1965, no Rio de Janeiro, com Amir Haddad e Maria Helena Khünner, fundei o TUCA-RIO - Teatro Universitário Carioca. Em 1985, em Belo Horizonte, com Olavo Romano, Oswaldo França Júnior, Branca Maria de Paula e Roberto Drummond, entre outros, fundei e presidi o Sindicato dos Escritores de Minas Gerais. Resido hoje na casa onde nasci, mas continuo fazendo ponte aérea entre Portugal e Brasil, pois ainda tenho residência no Rio de Janeiro.”